J. DA S. MENDES LEAL

INFAUSTAS AVENTURAS

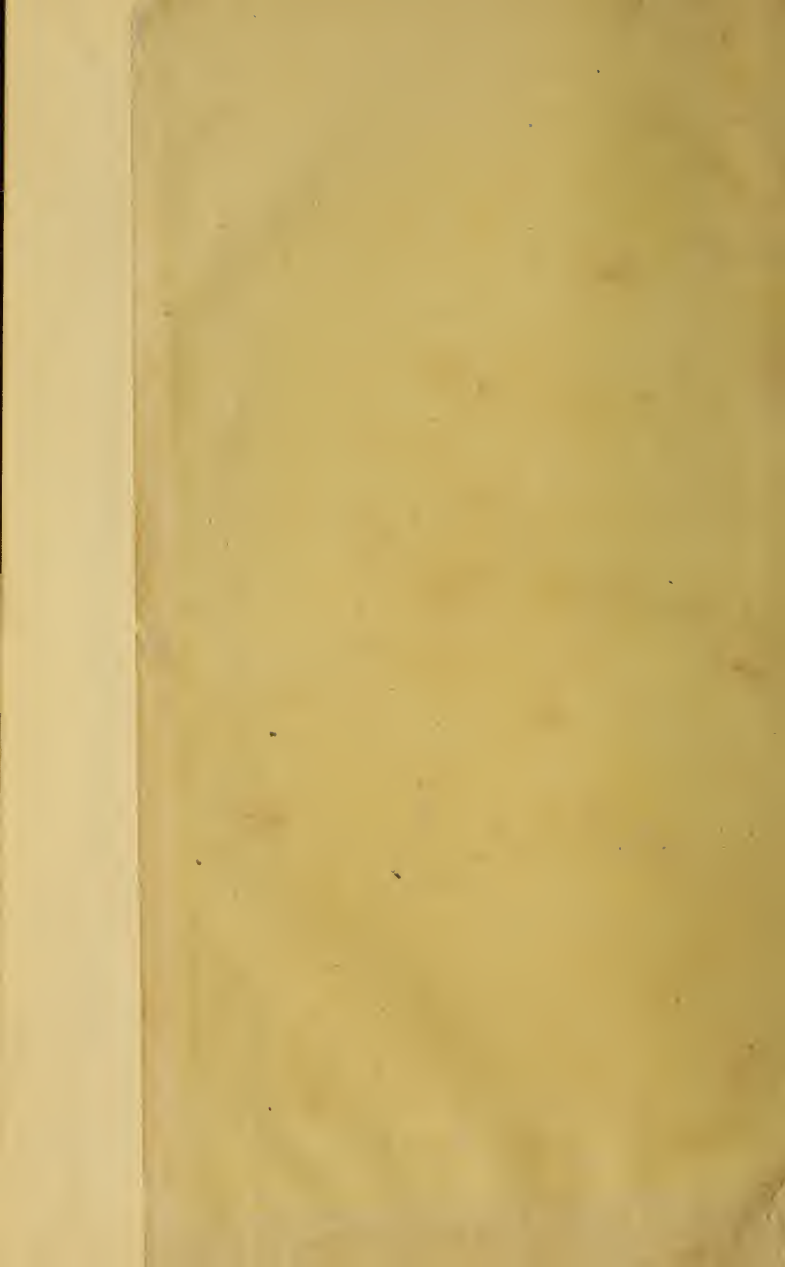
DE

MESTRE MARÇAL ESTOURO

VICTIMA D'UMA PAIXÃO

LISBOA

LIVRARIA DE A. M. PEREIRA

50, RUA AUGUSTA, 52

1863

CHRONICAS

DO

SECULO XVII

I

J. DA S. MENDES LEAL

INFAUSTAS AVENTURAS

DE

MESTRE MARÇAL ESTOURO

VICTIMA D'UMA PAIXÃO

Antonio Augusto de Carvalho Monteiro.
Coimbra 20-5-67.

LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA
50, RUA AUGUSTA, 52

1863

Os pequenos trabalhos, que fazem parte da collecção agora encetada sob o titulo de CHRONICAS DO SECULO XVII, viram originariamente a luz em diversos jornaes; viram-n'a, mas pouco e mal a podiam supportar: uma publicação entrecortada nem consente ao escriptor a meditação intensa, necessaria para corrigir, nem ao leitor a aturada attenção, indispensavel para julgar.

Colligiu aqui o auctor algumas obrinhas, acaso para o diante seguidas de outras analogas, no intuito de manifestar que, sob feições diversas, ha n'ellas a unidade de um pensamento.

Todas com effeito são, a bem dizer, membros até hoje dispersos de uma só familia; tem todas o fito visivel de descrever, com o sincero culto da patria e da historia, uns tantos periodos da vida portugueza no seculo XVII, ainda mal conhecido e avaliado entre nós — n'aquelle seculo de grandes agitações e prodigiosa actividade, já na politica, já na sciencia, que viu a invenção dos logarithmos por Neper e do ba-

rometro por Toricelli; o descobrimento da circulação do sangue por Harvey; a publicação do calculo differencial por Leibnitz; a construcção da primeira machina de vapor por Papin e a descripção do primeiro telescopio de reflexão por Marsenne; a fundação da Academia franceza e a creação do Banco de Inglaterra, como se n'estas instituições se achara retratada a indole, e se estivera já fadando o futuro influxo dos dois povos; a expulsão dos mouros de Hespanha e a revogação do édito de Nantes; Richelieu e Mazarin, o protectorado de Cromwel e a omnipotencia de Luiz XIV; Locke e Descartes, Bossuet e Pascal, Moliere e Corneille, isto é, a philosophia, a eloquencia, a poesia exalçando o facho á humanidade; o supplicio de Cinq-Mars e a condemnação de Galileo, isto é, as trevas disputando a luz; finalmente as revoluções de Inglaterra, de Hungria, de Napoles, de Catalunha, de Portugal, isto é, as commoções da independencia das nações presagiando a lucta da emancipação dos povos!

A feição especial da sociedade portugueza n'este seculo fecundo, os seus infortunios illustrados de gloria, são, crê o auctor, muito para enlevar, attraír, estremecer, exaltar, e acaso advertir! Pareceu-lhe pois que um modesto conjuncto de estudos, esboços sequer, do crer, viver e sentir nacional em tal epoca —de que não estamos ainda tão distantes como pensam, ou dizem alguns—se elle conseguisse, á falta de outro merito, dar-lhe seu tal ou qual geito e sa-

bor caseiro, não seria absolutamente inutil, ao menos pelo que da terra natal tentou colher, e procura transmittir.

Isto só quer, e a isto só aspira, a collecção das CHRONICAS DO SECULO XVII.

Bem suspirára o auctor limal-a e pulil-a com mais remanso e esmero do que lhe é actualmente permittido. Não podendo porém escolher a occasião, subjeita-se-lhe.

Sirva esta circumstancia de desculpa.

Dezembro 25 — 1862.

J. DA S. MENDES LEAL.

INFAUSTAS AVENTURAS

DE

MESTRE MARÇAL ESTOURO

I

De como mestre Marçal tomou estado

Mestre Marçal, que mal apparecia dava alegrão ao rapasio e vadiagem desde as portas da Alfôfa até ao arco dos Escudeiros, era em 1622 um individuo esguio, sinuoso, engoiado, alluido e desengonçado, cujo esqueleto, mal cosido n'uma rede de musculos por uns restos de membrana fibrosa, dançava um bolero desregrado e perpetuo no amplo interior do corpete e calções de estamenha, que fluctuavam ironicamente pelos contornos angulosos d'aquella mumia ambulante. O arcabouço, equilibrado nos fusos a que elle por basofia chamava as suas pernas, tinha por bases dois pés, que davam quatro, todos recortados de promontorios, e por cupula uma cara empastada em pergaminho, que podera servir ás

descripções analyticas do proprio Flourens e ás mais minuciosas observações de osteologia comparada.

Por que successivas degradações chegara mestre Marçal a este extremo de tenuidade, de esvasiamento, de exhaustação, de quasi transparencia? Ensaiarei descrevel-o n'este breve epitome das suas desgraças. Aprenderá o mundo o que faz uma sina fatal, o que pode um affecto obstinado, e em que abysmos precipitam as cegueiras da paixão violenta e contrariada.

Começarei por assentar um facto que attesta (sinto declaral-o, mas força-me o dever de veridico historiador) que attesta, dizia, a pouca sensibilidade do seculo em que se passa esta instructiva historia, e a indifferença profunda com que o vulgo profano tractava as intimas dores e o coração inapreciado do meu heroe.

Os gaiatos do sitio, afferrados á onomatopeia como todos os gaiatos de todas as épocas, tinham-lhe posto por alcunha: «mestre Estouro.»

Não podia o mestre sair á rua que o não seguisse um coro turbulento, grunhindo, guinchando, latindo, chiando e ganindo-lhe uma acclamação burlesca e estrepitosa, com taes variedades imitativas, que abrangiam o diapasão completo do reino animal.

— «Lá vae mestre Estouro, lá vae mestre Estouro!» — vozeava a turba maltrapilha apenas o avistava. E logo investia atraz d'elle, engrossando a cauda á sua popularidade alfamista.

Mestre Marçal porém ía seu caminho com a magestade dos graves infortunios, e só respondia com a silenciosa e magnanima superioridade, que dá o costume das catastrophes, deixando berrar a mó dos garotos, como hoje em dia um estadista impavido, que leu Horacio em pequeno, deixa trovejar as tempestades parlamentares.

—Mas por que motivo chamavam os gaiatos a mestre Marçal «mestre Estouro?» perguntará o leitor admirado.

É justa a curiosidade, e para satisfazel-a principío a interessantissima narrativa, que é como se relata.

Era mestre Marçal natural de Lisboa, onde exercera em tempos felizes a profissão de fogueteiro, com tamanho applauso, que não havia festa ou romaria, um par de leguas em redondo, na qual se não invocasse o seu *valioso auxilio*, como se diz na actualidade.

Presumo que o leitor intelligente percebeu já a razão por que o fogueteiro entrára involuntariamente na posse do significativo cognome de «mestre Estouro.»

Feita esta observação indispensavel, prosigo e apuro os factos de que resa a chronica.

Desgraçadamente para o mestre, o governo de Philippe III, na sua paternal solicitude, não gostára de ver os portuguezes brincando com polvora, certamente por temer que se queimassem. A lei de 9 de janeiro de 1610 deitára a perder o officio, a que

o mestre, duzentos annos adiantado ao seculo em que vivia, chamava já modestamente « a sua arte. »

Como estivesse a côrte de Castella continuamente sonhando revoltas, e receiasse ver sair de cada provincia um novo prior do Crato, ordenava a tal lei [1] «que se não uzasse de nenhuns fogos ou arteficios nas «festas de Santos, nem por outras occasiões, e que «nenhuma pessoa, de qualquer qualidade, (calidade «refere o texto) que fosse, os podesse fazer, ou man-«dar fazer, ou lançar, sob pena de tres annos de «degredo para Angola, com baraço e pregão, e vinte «cruzados em dinheiro, etc. etc.»

N'estas lastimosas circumstancias, já se vê, a sciencia pyrotechnica de mestre Marçal, longe de lhe ser proveitosa, dava-lhe causa a trances continuos.

Para desdita maior, mestre Marçal não era só fogueteiro por necessidade de ganhar a vida; era fogueteiro por indole, por gosto, por vocação, por espirito de artista. Nascera com aquelle feitio. A manipulação da polvora, do carvão, do salitre, do enxofre e da limalha; o fabrico das rodas e estopins; o preparo de todas aquellas industrias era-lhe uma necessidade de organisação. Tinha a bossa ou protuberancia da foguetividade, caracteristico este que tinha de escapar ao mesmo Gall.

Havia-o a natureza nos seus annos florescentes dotado de rotundidade satisfactoria. Os desgostos produzidos por aquella maldicta lei tinham-lhe porém

[1] Textual.

mirrado e dessecado as carnes, exercendo de dia para dia uma depressão sensivel na sua espessura.

Em compensação, parecia ir ganhando proporcionalmente em comprimento.

Ao cabo de seis annos, não podia já mestre Marçal tolerar a privação imposta por Sua Magestade Catholica, e exordiava o descobrimento do *spleen*. Esticava a olhos vistos, e alongava do mesmo modo.

Os seus amigos, notando que passava da atrophia ao marasmo, aconselharam-lhe distracções.

A Providencia, que vigia os Marçaes como qualquer outro mortal, proporcionou-lhe uma distracção.

Para ultimar o litigio, que havia oito annos trazia sobre umas geiras de terra no Alemtejo e um alfarrobal no Algarve, de Olhão sua patria viera a Lisboa a senhora Medéa Brandôa, viuva de um mercieiro e honrado commerciante de figos seccos. Tendo rematado com bom exito a demanda, quiz a sua boa ou má estrella que um dia encontrasse em Chellas o nosso ex-fogueteiro, que estava então nos seus vinte e cinco, e ainda não havia attingido a perfeição de diaphaneidade e longura a que estava predestinado.

A viuva, tendo conservado saudosas reminiscencias do primeiro matrimonio, pensava em deixar de o ser, e mestre Marçal, como dissemos, procurava distrahir-se.

Para encurtar preambulos, a senhora Medéa entrou

em combustão. Fôra o misero, depois da sua viuvez, o primeiro e unico homem que se lembrara de olhar para ella. Quanto ao mestre, no estado de resequimento progressivo em que ía, uma scentelha bastava para o inflamar.

Ao contacto desta chamma, desatou em labaredas o incendio latente da tia Brandôa.

Ficou logo evidente aos olhos menos perspicazes que o fogueteiro, aposentado por ordem superior, conquistára de um rasgo o coração, as geiras e o alfarrobal da senhora Medéa. O mestre podia dizer como Cesar: *veni, vidi, vici.*

Não era a viuva affeiçoada ás moratorias e dilações: tinha-lhes tomado aversão declarada nos oito annos da demanda.

Ao cabo de um mez offerecia a sua mão ao futuro martyr; ao cabo de tres semanas estavam cazados; ao cabo de oito dias achava mestre Marçal que a lei dos Philippes era uma amostra do paraiso em comparação do seu novo estado!

A senhora Medéa, que jurava frequentemente pela santa do seu nome com grave escandalo do Agiologio Romano, resumia e verificava todas as furias do mythologico homonymo com que a haviam prendado na pia baptismal.

Foi esta uma extravagancia qualificativa, bem que prophetica, de que não pude achar explicação nas porfiosas investigações e numerosos codices d'onde extrahi e colligi esta mui veridica historia.

Peço indulgencia para o enxerto d'esta breve annotação, e ato o fio ao discurso.

As mais sanhudas imprecações da Medéa grega de Euripides, da Medéa latina de Séneca, e das tres Medéas francezas de Corneille, de Legouvé e de Longepierre, eram amenidades bucolicas ao pé da phraseologia hirsuta e praguenta d'esta Medéa algarvia, que desbancava as suas predecessoras.

Amestrada pela experiencia do primeiro marido, colheu o infeliz Marçal por uma docilidade e submissão affectada, de que se indemnisou amplamente aos primeiros tres dias de consorcio.

Mestre Marçal esteve a ponto de estalar como a sua melhor bomba. Não podendo estalar, continuou a emagrecer, coisa que assombrou toda a gente.

II

De como mestre Marçal buscou espairecer dos seus pezares

O desditoso fogueteiro, minado por novos dissabores, como vimos, fôra apoucando, diminuindo e adelgaçando atè chegar á perfeição, ao ideal, á esthetica do genero.

Não tendo achado no casamento o recreio e diversão de que tanto carecia, entrára de novo a scismar lembranças do passado. Mestre Marçal não comia, mestre Marçal não dormia, mestre Marçal esquivava-se á companhia de seus amigos, mestre Marçal finalmente ia-se tornando o spectro de si mesmo.

Os não iniciados diziam ao principio — que haviam de ser os enlevos em segunda mão do que a civilisação gallicista chama hoje «lua de mel», lua que para o triste era de fel. Mas o tempo decorria,

e mestre Marçal a diluir-se, a rarefazer-se cada vez mais, prodigio que o fazia rivalisar com as sombras de Virgilio.

Mestre Marçal, infeliz no consorcio, acoutava-se mentalmente com desesperada saudade ao sanctuario das suas recordações artisticas, agravando magoas incuraveis.

Pelas festas do anno, correndo todos os riscos (e não eram poucos!) da objurgatoria conjugal, outhorgava-se o misero o innocente desafogo de fabricar o seu valverde, ou bicha de rabiar, symbolo dos attractivos da sua cara e bem cara metade. Quando todos no bairro dormiam o somno do justo, calafetadas hermeticamente portas e janellas, saboreava o vedado regalo de escorvar e accender estas puerilidades pyrotechnicas no pavimento terreo da sua morada, que estava muito longe de ser um palacio.

Mestre Marçal, ou antes a senhora Medéa, porque era ella quem figurava em casa, morava no becco da Amargura, [2] sitio que perfeitamente dizia com

[2] O becco da Amargura existia realmente ao tempo em que a acção se passa. No mesmo caso estão todas as outras designações que pertencem ao estudo physionomico de Lisboa no seculo XVII. Todas as indicações topographicas são authenticas, e podem verificar-se nas monographias, noticias, relações e documentos respectivos. Evitam-se as citações para cortar prolixidades. A idéa do auctor neste esboço foi justamente esconder sob os ornatos da narrativa, e dissimular com o atractivo de uma ficção, mais ou menos apra-

o seu estado, ao pé da rua de Jerusalem, como quem ia das portas da Alfôfa para a antiga freguezia de S. Bartholomeu intra-muros, ou Bertholameu, como pronunciavam os contemporaneos do mestre.

Os habitantes d'aquella parte da cidade, que aproximadamente occupava a área agora comprehendida entre a Costa do Castello e a rua de santa Luzia, em geral homens de trabalho, recolhiam cedo e tinham o somno pesado. Por consequencia pouco risco havia nesta infracção das ordenanças, que para o artista desherdado tinha a irritante e acre voluptuosidade das fruicções defezas.

Deus sabe todavia quantas exhortações, acompanhadas de gestos um tanto exaggerados, este momentaneo passatempo valia ao pobre do mestre.

Que era porém um valverde e uma bicha de rabiar para o artista cubiçoso de gloria, que tão alto alçava as suas aspirações como ao diante veremos? Os rudimentos e ingenuidades da arte na infancia mal podiam contentar um homem da tempera e da estiva de mestre Marçal.

Na occasião em que a desastrosa lei o colhera no melhor das suas manipulações e das suas esperanças, estava mestre Marçal em vesperas de fazer uma revolução completa nos systemas dos foguetes.

zivel, a aridez das investigações archeologicas. Tentou arregaçar o veu, já espesso de dois seculos, sobre um perfil da velha capital, com as suas feições originaes, dando uma idéa da vida que então a animava.

Imagine-se o effeito d'aquelle embargo legal posto ás concepções de um grande ingenho em vesperas de parto.

Quantos Marçaes, ainda hoje, não precipitam assim das alturas do poder as inconstancias politicas, justamente no instante em que iam salvar a patria, depois de alguns annos de baldada incubação!

O tempo, em vez de mitigar a paixão do mestre, cada vez a exacerbava mais, exactamente como o genio da senhora Medéa. O illustre pyrotechnico perdeu por fim de todo a paciencia.

A famosa lei, como todas as leis, tinha pouco a pouco degenerado dos seus rigores primitivos. Eram já conhecidos varios exemplos de pequenas transgressões, que haviam ficado impunes. Para dizer a verdade, fôra por falta de conhecimento cabal dos seus auctores. Indicava porém este accidente que se não devia considerar absolutamente impossivel esquivar-se o culpado á implacabilidade das justiças de Sua Magestade Catholica.

Mestre Marçal deliberou insurrecionar-se tambem, sem pedir o beneplacito da consorte, já se sabe.

No dia em que tomou esta resolução, mestre Marçal pensou que envergonhara em heroicidade os Doze de Inglaterra, como na pessoa envergonhava o nome do seu Magriço.

Foi o primeiro cuidado do mestre comprar clandestinamente uma porção rasoavel de polvora bombardeira, astutamente fraudada, que tratou de sub-

trahir á perspicaz vigilancia da senhora Medéa, muito mais maliciosa que a dos corregedores do crime.

Vencida esta difficuldade, que não era das somenos, começou com delicias a cogitar no que faria da sua polvora.

Mestre Marçal, como dissemos, presava sobretudo a especialidade do foguete, e esperava n'ella alcançar uma reputação verdadeiramente estrondosa.

Desde 1610 fôra èste o unico periodo em que, na phrase do philosopho, « se sentira viver. »

Notavam-lhe os visinhos um ar lepido e prasenteiro, que fez por momentos acreditar na sua viuvez. Até se lhe podiam descobrir tendencias nascentes para arredondar de novo.

A senhora Medéa scismava com esta subita innovação; mas como elle cumpria os seus deveres conjugaes com irreprehensivel orthodoxia, e até com certo addicionamento de boa vontade, devido certamente á melhoria do estado moral, como não alludia sequer ao mais insignificante valverde, não se lhe podia pôr pêcha.

A digna esposa do fogueteiro, que nem por isso andava menos desconfiada, pela primeira vez na sua vida tragava em segredo as conjecturas suspeitosas, esperando colher assim o delinquente em flagrante, e desforrar-se por atacado.

Entretanto ia mestre Marçal amadurecendo o seu plano, e preparando disfarçadamente os modos de

executal-o, com astucia digna das chancellarias em que se trata do equilibrio europeu.

Depois de luminosas meditações, concluira o mestre que os simples foguetes de respostas, e mesmo os de lagrimas, eram a deshonra da arte, e que por tanto cumpria urgentemente dar impulso decisivo a este importante ramo dos conhecimentos humanos.

Como todos os espiritos superiores, adivinhava elle outro seculo. Vivendo hoje, mestre Marçal seria uma victima da ingratidão publica se não estivesse ao menos director de um instituto, ou presidente de um centro.

Feitas cuidadosamente as suas ponderações, calculos e combinações, mestre Marçal suppoz ter achado a pedra philosophal, o bezoar, a *ultima ratio* com tanta ancia procurada.

A ambição do mestre fôra sempre descobrir traças de fazer um foguete, que, não só estoirasse, mas se transformasse n'alguma coisa.

Ninguem póde imaginar com que desvelo e ardor se encerrava no seu sanctuario afumado, e, sacando de uma bolsa de coiro, que tinha escondida em sitio recatado, todos os ingredientes e petrechos necessarios, se punha a trabalhar na complicada cabeça do seu foguete modelo. É a cabeça, como todos sabem, a parte essencial de um foguete. As horas de trabalho de mestre Marçal eram quando a senhora Medéa se ia a tractar das suas compras, horas rendosas em que a afiada lingua da matrona se

exercia á custa do proximo desde a visinhança até ao mercado.

Preparado tudo, e chegada a occasião propicia, um dia de hynverno, pelos fins da tarde, pouco antes de Trindades, mestre Marçal levantou-se do canto do lume, deu umas voltas pela casa em ar de quem não sabia como havia de matar o tempo, poz-se em bicos de pés para examinar assim por de mais uma gaiola appensa á parede, pegou na sua coróça para encobrir a exuberancia das algibeiras em que dissimulára o machinismo, e deu indicios de querer sair.

— «Aonde vaes?» — inquiriu a voz agra e stridula da senhora Medéa, que o seguira com os olhos, e observara com assombro aquelles desusados preparativos.

Havia muito que estas objecções estavam previstas.

Mestre Marçal respondeu com o ar mais candido d'este mundo:

— «Vou ao celleiro do tio Cosme buscar um selamim de alpista para o pintarroxo. Pobre animalsinho!» — acrescentou para servir de peroração sentimental e reforço suasorio.

Tinha a senhora Medéa a mania das aves, talvez por gritarem tanto como ella; e o honrado fogueteiro, que dispozera tudo com sagacidade verdadeiramente satanica, atacava-a pelo seu fraco.

Foi a carinhosa esposa do artista verificar imme-

diatamente o facto; e, não achando um bago no comedouro, porque o precatado consorte havia previamente despejado tudo na gamella do bácoro, respondeu em tom mais benigno e concessivo:

— « Não te demores. »

Com simpleza e boa fé de uma pastorinha de egloga caíra a senhora Medéa innocentemente no laço. Aproveitou sem embargo a opportunidade para desafogar a atrabilis inextinguivel, soltando, na solicitude da sua gerencia domestica, uma serie de exclamações admirativas e irritadas sobre a voracidade das aves caseiras.

Mestre Marçal, que tinha prolixamente meditado a indole da esposa e as artes de logral-a, com invejavel naturalidade retorquiu dando geitos de largar a coróça, como se não tivera o minimo empenho de sair.

— «Não, se não queres... »

Tanto bastava para que a senhora Medéa insistisse.

— «Pois não vês que o pobre do animal não tem nem um grão para a noite! »

— « Tambem de noite para que? »

— «Para que? Vejam lá o coração d'esta alimaria! Queres que morra de fome, desalmado? » — terminou a agastada matrona subindo uma oitava á ira.

Mestre Marçal curvou a cabeça com a resignação do costume, conchegou a coróça como victima da

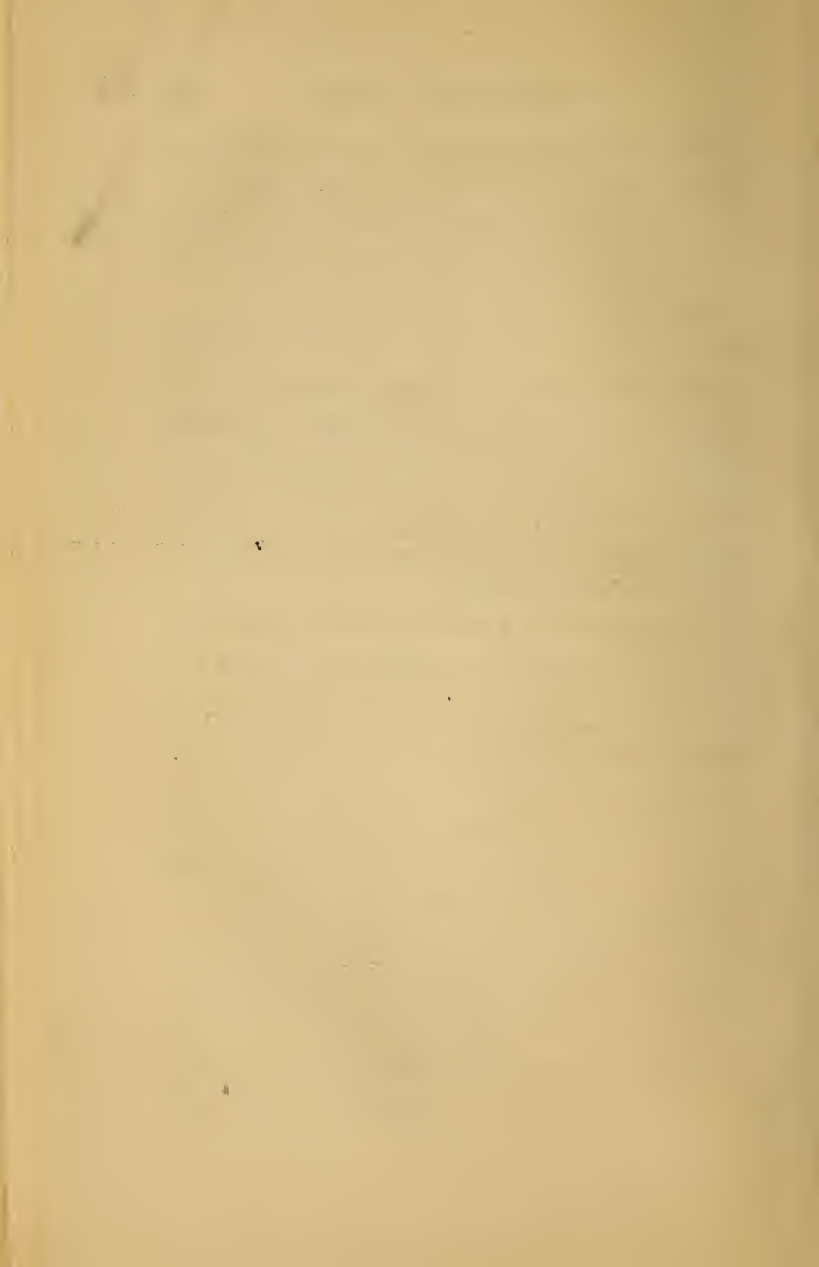
obediencia, levantou a aldrava, e saiu abafando nas abas do sombreiro um sorriso de Talleyrand!

Vencido este passo, que por boas razões reputára o mais arduo, parecia tudo o mais ao meu heroe empreza comparativamente facil.

Bem certo é o dictado: « o homem põe e Deus dispõe! »

Saindo de casa com a feição mortificada e submissa de quem vae fazer um recado por condescendencia, mestre Marçal teve animo de seguir pelo becco sem appressar o passo, na attitude morosa que tinha adoptado na ultima parte do seu papel: receiava ainda, e não sem motivo, que a espia conjugal o estivesse atalayando.

Tanto que dobrou a esquina foi uma verdadeira transfiguração. Caminhava expedito e agil como se a lei dos Philippes se tivera abrogado na vespera, ou o seu casamento houvera sido annullado com todas as solemnidades, em boa e devida forma.

III

De como mestre Marçal Estouro subiu ao calvario, julgando trepar ao capitolio.

O honrado mestre, livre de olheiros, e seguro de que por este lado o não estorvariam, tomou ás portas da Alfôfa, e ahi não faltou ao religioso dever de se encommendar á devota imagem do senhor Santo Antonio, que ficava por cima das ditas portas, e representava o Santo no acto de livrar o pae da forca, pintura em azulejo de muito respeito e veneração, onde, por devoção particular do artista, se figurava o padroeiro de Lisboa rodeado de frades da Companhia, antecipando a bagatella de duzentos e oitenta annos a introducção dos jesuitas.

O mestre, pouco versado em archeologias, não reparou no anachronismo, e desceu pela ingreme ladeira de S. Chrispim, que ficava quasi fronteira ás portas.

Chegando abaixo, embrenhou-se n'um labyrintho de viellas, de encrusilhadas, de alfurjas e beccos immundos, e desfechou no Rocio pela rua da Bitesga, que era n'aquelle tempo uma travessa enviusada e tortuosa toda em cotovellos e recantos.

Tomou então pela rua á esquerda do hospital de Todos-os-Santos, edificio grandioso assente em grande parte do terreno que hoje occupa o mercado da Praça da Figueira, e dirigiu-se ao convento de S. Domingos, contiguo ao dito hospital, a fazer sua venia e oração ao sancto do seu nome, que é, como todos sabem, especial advogado e protector dos que professam aquella arte peregrina, por cuja maior honra e explendor ia elle affrontar as penas dos contraventores, e a colera da senhora Medéa, que lhes não ficava a dever nada.

Pelo caminho escurecera de todo, como era indispensavel ás experiencias do mestre. Os frades estavam a Vesperas. Só se tivera ensurdecido no paraiso, deixaria o sancto de ouvir a fervorosa oração do seu inspirado servo.

Saindo de S. Domingos, mestre Marçal ladeou o palacio da Inquisição, que tantas vicissitudes passou, onde hoje se levanta o theatro de D. Maria II, e entrou na rua de Valverde, titulo que o bom do fogueteiro, por uma interpretação, que sabia aos trocadilhos do seu tempo, hoje chrismados em *calamburgos*, julgou do melhor agouro em tal empreza.

Caminhando e fazendo estas observações horos-

copicas, enfiou o mestre pela rua, agora calçada, do Duque, e deu finalmente comsigo em S. Roque, sahindo da cidade pelo postigo do Condestavel, e encaminhando-se ás terras da Cotovia e sitio da Valentona.

Tudo isto se passava á prima noite de um dia humido de septembro do citado anno de 1622.

Muito erraria quem n'esta breve descripção procurasse a Lisboa moderna, tam mudada e tam diversa da Lisboa que então ainda quasi se limitava á antiga cidade de D. Fernando.

Aquelle sitio da Valentona e Cotovia, cujos vestigios ainda ha poucos annos appareciam, e cuja ultima designação se conserva, ficava então em descampado, e prolongava-se até ás immediações do ponto que actualmente se denomina o largo do Rato, onde, coisa de 80 annos depois, se fundou o convento de Nossa Senhora dos Remedios, da ordem trinitaria, theatro das proezas da celebre Madre Theresa de S. José.

Ainda em 1755, desde o alto da Cotovia até á travessa do Pombal, rua de S. Bento e Cardaes de Jesus, o terreno, por onde presentemente se inclina uma grande parte da cidade alta, era quasi um ermo, retalhado em terras de semeadura, e geralmente applicado á cultura dos cereaes, com poucas casas, posto que já entre ellas avultasse o edificio occupado agora pela Imprensa Nacional, as casas da Real Fabrica da seda concluidas em 1740, e emfim

o convento dos Jesuitas, não ha muitos annos devorado pelas chammas, em que successivamente se estabeleceu o Collegio dos Nobres, a Academia de Marinha, e ultimamente a Escola Polytechnica.

Mestre Marçal, que se tinha previdentemente munido dos instrumentos necessarios, absorto no seu projecto, internou-se pelas terras, alegrando-se d'aquella soledade que n'outra qualquer occasião o houvera arripiado de terror.

Para remate de precaução tinha com antecedencia visitado e examinado o sitio, e sabia com o que poderia contar.

Aqui sou forçado a descer alguns furos á gravidade oratoria para não prejudicar a escrupulosa fidelidade da chronica. Conheço que é temeridade grande e marêa-me o remorso a audacia; mas já agora é impossivel fugir ás instancias da minuciosidade descriptiva a que me obriguei, e ás necessidades didacticas do meu assumpto.

Apesar de todas estas precauções, não sei realmente como introduza na scena o termo, a idéa, o objecto por que me aperta a Clio investigadora. Indispensavel é elle; mas vae pôr n'uma braza a fidalguia da dicção, vae cobrir de lucto a austera dignidade e a engomada emphase da rhetorica eschollar. Perdoae-me, offendidos manes de Empédocles, de Longino, de Hermogenes, de Dionysio de Halicarnasso, de Phocio e Quintillianno. Valei-me, reformadores do seculo XVIII, que não temestes o odio

da periphrase nem as revindictas do circumloquio, e principiastes a chamar as coisas pelos seus nomes. Inspirae-me, doutrinas de Jaucourt, desculpae-me exemplos de Boileau:

> Rien n'este beau que le vrai...
> J'apelle un chat un chat...
> Etc... etc... etc...

De tudo isto careço para me escudar contra as maldições, que, d'além da Castallia improfanada, me vibram as colericas sombras dos arcades magestosos, justamente irritadas d'este attentado, d'esta trivialidade, d'este inaudito arrojo, d'esta plebeidade sem antecedentes, com que ouso apresentar aos olhos e ouvidos do leitor delicado... um... um caniço!

Respiro emfim. Está vencida a difficuldade. Passei o meu Rubicon. A terrivel palavra, a que não pude achar substituição em muitas noites de insomnia, saiu-me dos bicos da penna sem m'os queimar. Louvado seja o estimulo providencial que m'a empurrou. Sem isso ficava eternamente impando com o negregado vocabulo embargado e represo. *Quia se sub silentio abscondit.*

Um caniço era com effeito o accessorio absolutamente preciso para completar o maravilhoso foguete, escrupulosamente acommodado, com todas as suas pertenças, no vasto bolço dos largos calções de riço, já calvo em partes.

Se mestre Marçal saisse de casa e atravessasse a cidade com um caniço na mão, não só provocaria da parte da senhora Medéa uma serie de perguntas a que lhe não seria facil responder, mas attrairia duplicadas vaias dos gaiatos do bairro, e seus consocios, já demasiadamente propensos, como vimos, a celebrar-lhe o todo alargatado com um luxo de epithetos, que poderia admiravelmente enriquecer o vocabulario nacional.

Tinha o mestre acautellado tambem esta difficuldade, e por aqui se verá como a sua previsão e prudencia abrangia as infimas particularidades.

A encosta, que leva á actual praça da Alegria, era quasi toda coberta de hortas. Esta circumstancia, minima na apparencia, não escapára á sagacidade do mestre, porque os grandes ingenhos tudo aproveitam, e tivera uma influencia decisiva na sua escolha. Havendo hortas, necessariamente havia canaviaes. Tendo examinado minuciosamente aquelle apreciado individuo da illustre familia das gramineas, o qual (ainda me lembra a tempo este incidente nobiliario) teve já na antiguidade mais remota o singular privilegio de diffundir a orelhuda reputação do rei Mydas, o mestre cortou o que lhe pareceu mais acommodado ao seu intento: em poucos minutos, com pericia e destreza que attestavam a assiduidade e o costume, estava despojado das folhas, e perfeitamente adaptado ao uso a que era destinado.

Mestre Marçal possuia a cauda do seu foguete.

Voltando ás terras solitarias, terminou o apparelho ajustando ao canniço, já preparado, o tubo conductor, e a cabeça do artificio, onde se escondia ignorada a sua futura gloria. Um barbante unctuoso e enresinado solidificou em todas as suas partes o mechanismo exterior.

Com uma palpitação, difficil de exprimir, mestre Marçal feriu lume e accendeu o morrão. Depois interrogou longamente a densidade das trevas, para verificar se algum curioso assistia aos seus ensaios, não porque fosse inimigo da publicidade, mas porque a fatal ordenança acompanhava invisivel os varios actos do infractor, e a circumspecção, como temos observado, era um dos seus mais eminentes dotes.

O exame foi satisfactorio. Mestre Marçal podia julgar-se n'uma thebaida.

Disposto tudo, chegou ao tubo, cautelosamente escorvado, o lume do morrão, com a mão tremula de anciedade egual á do auctor que vê aproximar-se o quinto acto do primeiro drama, e com elle o desenlace tão esperado e tão temido, e com o desenlace uma pateada de metter os tampos dentro, ou uma roda de palmas que ás vezes não vale mais.

Subiu o foguete descrevendo uma curva graciosa, como um cometa caudato, e estoirou com as suas onze respostas, conturbando os eccos da visinhança desavezados de tal estrondo. Mas — oh! desgraça! — o artificio interior, a nova transformação, o *de-*

sideratum, o X, a maravilha com tanto amor preparada, ou por precipitação no arranjo, ou por má disposição nos estopins, em vez de arder, foi ao longe sumir-se incognita entre os cómoros de terra de um campo alqueivado para cevada.

A estrella de mestre Marçal apagou-se nos adubos de um vegetal destinado a alimentar quadrupedes!

N'este ponto o estoiro das bombas no ar acordou todos os terrores que a paixão lhe adormecera na alma de artista. Mestre Marçal teve horror da sua audacia. O malogro de tantas esperanças acabara o enleio e confusão do infeliz. Mestre Marçal infringira as leis para se certificar do seu descubrimento, para penetrar novos mysterios, para glorificar a arte e o mundo, e nem sequer podia fixar o seu espirito sobre os effeitos e resultados de um invento que tanto lhe promettia. Que desfecho!

Tinha o honrado mestre perdido as azas de Icaro n'umas leivas humilimas, e a realidade apparecia-lhe tumida de belleguins e com um cardume de esbirros.

Immovel no logar em que havia commettido o crime, compromettido nos seus deveres de cidadão, e ferido nas suas aspirações artisticas, uma só coisa podia arrancar mestre Marçal ao turpor causado pelos pungentes remorsos da sua acção, e pelo *desapontamento* do seu *fiasco*: era a subita lembrança das iras da senhora Medéa, que se accumulariam, só Deus sabia até onde, com tam prolongada demora.

Quando esta idéa terrivel surgiu no cerebro aba-

lado de mestre Marçal, a immobilidade do terror desatou n'uma furia ambulatoria, que lhe dava uns ares de familia com a Atalanta de Scyros ou o Mazzepa de Byron.

O amotinado bestunto de mestre Marçal, desencalçado da sua natural prudencia, não reflectia que, apesar da solidão do sitio, o seu foguete illegal podia ter sido ouvido,—excepto se uma surdez contagiosa houvesse calafetado todos os ouvidos por aquellas cercanias,—e que, por consequencia, a precipitação da sua carreira, muito similhante a uma fuga, excitando as suspeitas, o denunciaria aos menos perspicazes.

Mestre Marçal desorientado galgou ao acaso as terras de pão e as hortas que se encadeavam na direcção da cidade baixa. Não estava ainda bem em si do sobresalto, e do inesperado desenlace da sua obra. Com o dessocego e torvação que lhe infundia a perspectiva assustadora da senhora Medéa, endireitou pelas portas de santo Antão, scismando no modo mais facil de conjurar a tempestade domestica.

Como havia de elle, pobre delinquente, ralado de tantas angustias, justificar a dilatada auzencia no tribunal inexoravel da assanhada esposa? Que pensaria ella? Qual seria a ultima peripecia d'aquelle dia nefasto?

Nada d'isto lembrára a mestre Marçal em quanto o incitavam os alvoroços da esperança e o enthusiasmo o inflammava. Com o desconforto do ruim

exito, na hora aziaga do crime, afluiram-lhe em negro tropel ao cerebro escandecido todas as terrificas imagens, confirmando o bom senso do proverbio que diz: «um mal nunca vem só!»

A sagacidade e astucia, de que dera tão exuberantes provas nos anteloquios e preambulos da melindrosa operação, haviam-lhe fugido com as suas illusões em debandada. Corria machinalmente desamparado de força e de invenção. O grande homem infeliz vergava sob o pezo do infortunio, e perdera até a consciencia do proprio valor na derrota de tão altos sonhos.

Moderando pouco a pouco o passo, não por calculo, senão por cançasso, ia chegando defronte da egreja de S. Luiz dos Francezes, quando sentiu que um punho alentado lhe comprimia o hombro esquerdo com vigor mais que ordinario.

Mestre Marçal resfriou todo na sua consciencia de criminoso, e deu um pulo desmesurado, procurando descortinar, por entre a cerração da noite, quem era o interruptor intempestivo do seu preoccupado regresso.

Só poude perceber, por cima de um vulto embuçado até á barba em ampla capa escura, um largo sombreiro carregado até aos olhos, e levemente inclinado diante d'elle em signal de cortesia.

O fogueteiro, que era mui urbano de seu natural, descarapuçou-se rasgadamente na presença d'esta affabilidade incognita.

— Boas noites, mestre Marçal! — disse uma voz aflautada e meliflua, d'estas que o vulgo designa com o epitheto caracteristico de «voz de sovelão.»

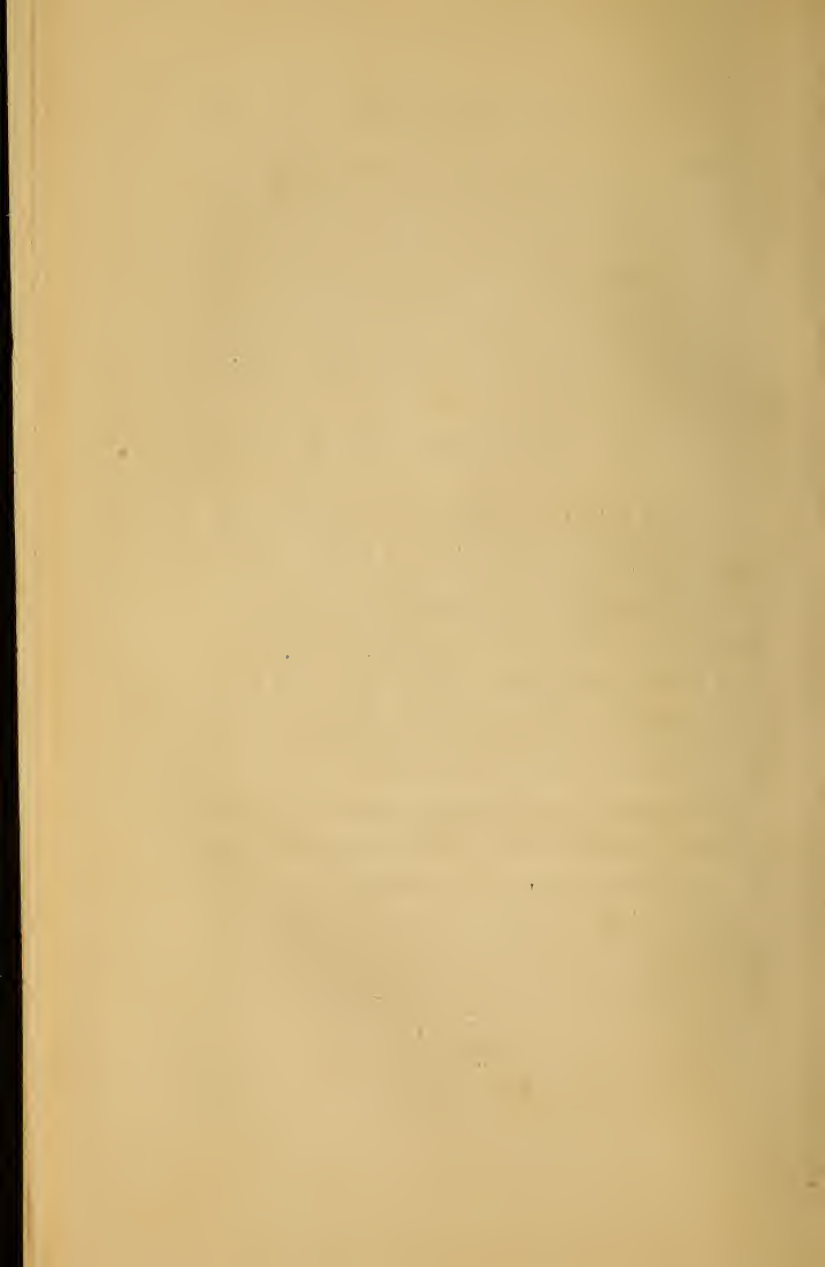
Mestre Marçal pasmou de encontrar conhecimentos em bairro tão distante do seu. Como porém nem a intonação nem a palavra inculcassem ameaça, correspondeu do melhor modo que poude, dizendo para o seu interlocutor:

— Muito boas noites. A quem tenho eu a honra...?

No mesmo ponto uma palmada, não menos possante, no hombro direito fez dar a mestre Marçal segundo pulo duas vezes maior que o primeiro, e coou-lhe um calafrio agudo pela espinha dorsal.

Outro vulto, perfeitamente egual ao antecedente, com a unica differença de parecer um tanto mais refeito e varonil, cortejava do lado opposto o attonito mestre, que se abysmava de surpreza em surpreza.

Nova cortezia, ainda mais amavel da parte do desconhecido, e ainda mais contricta da parte do mestre, foi permutada entre este e aquelle.

— «Boas noites, mestre!» — disse tambem segunda voz, como se fizesse ecco á primeira, salvo o ser o tom mais cheio, e a inflexão duplicamente benigna.

IV

De como mestre Marçal reconheceu que era o mais popular homem do reino

Se já se tivesse inventado a *Lampada maravilhosa* e o seu auctor, cuidaria o mestre figurar nos contos phantasticos do bom mr. Galland.

— «Muito boas noites» — retorquiu elle repetindo-se involuntariamente — «A quem tenho a honra de...?»

— «Homem sois de prestimo e habilidade, mestre Marçal!» — acudiu o interlocutor da esquerda, sem se dignar de responder á interrogação inquieta do honrado fogueteiro.

— «Mestre Marçal, sois um homem precioso» — atalhou o da direita encarecendo o elogio do seu companheiro.

— «Favores, favores, senhores meus» — tornou o mestre, estupido de admiração — «Mas a quem tenho eu... como tenho eu a honra...?»

Mestre Marçal balbuciava, que nem um camponio vindo á cidade a servir de testemunha em causa crime.

— «Sois mais conhecido do que pensaes, mestre Marçal» — redarguiu o primeiro interlocutor.

— «Quem é que não conhece mestre Marçal!» — observou o segundo.

Esta popularidade inquietava cada vez mais o mestre.

— «Não vos demoreis em razão do nosso encontro» — continuou o primeiro. — «Acompanhar-vos-hemos.»

— «Como?»

— «Como se acompanha um homem. Ao lado, atraz, adiante, como quizerdes.»

— «É melhor ao lado» — interrompeu o segundo. — «Conversaremos.»

Mestre Marçal não achou que responder.

— «Com que então,» — proseguiu, depois de breve espaço de silencio, o ultimo que fallára; — «com que então, mestre Marçal, tinheis tão boas prendas e estaveis calado!»

Mestre Marçal procurou ler no rosto do seu forçado companheiro o sentido d'estas palavras. Era impossivel. Primeiro estava a noite; debaixo da noite o largo sombreiro; debaixo do sombreiro a capa negra do embuçado.

— «Ides açodado, mestre!» — disse o vulto da voz aflautada.

— «Confesso que estão á minha espera» — respondeu mestre Marçal moderando o passo que machinalmente apressára.

— «Oh! temos tempo!» — acudiu o mais encorpado.

— «Temos tempo! De que?» — ponderou timidamente o fogueteiro, sem poder atinar com a plausibilidade d'esta ingerencia dos dois desconhecidos na sua companhia, nem com os motivos d'aquella expressão de communidade, que os seus interlocutores insinuavam na conversação.

— «De que!» — retorquiu o da direita como admirado e quasi escandalisado.

— «É uma pergunta» — acrescentou o mestre em modos de desculpa.

— «De que? De acharmos o que procuramos.»

— «Mas que procuramos nós?» — exclamou o fogueteiro, tão completamente desnorteado, que já sem saber acceitava a locução collectiva.

— «Vindes de longe, e não nos heis dado pouco trabalho em seguir-vos, mestre» — advertiu em fórma de commentario o primeiro embuçado.

— «Ah!» — murmurou para si mestre Marçal com a voz estrangulada de um presentimento funesto.

— «Ha muito que estudaes os artificios de fogo?» — acudiu o segundo vulto.

Mestre Marçal nem se atreveu a negar. Evidente era que estava descoberto o seu segredo. Passado o lance, custou-lhe a perceber como escapára d'elle.

— «Por quem sois, meus senhores» — exclamou tranzido — «por quem sois, não me deiteis a perder!»

— «Perder-vos» — respondeu jogueteando com as palavras o primeiro embuçado, que parecia extremamente faceto e propenso ao motejo. — «Perder-vos! Pelo contrario: queremos... aproveitar-vos.»

O arrevesado e cruel trocadilho, que desafiára uma gargalhada em duetto, arripiou o mestre.

Depois de caminharem silenciosamente alguns passos, parou de repente o fogueteiro, e, dirigindo-se aos dois n'um tom plangente capaz de derreter penedos, disse-lhes juntando as mãos:

— «Pelo amor de Deus, deixae-me ir para minha casa! Minha mulher espera-me, e...»

Não poude acabar. A imagem terrivel da senhora Medéa, erguendo-se novamente do meio de tantas angustias, rematára ao infeliz a torvação com a lembrança do que seria a catastrophe caseira na presença d'uma ausencia illimitada.

«Vossa mulher!» — tornou o segundo embuçado. — «Devieis agradecer a Deus a demora que vos trouxesse distante de tal Eva...»

— «Que póde pedir meças á serpente» — atalhou o outro vulto epigrammatico, versado como se vê nos estudos da historia sacra.

Mestre Marçal reflectiu que os dois incognitos não só tinham seguido os seus passos, mas conheciam intimamente a sua vida.

— «Isso não, mestre Marçal» — continuou o que primeiro lhe retorquira. — «Pedi o que quizerdes. Tudo vos faremos. Menos largar-vos.»

Como o honrado mestre em taes apuros lhes não podia solicitar coisa que mais agradavel lhe fosse, não teve remedio senão conformar-se.

— «Muito de appetecer é a vossa companhia, mestre Marçal» — proseguiu o outro embuçado, como para o consolar, não ficando atraz do companheiro em attenções. — «Não vos deixaremos, não. Ninguem sabe para o que está guardado, e bem certo é dizer-se que é cega a fortuna. Hoje na fama, amanhã na lama. Vá lá um homem fugir á sua sina! Assim, mestre, é vir comnosco, e o futuro a Deus pertence. Estaes com gente que sabe tractar, e fio-vos que ninguem vos molestará, nem vos heis de dar mal em nossa companhia. O vosso foguete via-se que era peça acabada. Pelo dêdo se conhece o gigante. Jurára que se ouviu a meia legua, e bofé que me alegrei de ouvil-o! Ha tanto que anda a gente desacostumada d'isto!»

Mestre Marçal não sabia o que pensasse. As ponderações philosophicas do seu ultimo interlocutor pareciam envolver um sentido duvidosamente significativo, que ora o ameaçava pavoroso como um auto do Santo Officio, ora lhe sorria aprasivel como esperança mysteriosa.

Conhecia que estava nas mãos d'aquelles homens. Estes modos lhanos e cortezes começavam porém a

dissipar-lhe as tremendas suspeitas que o haviam sobresaltado. As observações finaes do embuçado que ultimamente fallára, lisongeando o seu amor proprio de artista, haviam-n'o singularmente impressionado. Dizia-lhe de um lado a consciencia que o recente desbarato das suas ambições não merecia os mal empregados e inopportunos elogios. Segredava-lhe de outro lado a vaidade que os profanos, não podendo adivinhar os mysterios da sua engenhosa concepção, e vendo n'aquella vulgar composição um foguete como todos os foguetes, podiam assim mesmo admirar a perfeição relativa do artefacto.

— «Quem sabe» — dizia comsigo, — «quem sabe se são alguns fidalgos, que tiveram noticia do meu prestimo, e o desejam aproveitar para seus divertimentos e folgares?... Oh! lá isso não... a lei é... A lei!... Elles hão-de sabel-a, e se assim mesmo querem, é porque lá terão modos de compôr-se com as justiças de Sua Magestade... Com tanto que paguem bem, e me deem um bom terreiro, eu não seja mestre Marçal se lhes não armo uns artificios de fogo tam novos e vistosos, como nenhum castelhano era capaz de fazer, nem o melhor bombardeiro de Flandres idear.

Tanto que se arremeçava a taes alturas, a imagiginação do mestre, principiando a tingir-se de côr de rosa, não punha freio ás conjecturas.

— «E como elles me conhecem! — continuou nas divagações do soliloquio mental — «O que é um

homem ser nomeado nas artes do seu officio! Não ha ninguem que não saiba.»

Mestre Marçal lamentava seriamente os inconvenientes da celebridade dando-se por victima da gloria.

— «Pois não tenho a mais pequena idéa d'estas vozes» —foi proseguindo como que a namorar-se mais e mais nas proprias cogitações.— «Não admira. Um homem não póde conhecer toda a gente, que se praz em serpes volantes, e rodas floridas, e as mais fabricas admiraveis que se podem apurar n'esta arte peregrina.

N'este arrojo da complacente phantasia do mestre, iam chegando á testada do terreiro de S. Domingos.

Mestre Marçal quiz enfiar pela Bitesga que era o seu caminho.

— «Por aqui» —disse o vulto mais robusto, tomando-lhe o braço e guiando-o para o lado de Valverde.

— «Mas para onde vamos nós, senhores meus?» —perguntou mestre Marçal, renascendo-lhe instinctivos os terrores ainda mal esquecidos.

— «Vamos a casa de uma pessoa, que muito deseja travar conhecimento comvosco, mestre» —respondeu em tom quasi confidencial o embuçado que primeiro o saudára.

Mestre Marçal tornou com isto ás anteriores conclusões, e deu promoção geral ás suas esperanças.

Corrigindo as supposições com uma observação mais attenta e placida, assentou lá comsigo que os seus dois adjuntos eram escudeiros, e que os escudeiros o levavam a casa de um titular pelo menos.

Os receios da ordenança com todos os seus rigores, se não lhe desappareciam de todo, íam progressivamente declinando.

Mais socegado e desopprimido depois d'esta decisão, mestre Marçal deu a andar com desembaraço e confiança. A poucos passos olhava já para os companheiros com certo ar de protecção.

O mestre era d'aquelles caracteres, muito frequente e notavelmente afortunados, que transformam sem hesitação em absolutas certezas as suggestões do seu bestunto, e convertem n'outros tantos infalliveis dogmas todos os disparates, que tiveram o privilegio e a fortuna de lhes abrolhar no cerebro.

Atravessando o Rocio, subiram os tres homens ao Bairro alto, e pararam á porta d'umas casas de boa apparencia, que faziam frente para a travessa da Cruz e esquina para a do Arcebispo, a qual corria parallela com a de Estevão Galhardo, ainda hoje existente, posto que mui diversa do que então era.

Não viu mestre Marçal apparato de serviçaes e pagens; mas, como lhe custasse o demolir tanto do pé para a mão o phantasioso edificio architectado pelos seus incuraveis desvanecimentos, pensou que naturalmente o queriam receber com recato e se-

gredo, pois que, em todo o caso, o fim para que o buscavam sempre era melindroso.

O vulto mais baixo bateu, e uma velha escrava moura veiu abrir resmoneando.

Mestre Marçal e o outro embuçado ficaram fóra.

Passados instantes de breve conferencia, saiu o embuçado que entrára e disse para o companheiro:

— «Vamos ao Pateo das Comedias.»

Sem mais observações, este ultimo travou novamente do braço ao fogueteiro, que nem idéa fazia do que era o Pateo das Comedias, e todos juntos desandaram o que tinham andado.

V

De como mestre Marçal continuou a sua peregrinação nocturna

O honrado mestre, cujas faculdades se iam de mais em mais conturbando com estas complicações, fluctuava entre apprehensões nebulosas e risonhas esperanças.

O Pateo das Comedias, onde se achava estabelecido o theatro publico, ficava para a rua dos Arcos, que desembocava na da Bitesga. Pertencia este theatro ao hospital de Todos os Santos, que era o seu empresario, por um privilegio especial confirmado em 1595 por alvará de Philipe II.

Mal chegaram, o embuçado, que entrára antecedentemente nas casas da travessa da Cruz, separou-se do companheiro e sumiu-se n'um corredor tortuoso, que abria uma bocca de Adamastor ao

canto do quadrilatero, cortado de algares e de charcos pouco odoriferos, que se chamava o Pateo. A luz mortiça e vesga de dois candis afumados, appensos ao lado anterior das humbreiras do portal estreito e baixo, como que ainda mais realçava as trevas interiores d'aquelle mysterioso sorvedouro. Fóra, no ambito do pateo, a escuridão era completa.

Mestre Marçal, inteiramente noviço n'estas regiões, e de todo ignorante dos seus costumes, não sabia o que pensasse de um borburinho de vozes, que ouvia proximas, chilrando, rindo, e chacoteando n'umas pinhas inviziveis de gente galhofeira, com tal desenfado e petulancia, que a mesma seriedade do mestre sentiu as cócegas do riso contagioso.

Saíam de vez em quando de um ou outro dos pequenos ajuntamentos alguns exploradores praticos nas difficuldades do piso, e, orientando o rumo pelas immediações dos recemchegados, passavam, por elles com uns: «oh ! oh!...» e uns «ah! ah!...» extraordinariamente joviaes. Estas exclamações um tanto á queima roupa, em vez de offenderem o vulto que ficára em companhia de mestre Marçal, provocavam-lhe um sorriso malicioso, que este felizmente não podia ver. O mestre, cada vez mais afferrado ás suas conjecturas, attribuia com toda a modestia os admirativos monosyllabos, que lhe zumbiam aos ouvidos, á sua incomparavel popularidade.

Era comtudo evidente que só a presença, pelos

modos respeitavel e respeitada, do seu accessor impedia que esta hilaridade vaga se convertesse n'uma applicação directa ao desditoso heroe.

O physico de mestre Marçal produzia o seu costumado effeito. Se os curiosos podessem n'aquelle momento adivinhar, e entrar no mysterio das suas meditações, não teriam menos que rir.

De repente uma voz esganiçada em falsete, rebentando de uma fresta sobre o mestre, como estilhaço lascado e cortante, despertou-o no melhor das suas chimeras.

—«Oh! oh!... ah! ah!»—dizia a voz resumindo as diversas intonações de comico pasmo, que sussurravam cá em baixo.—«Voto a Belzebuth que lobrigo ahi um entremez de carne e osso... de osso principalmente. Boas noites, tio Longuinhos, ou como é vossa graça... Tio Longuinhos heis de ser... Para aqui, tio. Bofé que nos estaes fazendo falta. Upa! Alçae-me cá uma d'essas ripas, e estaes em cima. Precisamos d'uns espeques assim para representar o cavallo de Troya... ao natural. Upa, tio Longuinhos! Uma pernada, vamos. Sereis dos nossos. Talhado sois para isso. Por Gil Vicente, e sua filha Paula Vicente, que déra eu todas as comedias novas, e até os autos e chacotas da moda antiga, que eram de bem melhor sabor, para vos ter comigo nas taboas! Farieis á maravilha o papel de Polyphemo entisicando de ciumes. Pois o D. Lançarote!... Temos cá tambem um manto de Plutão

presidindo aos infernos, que vos irá á maravilha, Eh! eh!... Trepa, tio Longuinhos. Upa!...

Tu tambien, insigne palma,
Eres aqui forastera!

Cantarolou para remate o interlocutor aereo, applicando em romance castelhano, lingua vulgar no palco, á esguia pessoa do mestre, com visivel intenção de parodia, o popular moteto da palmeira, das velhas trovas do rei Abderrahman.

Tudo isto fôra emphaticamente recitado com tal volubilidade de palavras e tal variedade de inflexões, que não dava quasi logar á reflexão.

Mestre Marçal, posto que já familiarisado com todos os ápodos plebeus, como nunca em sua vida tivesse ouvido, disparado d'um jacto, tal aggregado de coisas desusadas, esdruxulas, e absolutamente inintelligiveis para elle, ás primeiras palavras levantou a cabeça com o assombro de um homem que ouvisse um pintasilgo desfechar-lhe um discurso, e com o gesto attonito que provavelmente faria o propheta Balaão ao escutar as primeiras phrases da jumenta palreira. Resultou d'este movimento receber em cheio a saraivada da extravagante apostrophe.

Ficou aturdido.

Um côro de gargalhadas acolheu a eloquencia exuberante e luxuosa do orador inesperado.

—«Cal'-te lá, farçante!»—gritou debaixo o embuçado, que ficára com o fogueteiro, em tom mais complacente que irado.

No mesmo ponto as gargalhadas emudeceram. Quem já houvesse costumado os olhos á obscuridade, teria visto mergulhar uma cara travessa e vadia por detraz da apertada adufa que lhe servira de tribuna.

Era o Gracioso da companhia.

Passado um quarto de hora, voltou o outro embuçado, e veio ao encontro dos dois, que se lhe aproximaram. Quando elle atravessava pela tarja vermelha e tremula, que a luz dos candis projectava á entrada do corredor, notára mestre Marçal, apezar da sua perturbação, que a ponta de uma comprida espada arregaçava a orla inferior da capa ao desconhecido.

— « Escudeiros são » — concluiu para si, consolado de tudo, admirando tanto a perspicacia do seu espirito de observação, como a sagacidade de sua previdencia.

Mestre Marçal, como se vê, estava disposto a olhar para as coisas com bons olhos. Não poderia tirar outras inferencias sem confessar a si mesmo a ridicula jactancia das suas imaginações, e a inopia dos seus juizos; e n'isso não concordava elle facilmente. Quanto a perceber aquella enfiada de mysterios, era coisa de que já nem tractava.

Duas horas de pratica haviam-n'o familiarisado com os enigmas. Com pouco mais, seria capaz de decifrar á primeira vista, como Oedipo, todas as subtilezas dos gryphos thebanos, e travaria intimidades na álea das seiscentas sphinges do rei Amenophis.

— «Voltemos a casa» — disse o embuçado que descera do corredor. — «Saiu ha pouco de cá, e estará quando chegarmos.» —

Abalaram todos do pateo.

— «Até á vista, tio Longuinhos» — gritou da sua adufa a mesma voz, que pouco antes pozera em perigo a razão vacillante do mestre.

— «Maldito! Tem pilhas de graça!» — observou sorrindo confidencialmente o vulto, que ainda não largára o braço ao fogueteiro.

— «Sabeis o que houve?» — disse para aquelle o seu companheiro.

— «O que houve?»

— «O Barbas pregou dois murros na Lacaia, que lhe pôz um inchaço em cada face, e a Lacaia rachou a cabeça ao Imperador com um pedaço de gruta dos jardins de Babylonia que apanhou á mão.

— «Arrufos! Não dá nada de si, vereis» — ponderou sentenciosamente o outro.

— «Foi por isso que mandaram chamar sua mercê!»

— «E então?»

— «Está tudo acommodado. Não passou a mais.»

— «Não vol-o disse eu? Nunca isto rende coisa de maior.»

Não perdera tempo o embuçado que entrára. Esmiuçára em poucos minutos as mais recentes occorrencias do tablado, que ainda hoje não é exempto de casos analogos.

Mestre Marçal, para quem tudo aquillo era de todo o ponto novo e indecifravel, julgava-se n'um mundo phantastico ouvindo contar, com tal naturalidade como se fôra coisa trivial, a historia d'estas familiaridades entre lacaias e imperadores. Todas as suas idéas hierarchicas se abysmavam diante da narração d'aquellas anedoctas, que, pela fórma por que eram contadas, pareciam usuaes e correntes.

Pensou o mestre que o mundo podia muito bem ter dado uma volta desde o seu casamento com a senhora Medéa.

Quiz certificar-se.

— «Perdoae» — observou cortezmente ao que referira o facto — «Pelo que oiço teremos brevemente execução.»

— «Uma execução !»

— «Certamente.»

— «Que execução ?»

— «A execução da Lacaia.»

— «A execução da Lacaia ! Mas como entendeis a execução da Lacaia, mestre Marçal ?»

— «Com baraço e pregão, e tudo o mais do costume, coisa muito para se ver e admirar, e para servir de exemplo e escarmento aos perversos.»

A honrada indignação do mestre varrera-lhe a memoria do delicto recente, que bem podia arrumal-o n'esta cathegoria reprovada. Abrindo os diques á facundia da sua virtude, proseguiu :

— «Presumo que não a esquartejarão por decen-

cia. Como é pessoa do povo tambem não morrerá de garrote.»

— «Mas para que hão de executar a Lacaia? —

Os dois interlocutores estavam em pólos oppostos: não podiam entender-se. O segundo embuçado ria maliciosamente nas dobras da sua capa traçada.

— «Por que hãode executar a Lacaia!» — ponderou mestre Marçal estupefacto da pergunta com ares de duvida.

— «Por que hão-de executal-a, sim?»—retorquiu já impaciente o companheiro.

— «Perguntaes-me por que hãode justiçar e executar a Lacaia!» — insistiu o mestre exconjurando-se.—«Porque? Pelo que fez!»

— «Mas o que fez não é caso de forca.»

— «Pois não é caso de forca um atrevimento d'aquelles? um crime de lesa magestade pelo menos? Em que tempos estamos!»

Insurgia-se a orthodoxia dos seus escrupulos contra esta indifferença do incognito companheiro, pouco mais ou menos como um confidente ministerial deplora o septicismo, que hesita em acreditar a absoluta e incomparavel superioridade dos seus amigos.

O embuçado replicou procurando o sentido das palavras do fogueteiro, á feição de quem quer forçar o espirito a resolver um problema complicado.

— «Crime de lesa magestade! Qual crime?»

— «Pois ainda achaes pouco atrever-se uma lacaia, uma cuvilheira, penso... nem açafata de certo...

a levantar mão para um imperador... que eu não sei que imperador esteja agora cá na cidade... não ouvi ainda fallar... mas, como ainda ha pouco dissestes, foi aggravo a um imperador...

—«Oh! oh! oh!...»—atalhou o embuçado menos prompto na comprehensão, percebendo a final, e fazendo a segunda á risada do companheiro, que já havia entrado na mente do mestre.—Oh! oh! oh!... Sois um homem como não ha outro, mestre Marçal,»

— «Sou um homem como não ha outro! Porque?»

— «Sois. Descançae. Não haverá justiçados nem execução. Sinto dizêr-vol-o: teremos de passar sem esse desenfado. O Imperador e a Lacaia lá se entendem,»

Esta conclusão extravagante derrotou de todo mestre Marçal. Suppõe-se com bons fundamentos que o illustre e desditoso pyrotechnico finalisou os seus dias sem apreciar bem aquella intelligencia e camaradagem entre tão humilde officio e tão excelsa jerarchia.

Feliz ignorancia, que seria hoje um enorme anachronismo!

N'isto chegavam de novo todos tres á casa da travessa da Cruz.

A escrava moura veio logo abrir, como se já os esperasse. Os dois embuçados entraram fazendo passar adiante o mestre, cortezia que este julgou o mais favoravel presagio.

VI

De como Mestre marçal veiu a achar nas casas da rua da Cruz a explicação d'aquelles mysterios

Entrou o mestre, guiado pelos seus companheiros, n'uma especie de ante-sala. Havia ao canto uma pequena meza forrada toda de baeta verde usada, com guarnições de galão amarello. No topo, entre rumas de papeis, estava assentado um homem trajando de preto. Dava-lhe em cheio no rosto a luz posta sobre a meza, deixando na penumbra o resto do aposento, e realçando-lhe com o escuro da casa e o negror das vestes o semblante florido e prazenteiro.

Mestre Marçal chegou-se entre os dois embuçados, obedecendo ás prescripções d'estes.

O homem, que estava á meza, fitou no fogueteiro uns olhos claros e vivos. Depois de folhear um quaderno, perguntou-lhe:

— «Sois vós mestre Marçal?»

— «Marçal sou para vos servir, e mestre não me permitte a minha modestia dizel-o; mas com a ajuda de Deus e do meu santo padroeiro, muitos vol-o dirão.

— «Sei, sei.»

O homem escreveu o que quer que fosse, e continuou:

— «Natural?»

— «Natural... como?»

— «Natural... d'onde?»

— «Ah!... Natural d'esta cidade, meu senhor.»

Mestre Marçal não via a precisão de lhe averiguarem a naturalidade.

— «Edade?»

— «Trinta e dois annos. Hei-de fazel-os para o S. João que vem.»

— «De vossa profissão, fogueteiro?»

— «Quando havia fogueteiros» — observou malignamente o mestre.

O homem sorriu.

— E de vosso estado, casado?

— Casado, é verdade.

Suspirou mestre Marçal este «é verdade» como quem diz: «desgraçadamente.»

O homem tornou a sorrir.

— «Prompto» — murmurou para si, terminando expeditamente a escripta; e, abrindo a porta que lhe ficava ao lado, foi para dentro.

Passados momentos voltou, e disse a mestre Marçal:

— «Podeis entrar.»

Mestre Marçal tinha tomado a prudente resolução de já se não admirar de nenhuma occorrencia, por mais disparatada que lhe parecesse.

A sala que se seguia, e onde o mestre foi introduzido pelo individuo das perguntas, ficando fóra os dois homens de capa, desdizia pouco da mobilia da outra, e pouco se lhe avantajava.

As janellas sem colgaduras. De friso a friso das humbreiras, nas paredes lateraes, longos renques de prateleiras de pinho da terra, vergando ao peso de grossos manuscriptos, atados com guitas ou nastros vermelhos. De rosto para a porta de entrada, e corrida com o fundo da casa, uma estante de guaiáco torneada, arrebentando de folios veneraveis. A outra meza, mais vasta e mais aceadamente coberta do que a antecedente, outro homem, de escuro como o primeiro, estava como elle sentado á meza. Uma cadeira de espaldas, de couro de Flandes, com ornatos em relevo e pregaria amarella, indicava a preeminencia da pessoa.

Era este novo personagem, creaturinha de seus sessenta annos, ainda fresco e bem disposto, todo elle viveza e movimento. Não tinha nos modos nem no aspecto a menor apparencia de severidade. O olhar impenetravel era porém tão frio e tão agudo, que parecia cortar. Tinha a cabeça já branca, o rosto vermelho, as mãos femininas.

— «Chegae-vos, mestre Marçal» — disse o homemsinho ao fogueteiro n'um tom benigno e paternal, que dilatou a este as esperanças e lhe restaurou as alegrias.

Depois, dirigindo a palavra ao introductor, acrescentou:

— «Verificastes ser o proprio?»

— «Verifiquei» tornou o interpellado com toda a proxilidade das locuções formalistas.— «O proprio é por sua mesma declaração e confissão.»

— «Sou, sim, meu senhor» — confirmou o mestre, que já se via festejado e favorecido — «eu sou. Sou mestre Marçal, fogueteiro... no meu tempo... para tudo o que poder servir a sua mercê.»

— «Já por vezes heis fabricado em vossa casa alguns artificios de fogo, que tendes lá mesmo deitado, não?»

Mestre Marçal, vendo nesta pergunta, antes verdadeira affirmativa, a razão da sua popularidade, e talvez a origem da sua fortuna, respondeu com o desdem da superioridade:

— «Aquillo nada foi. Um desenfado apenas. Se visseis...»

Franziu o homunculo o sobrôlho espesso e grisalho, e atalhou:

— «Ah! nada foi!»

Esta interrupção fez reflectir mestre Marçal. Como se podia ter sabido um segredo, que elle julgava tão recatado e occulto?

Estando porém convencido plenamente da inutilidade de dissimular com pessoa em quem via, mais que um protector, um admirador, quiz sómente esclarecer as duvidas:

—«Como soube sua mercê?»—inquiriu entre a curiosidade e o mysterio.

—«Sabemos tudo»—acudiu laconicamente o homunculo.

Depois continuou:

—«Esta noite, depois de Trindades, fostes ás terras da Cotovia...»

—«Experimentar um foguete»—respondeu mestre Marçal, sem deixar concluir a phrase, e já a cem leguas das ordenanças—«É certo. Mas não pense sua mercê que era um foguete como os outros.»

—«Ah! não era!»

—«Não era, posto que o parecesse... sua mercê assim mesmo gostou?»

—«Pois não havia de gostar! Digo-vos que estou maravilhado.»

Mestre Marçal esfregou as mãos.

—«Se soubesseis, meu senhor, que artificio novo e estupendo eu tinha ali preparado! Havia de assombrar tudo.»

—«Dizeis, mestre?»

—«Digo que assombraria toda a gente.»

—«Com que então havieis preparado um artificio, que havia de assombrar tudo! Mas, vamos, como entendeis assombrar?»—ponderou o homunculo, re-

costando-se, cruzando os braços n'uma attitude de apparente indolencia, e por entre as palpebras meio cerradas vibrando dois raios sobre o fogueteiro desprevenido.

Este respondeu candidamente:

—«Assombrar... de admiração!»

—«Ah!»—articulou o interrogante com inflexão lenta e meditativa.

—«Falhou»—redarguiu o mestre.—«Toda a gente se póde enganar uma vez»—acrescentou philosophicamente.

—«Não só uma vez, senão duas vezes, mestre Marçal.»

—«Duas não seria facil»—tornou este como quem estava perfeitamente seguro de si.

—«Estaes então disposto a tentar de novo o lance?»

Mestre Marçal, cuidando ver n'esta provocação um indirecto convite a maior franqueza, olhou em torno com ar de precaução, aproximou-se da meza, e disse em voz baixa:

—«Se achasse alguem de vulto que se quizesse utilisar do meu prestimo assim para coisa de maior, veria, veria então sua mercê, ou sua... que eu não sei com quem estou fallando...»

—«Vejo que vos achaes em boas disposições, mestre Marçal. E com effeito não vos disseram ainda em presença de quem estaes?»

Mestre Marçal olhou interrogativamente para o in-

dividuo que o introduzira; e, como este não respondesse, replicou balbuciando:

— «Não, senhor meu: nada me disseram pelo caminho. Mas eu penso... creio... Em todo o caso, aqui estou prompto para o que me ordenarem.»

— «Sinto dizer-vol-o, mestre Marçal, estaes prompto para entrar na cadêa do Tronco, aonde vos mando já conduzir.»

— «É o senhor corregedor do crime» — observou officiosamente o outro sujeito de negro, que era o escrivão da correição, com uma obsequiosidade de modos, que n'outra occasião teria penhorado infinitamente o mestre. Em tal momento porém todos os lenitivos se tornavam inuteis e todas as civilidades absolutamente superfluas. O desmaio das suas phantasias era completo, e o desengano da sua situação terrivel.

— «Misericordia!» — bradou o misero, vergadas as pernas como dois parenthesis.

E caiu de joelhos, fechando as mãos na cabeça, como se um raio lhe houvesse estoirado em cima!

VII

Da influencia que exerceu a lingua da senhora Medêa no destino de mestre Marçal

Quando, defronte de S. Luiz dos francezes, fôra interceptado pelos dois embuçados, mestre Marçal tivera suas suspeitas do que podia ser, e deve-se dizer que uns longes d'ellas lhe haviam visitado por vezes a imaginação nos varios incidentes d'aquella noite funesta.

Dissipara-lhe porém o terror e afugentara-lhe as imagens tetricas uma grave circumstancia, confirmando-o successivamente na commoda novella, que havia forjado para seu uso. Fôra esta circumstancia a perfeita urbanidade, que, por um acaso feliz e sempre raro, achara nos quatro individuos com quem tivera de lidar.

Por ignorante do mundo, fazia mestre Marçal do

tracto social das justiças de el-rei a idéa mais pavorosa e menos favoravel que era possivel conceber-se. Como nunca tivera dares nem tomares com ellas, até ao dia malfadado em que a paixão da arte o levara a commetter o primeiro delicto, o honrado fogueteiro figurava-as lá comsigo de um desenho medonho, e pintava-as com as mais negras cores. No seu conceito um beleguim era inevitavelmente um ógre, um meirinho uma harpia, e um juiz a cabeça de Medusa.

Sendo difficil que o mestre citasse a proposito os mythos gregos, por não possuir na interpretação d'elles, segundo todas as probabilidades, a sagacidade erudita do abbade Banier, e não podendo suppor-se sufficientemente versado nas chronicas de Jornandes e Amiano-Marcellino para trazer familiaridades com o genuino sentido das temerosas ficções da edade media, não se tenham litteralmente estas comparações por partos do seu bestunto, ou, como vulgarmente se diz, productos da sua lavra: são apenas uma traça do auctor para exprimir a ascendente intensidade do horror, que elle ingenuamente media e graduava pelas differentes espheras da jerarchia judicial.

Eram aos seus olhos a affabilidade e os bons termos qualidades absolutamente incompativeis com os homens d'aquella classe. Não podia imaginal-os senão arripiados de modos, hirsutos de figura, e ferozes de instinctos.

A fallar a verdade, mestre Marçal não errava de

todo. As relações ordinarias da justiça com as pessoas da sua condição tinham com effeito muito pouco de benevolas e apraziveis. Não passava o carinho por ser o fraco dos homens de lei, e menos ainda na sequella dos honrados malsins de todas as ordens. Se ainda hoje as conjecturas do mestre não vão muito longe da realidade, póde suppor-se o que seria n'aquella época.

Toda a regra porém tem excepção.

Tinha tido mestre Marçal a phenomenal ventura de acertar com quatro excepções, ou antes com a excepção de um corregedor do crime, systematicamente obsequioso de palavras, que á sua imagem e similhança affizera, como é costume, todos os subordinados.

É verdade que não estava mais adiantado por isso. Era o corregedor polido como o aço, mas duro como elle.

Desde que o mestre, illudido pelas apparencias, assentara de si para si que os dois mysteriosos desconhecidos não podiam pertencer á justiça, peitado de outras idéas, e vencido do demonio da ambição e vaidade, esquecera de todo, não só a usual circumspecção, senão as mais triviaes suggestões da prudencia. Serenado o sobresalto do primeiro surprehendimento pela blandicia dos diversos interlocutores, haviam-lhe estes naturalmente parecido outros tantos confidentes.

Imagine-se pois qual seria o seu aturdimento e

stupefacção ao ouvir estas palavras, tão pouco esperadas:

— « É o sr. corregedor do crime! »

Quanto ao modo porque a justiça estava já informada a seu respeito, era a coisa mais simples d'este mundo.

Tendo por aquelles tempos, como já foi relatado, occorrido contra as ordenanças prohibitivas algumas infracções, cujos auctores haviam ficado ignorados, o governo de Castella, temendo que do resfriamento da lei se seguisse o seu descredito, e do descredito resultassem abusos perigosos, havia com grande urgencia recommendado para Lisboa a maior vigilancia e rigor.

Em consequencia d'estas recommendações, o regedor das justiças passára as ordens competentes aos tribunaes, e aos dois corregedores do crime, que então possuia Lisboa, os quaes corregedores tinham jurisdicção e alçada para prender e processar no recinto da cidade, e cinco leguas em redondo, que era o termo.

Dos corregedores passára o apertado aviso ao meirinho, e aos onze alcaides, que faziam a policia da cidade.

Descendo na escala, cada alcaide tinha-o egualmente transmittido aos doze homens, oito de chuça, e quatro de capa e espada, que a lei e o uso lhe attribuiam para exercicio de suas funcções.

Um dos ultimos era visinho de mestre Marçal, que,

vivendo retirado e desgostoso, não só ignorava o seu tracto, mas nem se quer uma vez lhe fallára, e portanto mal podia conhecel-o.

Tivera a mulher d'este homem, a proposito de uma franga pedrez, grandes desavenças e ralhos com a senhora Medéa, a qual, na fórma do seu louvavel costume, a brindára com um diluvio de sotaques e improperios, dignos do artigo de fundo de um oraculo de moralidade n'estes tempos de civilisação.

Entre outras injurias grossas chamara-lhe : « velha desdentada. » Como a respeitavel matrona passava com effeito dos cincoenta, e, em consequencia de uma constipação nos queixos, tinha só seis dentes, em mau estado de servir, e em peior de se apresentar, o tiro dera em cheio, e a digna esposa do beleguim nunca mais perdoára tão desabrida affronta.

Não contente com uma imprudencia, que a indispunha com as justiças, a senhora Medéa tivera a notavel inconsideração de ir contar a outra visinha, — em segredo já se vê :

— Que o *seu* Marçal queimára uma duzia de valverdes em dia de Anno Bom !

Isto com muitos queixumes do perigo de um incendio, e dos desperdicios d'aquelle homem, que era a sua desgraça.

Affectando receios, que davam ao marido ares de verdugo e a prendavam com uma solicitude exemplar, rematou pedindo encarecidamente :

— Que não boquejasse no caso a ninguem !

O que a discreta creatura lhe affiançou com um sem numero de juras, muito parecidas com pragas.

Temendo crear bolor na lingua, julgou a visinha que novidade d'este calibre seria consciencia ficar monopolisada. E foi-se em continente segredar a uma sua comadre, paredes meias:

— Que mestre Marçal fazia o desproposito de deitar todos os mezes duas duzias de morteiros em casa, e era um bargante que dava cabo de quanto tinha e não tinha a pobre da mulher.

Quando a nova se aproximou ao fim do beco, dizia-se ao ouvido:

—Que o dissoluto e valdevinos do visinho Marçal punha por portas aquella boa alma da tia Medéa, porque tinha o sestro extravagante de deitar todas as semanas um fogo de vistas no pateo!

Ao sol posto d'esse dia, o honrado pyrotechnico, sem o saber, gosava no sitio a reputação de uma indole intractavel e de um perdulario insigne, em quanto a amoravel consorte, tida por modelo de mansidão e virtudes, era chorada como victima da sua abnegação conjugal.

Parecendo ter feito a sua educação com algum discipulo de Loyola, assim adivinhava a ex-viuva Brandôa a arte peregrina, hoje primorosamente cultivada, de insinuar calumnias, e de encarecer os sacrificios que não fazia, caritativo empenho em que tão efficazmente a auxiliava o espirito palreiro da

respeitavel corporação das mexeriqueiras, que em todos os tempos, e em todas as classes, teve sempre os seus valores entendidos.

De visinha em visinha, e de porta em porta, chegára a noticia á mulher do beleguim. A mulher do beleguim foi logo communical-a ao marido. O marido, homem prudente, ponderou que se não devia acreditar senão metade do que se dizia, e preveniu immediatamente o seu alcaide.

D'ahi por diante mestre Marçal tornara-se alvo de uma vigilancia activa e persistente.

A saida do mestre a horas desusadas, e para longe do bairro, dera nos olhos ao visinho beleguim, que o espreitava quotidianamente. Seguiu-o por tanto com as precauções do officio.

Ao Rocio, encontrára um confrade da mesma esquadra, e aggregara-o a si communicando-lhe a empreza. Isto feito, não lhe escapára o menor movimento do desditoso Marçal, que as suas preocupações cegavam, e que, mesmo no estado normal, nunca poderia competir em astucia com os experimentados agarradores, quanto mais avantajar-se-lhes de fórma que podesse precaver-se d'elles. O mestre, seguido com obstinação e recato, nem dera por isso.

O que os dois beleguins tinham visto constituia um cumulo de provas sufficiente para se apoderarem da pessoa do contraventor. A ingenuidade das suas confissões confirmára tudo sem trabalho.

Era o corregedor do crime, em cujas mãos mes-

tre Marçal caíra, homem, que, apezar do seu modo affavel e adocicado, tinha um masso de processos no logar em que os outros costumam ter o coração. Trazia elle o fito ambicioso em chegar, o mais depressa que podesse, a Desembargador dos Agravos com assento na Casa da Supplicação, logar eminente e pingue, que era a terra da promissão para a magistratura da epoca.

Não são os individuos d'esta tempera inclinados a escrupulos. Anhelando lograr aquelle fim, tão desejado como arduo, nada lhe custava, e todo o seu empenho era assignalar-se por algum serviço importante. O corregedor conhecia o espirito suspeitoso e desconfiado da governança de Castella. Se alcançasse pôr o dedo n'alguma boa conspiração, ou sequer n'um simulacro d'ella, tinha como certo o abreviar consideravelmente a distancia, que ainda o afastava do termo das suas aspirações.

Quasi exclusivamente costumado a lidar com as manhas e subterfugios dos criminosos endurecidos e matreiros, não podéra elle acreditar que a miraculosa simpleza de mestre Marçal fosse cousa natural, e proviesse unicamente do acanhamento da sua penetração. Comprazia-se em planear sobre a vulgar occorrencia, que tivera logar com o fogueteiro, um problema judicial, cuja solução lhe daria creditos de sagaz e zeloso, e o poria em bons termos com o conde-duque, ministro omnipotente.

Em todo o caso sempre attestava o seu desvelo

pela integridade d'aquella lei, que tamanha attenção estava merecendo á corte.

O juiz, sem querer, egualava-se ao réo pela secreta inspiração de um desejo, analogo nos differentes graus da respectiva cobiça.

Nesta disposição resolveu-se a continuar o interrogatorio, fitando no pobre de mestre Marçal uns olhos, que pareciam traspassal-o.

Mal tornou um pouco a si, o primeiro impulso do fogueteiro, ebrio ainda de terror, foi abraçar o corregedor pelos pés, exclamando em tom de angustia tão pathetica e tão verdadeira, que lhe apagava o ridiculo da figura, e commoveria o mais duro coração.

— « Senhor corregedor, não me desgraceis! Senhor corregedor, era uma experiencia, não era mais do que uma experiencia. Como não desculpareis, senhor corregedor, se com isto nasci e com isto me creei! Era já a profissão de meu pae. Nunca tive outra. Era a minha enxada, e estava tão costumado que não podia passar sem ella. Foi o demonio que me cegou. Mas eu protesto-vos que nunca mais, nunca por nunca ser, tornarei a bulir n'um bago de polvora. Senhor corregedor, amerceae-vos de um pobre, que é a primeira vez que passa por esta desgraça e por estas vergonhas! Senhor corregedor!..»

Mestre Marçal não sabia que era mais facil mudar os celebres paços de Côrte Real para a Trafaria do que abalar aquella alma petrificada. Um tigre perdoaria: elle regosijava-se.

VIII

De como mestre Marçal, verificando o segredo do seu artificio, descobriu a final que um foguete se podia transformar n'uma caravella

O corregedor, se não tinha a conjuração, possuia o infractor. Não o dera por uma moradia em palacio.

Por unica resposta, estendeu o braço e entregou a lei fatal ao escrivão da correição.

— «Lêde» — disse em tom imperioso e terminante.

O escrivão leu da primeira até á ultima syllaba. Era escusado: mestre Marçal sabia-a de cór.

— «Mas, senhor corregedor, se não foi por mal!» —murmurou o fogueteiro com um abafador na garganta entaboada.

— «Tendes modo de evitar maior pena» — proseguiu o inflexivel magistrado.

—«Que modo, senhor corregedor?»—tornou ancioso o infeliz, erguendo-se e respirando como o naufrago que deita a mão a uma prancha.

—«Confessar quem são os outros.»

—«Sua mercê diz...?»

—«Digo que reveleis o nome dos vossos cumplices.»

—«Cumplices! De que?»

Mestre Marçal, não podia acreditar que fossem necessarios cumplices para fabricar os seus productos.

—«Com que fim vos fostes a lançar aquelle foguete ás terras da Cotovia?»

—«Com o fim de experimentar um novo artificio de minha invenção.»

—«E que artificio era?

—«Uma transformação. Não saiu bem d'esta vez; mas...»

Mestre Marçal, nas incorrigiveis cegueiras da sua paixão dominante, ia a dizer:

—«Mas para a outra melhor será.»

Um gesto expressivo do corregedor embainhou-lhe a palavra imprudente, seccando-lhe a bocca.

—«Ou este homem é mentecapto»—pensou o magistrado—«ou é o mais fino conspirador, que jamais caiu em mãos da justiça.»

Custando-lhe porém a desistir das complicações, que os homens de lei se prazem em enredar na phantasia, e não se resolvendo a perder ainda to-

talmente a esperança de um tenebroso processo, como aquelles em que o amor da argucia enleva as predilecções forenses, continuou o corregedor em voz alta:

—«Assim, persistis em vossas negativas e absurdas desculpas? Não tendes cumplices!»

Mestre Marçal daria tudo, até a senhora Medéa —principalmente a senhora Medéa—para ter um cumplice; mas, por mais que fizesse, não podia achar senão a cumplicidade de uma ponta de barbante, que do bolso lhe pendia accusadora, resto do que lhe servira para dispor a malaventurada machina.

Uma denegação muda foi a sua unica replica.

—«A prisão o fará fallar, se é o que supponho» —reflectiu comsigo o corregedor.—«Se é só o que parece, já temos em quem punir a infracção.»

O bom do corregedor, com a mira nos seus particulares intentos, o que prova como a sordidez do interesse não é de agora, pouco se lhe dava de averiguar a importancia do crime: o tudo era colher uma entidade criminosa.

—«Bem!»—proseguiu, dirigindo-se ao escrivão. —«Levem-m'o á cadêa do Tronco: ficará incommunicavel.»

—«Senhor corregedor!...»—bradou o triste, pondo as mãos e erguendo-as ao céo no derradeiro e supremo esforço.

O corregedor inexoravel fez um signal. O escri-

vão abriu a porta, e entregou o preso aos dois homens de capa, que esperavam na ante-sala.

Mais morto que vivo, mestre Marçal saiu machinalmente com elles.

Estavam já desertas as ruas. Os habitantes da cidade recolhiam cedo n'aquella época. O transito nocturno era subjeito aos mais graves inconvenientes. Apenas algumas raras andas, ou liteiras, de damas principaes, precedidas de um escravo que alumiava o caminho, e ladeadas dos pagens e homens de cavallo, correspondentes á sua qualidade e jerarchia segundo as regias provisões, atravessavam a passo lento as ladeiras tortuosas que iam dar á cidade baixa; apenas algum embuçado bem precavido, escondendo egualmente o rosto e as tenções, perpassava preoccupado e rapido, ou se cozia com as esquinas topando os capas do alcaide.

Este silencio e estes vultos lobregos apertavam ainda mais o coração de mestre Marçal.

Torneando a rua dos Escudeiros, e passando a freguezia de S. Nicolaú, os companheiros do mestre, que já a este pareciam de muito menos agradavel convivencia, entraram com o preso no Terreiro do Paço pela porta do Arco dos Barrotes, e seguiram costeando o palacio real pela porta do Arco das Pazes.

Os motejos dos arcabuzeiros da guarda do paço acompanharam o pobre fogueteiro até quasi ao torreão novo da Casa da India, d'onde os capas o le-

varam ao outro lado pela porta dos Armazens, dirigindo-se depois á Tanoaria, e enfiando pela porta dos Cubertos até o encerrarem na prisão do Tronco, enxovia destinada aos malfeitores, situada na rua denominada tambem dos Cubertos, que ficava, pouco mais ou menos, fronteira ao local onde existe o Arsenal da Marinha.

Quando mestre Marçal sentiu ranger os gonzos de ferro, correr os pesados ferrolhos, e cerrar sobre elle as grades grossissimas, pensou que o fechavam n'um sepulchro. Quando ouviu as pragas, os brados, as vociferações, os alaridos, as blasphemias, que lá iam por dentro, cuidou que dava a sua entrada no inferno.

Felizmente, o espirito mobil do mestre não conservava por muito tempo a intensidade das sensações.

Pela madrugada conseguiu adormecer, dizendo comsigo:

—Que, a final, inferno por inferno, o de sua casa não era muito preferivel.

Como o bom de mestre Marçal seguia a philosophia, muito catholica e discreta, de que tudo quanto Deus faz é pelo melhor, consolava-se com a idéa de ter assim evitado as verrinas conjugaes, que elle via erguerem-se ameaçadoras, com um «continuar-se-ha» eterno.

Ao outro dia, mal acordou, o primeiro «Deus vos salve», que de longe lhe soou na masmorra,

foi a voz stridente da senhora Medéa, a quem a mulher do beleguim fôra officiosamente prevenir, com apparente esquecimento das passadas affrontas, para saborear pessoalmente a vingança, que é o prazer dos deuses... e das visinhas tarameleiras.

A senhora Medéa, da banda de fóra das grades, desfazia-se em imprecações contra o parvo do marido:

— Que por culpa sua — dizia ella — estava entre ferros de el-rei!

Sobre isto regalava com uma furibunda apostrophe os guardas, que, sob o pretexto de se achar incommunicavel o preso, não a deixavam passar ávante para despejar na propria cara ao mestre o mais que lhe sobrava para dizer!

—«Então por que não hei de entrar?»

—«Já se vos disse, mulher.»

—«Mulher!... Mulher, assim por de mais! Não verão aqui o D. Escudeiro, aprezilhado de prata e vestido de chamalote! Quem vos talha o gibão, meu senhor amo? Sois freguez da Rua Nova ou passeaes em S. Domingos?... Mulher! Olhae lá como fallaes.»

—«Mulher ou diabo, para nós é o mesmo.»

—«Atrevidos! Villões desbragados! Almas de chinello! Perros judeus!»

Um dos guardas, que se divertia particularmente com a torrente inexhaurivel dos improperios da matrona, tornou-lhe com todo o serio de uma contricção sincera:

—«Perdoae... Diabo não: era levantar-lhe um aleive.»

A conclusão acabou de assanhar a Medéa algarvia.

— « Sempre quero ver » — clamava ella com esgares tremendos, rôxa de colera, n'um falsete hydrophobo, — « sempre quero ver se uma mulher honesta não hade fallar a seu marido... para desafogar ao menos! Ai! que homem, santa do meu nome! que homem! Os meus peccados! Eu sempre o disse! Mal haja a hora em que tive a desgraça de consentir em dar-lhe o «sim». Que leis são estas que separam os casados e mettem uma rolha na bocca á gente!... Nossa Senhora dos Remedios, que remedio terá a minha triste vida? Quem me havia de a mim dizer no tempo do meu Malaquias, que sempre me trouxe tão estimada, que ainda havia de chegar a estes vexames!

Este chorado Malaquias era o defunto mercieiro, o primeiro marido, que lhe dava uma sova todos os oito dias.

No paroxismo da desesperação a senhora Medéa fincava o punho no lado com gesto provocador, fiando-se na impunidade do sexo.

Terminou o dialogo como só podia terminar, pegando-lhe os guardas por um braço — se não foi pelos dois braços — de um modo que nada tinha de cortez, e pondo-a na rua á força.

Na rua a berraria foi tal, que os habitantes do bairro chegaram todos á janella.

Mestre Marçal, n'esta conjunctura temerosa, bemdisse a invenção dos *segredos*, e glorificou os rigores da justiça, que lhe pareceram então o cumulo da benevolencia!

....

Terminam aqui as primeiras aventuras do mestre. A paixão pyrotechnica, paixão original entre todas ellas, sendo a verdadeira origem dos seus dissabores domesticos, levara-o, como se vê, aonde o podia levar.

Dizem que os superiores affectos tem todos o seu calvario. Mestre Marçal, em prova da grandeza infeliz da sua bemquerença, teve dois calvarios—o ninho da esposa, e o ergastulo dos facinorosos.

Pensando bem não sabia qual era peior!

....

O empenho do Corregedor do crime, incansavel em esmiuçar a sua conspiração, fez jazer o mestre mais de um anno encarcerado. A custo desenganadas de que o foguete perturbador não fôra signal de perigosos attentados, e reconhecendo por fim que o supposto conjurado era, quando muito, um monomaniaco, resolveram as justiças de Castella dar-lhe destino.

Dignando-se attender á prisão que já padecera, tiveram a benignidade de lhe commutar a pena de degredo para Angola na pena de degredo para o Brazil.

Como acontecesse partir o capitão-mór de Per-

nambuco, aproveitou-se a opportunidade de enviar para ali alguns degredados, entre os quaes mestre Marçal teve a honra de figurar!

Mal poz pé no convez do navio, como á claridade de um novo e subito *fiat lux,* terminaram todas as suas duvidas ácerca do desgraçado artificio, que, um anno antes, fôra perder-se sem baptismo n'umas leivas de cevada.

Estava emfim sufficientemente esclarecido. Tinha o famoso foguete effectuado a problematica metamorphose: achava-se convertido na caravella, em que ia, contra sua vontade, demandar as terras de Santa Cruz.

N'esta extremidade, uma coisa consolava mestre Marçal de todos os transtornos e infortunios. Era a sua providencial separação da senhora Medéa.

O mestre tinha a malicia de pensar que, só por si, esta circumstancia compensava, e, feitas bem as contas, excedia muito os desastres, que lhe grangeára aquelle amor da arte, não comprehendido no seu tempo.

....

Se chego a conseguir alguns ocios, talvez me tente ainda a ordenar os inauditos e prodigiosos casos, que no novo mundo illustraram os meritos e o nome do mestre desterrado. Esses sim, que foram lances de contar. Mais dia menos dia não resisto ao desejo, dado que as singularidades physicas e moraes do meu chão e sincero Marçal Estouro não tenham demasiadamente enfadado o leitor.

O FORTE DE S. JORGE

O forte de S. Jorge

I

PRELIMINARES

Nos ultimos dias de fevereiro do anno de 1630, uma poderosa armada dos Estados de Hollanda aproára sobre o Recife de Pernambuco, e desembarcára na enseada de Pau-amarello o corpo de tropas da expedição, que a companhia hollandeza enviara, como ensaio commercial, a conquistar a provincia.

Tanto que tal aggressão constou, a população de Olinda, capital da capitania, fugiu espavorida para os mattos. O melhor da força expedicionaria dos Estados, atravessando em breve o rio Doce, e vencendo a insufficiente resistencia das poucas tropas que poderam oppôr-se-lhe, entrou na cidade sem o trabalho de expugnal-a.

O capitão-mór, Mathias d'Albuquerque, depois de

reconhecer a impossibilidade de suster o panico, percorria o campo a fim de organisar a resistencia, e tentava bloquear os invasores na sua conquista.

Para se entenderem as scenas, que vão passar-se, convirá, antes de tudo, dar idéa das localidades em que ellas succederam.

No seculo, de que escrevo, a povoação do Recife, ou Arrecife, como então lhe chamavam, estava longe de ser o que é actualmente.

Gozava ella já todavia de grande importancia commercial em consequencia da sua situação.

O burgo, que ainda por outra coisa se não podia ter, quasi fronteiro á barra principal do porto, era com effeito admiravelmente accommodado aos armazens e tercenas, que ali tinham em grande copia os commerciantes. Ficava-lhe a um lado o surgidouro dos navios mercantes, na confluencia dos dois rios, Capibaribe e Biberibe, que bracejavam para o sertão em sentido divergente. Ficava-lhe ao outro lado o ancoradouro das embarcações de maior porte, que ordinariamente fundeavam ao norte do Picão, defronte do logar onde os hollandezes levantaram depois o forte, que se ficou denominando do Brun.

Olinda era a sede permanente do governo da capitania. Muitas e singulares excellencias tinham originariamente determinado a escolha.

Fôra edificada esta cidade no seculo anterior. A lenda do seu nome é graciosa como o paiz que domina.

Ao tempo da conquista habitava aquella porção do littoral uma das nações mais feras e bellicosas da America meridional, a dos terriveis Cahetes, que fazia parte da grande raça dos Tupinambas. Separando-se da vasta federação, tinham vindo os Cahetes ali estabelecer-se, attraídos pelo aprasivel do territorio, e pela visinhança da costa, que particularmente convinha ás suas tendencias navaes e guerreiras. D'esta região, nas jangadas que rapidamente fabricavam, era-lhes facil levar a distancias consideraveis a devastação e o exterminio.

Vieram as colonias portuguezas. Por muito tempo, na zona maritima, theatro de luctas porfiadas e sangrentas, se achou a pequena população europea exposta ás improvisas excursões do gentio. Tiveram estes porém de recuar ante a civilisação que avançava. Retirando-se em diversas direcções para o norte, deram origem ás tribus filiaes dos taboyares e pityagoares, que missionarios zelosos, na epoca desta historia, começavam a doutrinar com vario successo.

Principiava apenas a occupação colonial, quando o primeiro donatario da capitania, Duarte Coelho Pereira, entranhando-se um dia pela enseada, e subindo até ao sitio onde depois se levantou a cidade, ao aportar na margem, e ao dar com os olhos na formosa disposição dos terrenos, exclamou:

— «*Oh! linda* situação para se fundar uma villa!»

Olinda ficou a povoação. A exclamação fôra um baptismo.

Subsequentemente, como crescesse o tracto e negocio, e o porto, pelas razões indicadas, se tornasse um dos mais frequentados e opulentos d'aquellas paragens, formou-se o nucleo da povoação do Recife, que, nos tempos a que me refiro, era, como disse, um burgo de cento e cincoenta moradores, quando muito, em parte pescadores, em parte homens de trabalho ou empregados no porto.

Tempos atrás fallara-se vagamente nos armamentos dos hollandezes. O governador geral do Brazil, Diogo Luiz d'Oliveira, chegára a mandar a Pernambuco o sargento-mór do estado, Pedro Corrêa da Gama, que, olhando á conveniencia da povoação do Recife, como poude a fortificou circumdando-a de robustas estacas das ricas madeiras da terra.

A este entrincheiramento, por um abuso de locução que rapidamente degenerara em geral costume, chamavam a praça.

Adiante da praça, dependencia d'ella, ficava outra pequena fortificação, a que se dava o nome de forte de S. Jorge.

Para que se possa comprehender a importancia d'este forte, em que vamos encerrar-nos, será indispensavel entrar em mais algumas particularidades.

É o porto de Pernambuco fechado por um continuo recife natural, d'onde deriva o nome. O recife estende-se de sul a norte, desde a bahia de Todos-os-Santos até ao cabo de S. Roque.

Esta longa aresta de rocha, immenso diadema de

alguma vasta serrania, cujas raizes assentou Deus no fundo do Oceano, ergue-se por grande extensão á flor d'agua.

N'aquelle ponto da costa, o recife mais parece molhe artificial, e intelligente obra de gigantes, do que um accidente da natureza. Por espaço de uma legua, pouco mais ou menos, corre em linha recta a cem braças da praia, em fórma de larga muralha, quasi ao nivel das ondas na preamar, coisa de seis pés sobranceiro na vasante.

Se o mar está liso e chão, quebra-se-lhe aos pés, franjando-o de uma extensa e formosa orla de espumas; á mais leve agitação investem-no de toda a parte as vagas irritadas. Nos dias de temporal o escarcéo é medonho, a arrebentação tremenda, o expectaculo maravilhoso. Galgando e rugindo, como turba ciosa de leões titanicos, mares sobre mares sacodem ao ar as jubas arripiadas de neve, transpoem o eterno obstaculo opposto á sua cólera, precipitam-se, desabam além do molhe, e vão ainda turbar profundamente as aguas do porto.

A pouca distancia da povoação interrompe-se esta longa e natural muralha, como se o Eterno quizera abrir uma porta áquella terra fecunda. A interrupção, ou abertura, fórma a barra principal, defendida por um forte denominado da Lage, ou de S. Francisco, assente da banda do sul sobre um rochedo solitario.

No interior do porto, entre este e o rio Biberibe, corre uma restinga de arêa, de cincoenta passos

de largura, proximamente, á feição de comprida e estreita peninsula, que, partindo de Olinda, se prolonga uma legua para o sul.

Na extremidade d'esta peninsula ficava o burgo do Recife, fronteiro á ilha de Santo Antonio, e ainda separado d'ella pelas aguas combinadas dos dois rios affluentes. Além da ilha, estendiam-se as vastas planicies alagadiças, que o Biberibe inundava, e que por isso eram chamadas «Terra dos Afogados.»

Quem já no seculo XVIII percorresse os tres bairros da povoação engrossada e feita principal, — o moderno Recife, que ainda occupa o logar do antigo burgo, e pela maior parte é devido aos hollandezes — Santo Antonio, que se alarga pela ilha desde o palacio das duas torres até ao forte das cinco pontas — e Boa-Vista, que mais além, do outro lado, dissemina as suas formosas cazarias pelas veigas do continente — quem, dizemos, já por fins do seculo XVIII, visitasse os tres bairros da povoação, mutuamente ligados pelas duas pontes que a ilha estende como dois braços abertos, de um lado para a peninsula do Recife, e de outro para a varzea do rio, difficilmente poderia fazer idéa do que Mathias de Albuquerque denominava praça, mais por ampliação philologica, do que por consciencia militar.

As pontes não existiam, e a ilha da Santo Antonio estava ainda na maior parte coberta da sua vegetação primitiva. Por consequencia o burgo isolado só pela restinga da arêa, a que era remate, se com-

municava com o territorio, que Olinda, occupada pelos hollandezes, fechava no extremo opposto da estreita peninsula.

O forte de S. Jorge, situado quasi a tiro do Recife, entre este e Olinda, servia pois de interceptar o accesso ao inimigo, e protegia as communicações que pelo rio se mantinham entre o burgo e as terras interiores.

Os hollandezes, tendo desembarcado, como se disse, no porto de Pau-amarello, quatro leguas acima, haviam entrado pelo norte. O sul, e portanto o porto, estavam livres ainda.

Pelo que toca á sua armada, emquanto o forte da barra se defendesse não podia ella senhorear os rios, porque a chamada barreta, outra fenda no dique de rocha, a meia legua da barra grande, não só era tambem defendida por um fortim, mas apenas dava entrada a lanchas.

Da peninsula sobre a linha longitudinal do molhe alongava-se tambem um banco de arêa, submergido nas marés cheias, mas ordinariamente vadiavel na baixa mar, quando não havia aguas vivas. Era a communicação entre a cidade e o forte da barra, e só por ella poderiam os hollandezes vir assaltal-a a fim de abrirem caminho aos seus navios.

Por aqui se póde ver quanto importava conservar o forte de S. Jorge, pois que por um lado protegia o da barra e impedia que se lhe podesse formar assedio, e pelo outro defendia o burgo e as suas re-

lações com o interior, onde o capitão-mór, como fica indicado, com os mais influentes da terra e algumas partidas de milicia, cubria o territorio, sem perder occasião de saltear os inimigos, que se aventuravam fóra da cidade.

Mathias de Albuquerque chamava ao forte de S. Jorge a chave da posição. Esta posição, entendia elle que era essencial sustental-a, — ainda que só fosse por alguns dias — para dar tempo a armar-se a provincia.

Effectivamente, perdido o forte de S. Jorge, tornava-se impossivel defender o Recife. D'aquelle passariam immediatamente os hollandezes a investir o de S. Francisco da barra, que era, como fica dito, muito menos defensavel do lado de terra do que do lado do mar.

Rendido este ultimo, a denominada praça ver-se-hia simultaneamente assaltada pela armada no porto e pelo exercito na peninsula.

A armada dos hollandezes compunha-se de sessenta vélas, e subiam a sete mil homens regulares as suas tropas de desembarque, — seis mil dos quaes estavam já em Olinda — todas estas forças commandadas por Henrique Lenck, por Theodoro Vanderburg e pelo almirante Pieter-Adrian, illustre nos mares da Asia. Mathias de Albuquerque não tinha ainda, para oppôr a todo este poder, senão as estacadas de Pedro Corrêa, dois mil homens da milicia com poucos soldados regulares, e cem caval-

los, a mesma gente que se havia dispersado na passagem do rio Doce, e que elle agora tratava de reunir e reanimar.

Não só era impossivel encerrar e manter esta força na estreita lingua de arêa, bloqueada de todos os lados, mas infallivelmente cairia nas mãos dos hollandezes, logo que estes vencessem os pequenos obstaculos que ainda os detinham.

Limitar-se pois a permanecer ali seria uma imprudencia, que desde o principio entregaria a capitania inteira ao inimigo, sem mais trabalho do que tomar uma pequena e mal defesa povoação que não podia sustentar-se.

Como capitão experimentado tinha Mathias de Albuquerque acertadamente evacuado com o grosso da sua gente o littoral, cuja conservação só podia ser temporaria, e onde corria o gravissimo perigo de comprometter n'um lance toda a provincia, e talvez as demais possessões [1]. Tratava porém de

Beauchamps, na sua *Historia do Brazil*, antes de relatar o ataque dos fortes, diz que Mathias d'Albuquerque se afastara do Recife, circumstancia que, juntamente com outras omissões graves, parece dar a entender que os abandonara. Em authenticos documentos se póde averiguar quanto é errada e inadmissivel similhante opinião. Effectivamente não podia attribuir-se tamanha negligencia a homem dos quilates de Mathias d'Albuquerque. O vencedor da batalha de Montijo, uma das mais disputadas e decisivas das guerras da acclamação, não malbaratava nem desperdiçava recursos. A historia é accorde em nos apresentar aquelle ge-

defender o burgo em quanto podesse. Metteu-lhe para isso de guarnição alguns dos homens de esforço, que não o tinham desamparado no primeiro terror, e os soldados regulares que estavam de presidio na capitania. Estabeleceu-se depois em posições, que lhe permittiam abastecer e soccorrer o forte de S. Jorge até á ultima.

Bem via elle que era este o derradeiro baluarte do porto. Sendo impossivel preserval-o, não se empenhava menos em disputal-o. Ganhava assim, como fica dito, alguns dias para levantar os animos abatidos, aguerrir as milicias bisonhas, e pôr em defensão as populações sobresaltadas e attonitas da invasão, em que se não tinha querido acreditar. O bom engenho militar não aproveita só a victoria: muitas vezes utilisa tambem os desastres, e Mathias de Albuquerque era um verdadeiro cabo de guerra!

Como todos conheciam a valia do posto ameaçado, tamanho devia de ser o ardor do inimigo em apoderar-se d'elle, como o cuidado do capitão mór em guardal-o.

neral como um intrepido militar, tão prudente como habil. Não é só porém *a ratione* que o erro se demonstra. As particularidades em que entra o padre Calado na sua monographia, e o voto auctorisado de Brito Freire, escriptor de peso em taes materias por ser da profissão, desmentem positivamente o historiador francez, que parece ter citado a *Nova Luzitania* sem ter perfeito conhecimento de tal obra, como visivelmente lhe aconteceu com algumas outras, de que faz ostentosa resenha.

Vejamos agora o que era o famoso forte.

Afastar-se-hia da verdade quem imaginasse que n'aquelle seculo a arte, illustrada por Vauban, tinha feito na America os progressos que fazia na Europa. N'esse tempo a tactica lenta, que o grande Frederico veio a modificar, e Napoleão revolucionou, consistia principalmente em assedios e investidas de praças; e as mais feridas batalhas, davam-se ordinariamente para soccorrer os sitiados ou impedir os soccorros. Os hollandezes e flamengos, instigados das suas longas lutas com poderosas nações, haviam aperfeiçoado consideravelmente as artes da fortificação. A sciencia porém tinha ainda muito que andar, e as construcções americanas d'este genero, destinadas na origem a defender das invasões do gentio as nossas colonias, conservavam em grande parte as suas feições primitivas, e por consequencia os seus insanaveis defeitos.

Estava n'este caso o forte de S. Jorge. Fôra uma especie de feitoria fortificada, como as que os primeiros navegadores do reino usualmente levantavam nas Indias, para segurança e protecção do seu commercio. O especioso nome de forte vinha-lhe d'uma tal ou qual muralha quadrangular, com dois baluartes, sem escarpas, nem fossos, nem revelins, nem obras exteriores.

Pouca resistencia poderia pois offerecer a forças regulares e experimentadas, como eram as hollandezas. As cortinas ameaçavam ruina. Os obstaculos

mais serios contra uma tentativa de assalto eram as grossas estacadas e tranqueiras que havia pouco se lhe tinham addicionado.

Consistia toda a artilheria d'esta fortificação informe em tres peças, uma de bronze e duas de ferro, montadas em fortes madeiros de vinhatico.

Antonio de Lima estava por governador n'aquella singular fortaleza.

Passemos a averiguar que soldado era Antonio de Lima, capitão de bandeira, incumbido da ardua empreza pelo proprio Mathias d'Albuquerque, bom conhecedor e pratico de homens de guerra.

II

O governador

Um dia, acompanhado dos cabos da milicia, proprietarios grados da provincia, n'uma das habitações do campo mais proximas ao burgo e ao forte, aguardava impaciente o capitão-mór que lhe trouxessem novas d'ali, pois que de momento para momento se esperava que os hollandezes o atacassem. Com effeito, no fim de algum tempo, annunciaram a Mathias d'Albuquerque a chegada de um individuo, que trazia as suspiradas noticias.

Inutil será dizer que o individuo não esperou.

Era este messageiro um homem de estatura colossal, acobreado de rosto, em relevo nos braços nus uns musculos de ferro, sobre uns hombros de Hercules Farnesio uma cabeça esculpida em bronze.

Denunciavam para logo as feições d'aquelle homem o mixto do sangue africano e do sangue indio, visivel nos typos combinados, bem que modificados e melhorados, das duas castas. Aos mestiços nascidos d'esta alliança dava-se vulgarmente o nome de *mamelucos*.

Attestava o trajo desordenado do mameluco um esforço violento, e por consequencia uma grande instancia. Pingava-lhe, lançado ao hombro, o gibão redondo, de um leve tecido de lã em riscas, a que chamavam argelado. Escorriam em agua as calças do mesmo estofo, largas, curtas e soltas, quasi como bragas. Deixavam um rastro no pavimento os borzeguins de pelle de nandú, ou avestruz, para resguardo dos rijos espinhos do matto, accessorio precioso que naturalmente lhe vinha dos estabelecimentos do sul. Por ultimo, os grossos sapatos, de vacca mal curtida, imprimiam no sobrado uma sombra humida.

Ao mesmo passo pendia-lhe em bagas o suor de cada annel da densa coma, rente e crespa. Os limos, adherentes ainda ao vestuario, indicavam que o athleta americano, no arremeço d'uma longa carreira, não torcera caminho ante os obstaculos do transito.

Effectivamente viera elle direito, investindo as cachoeiras, rompendo os mattos, vadeando os ribeiros e paúes.

Mathias de Albuquerque fitou-o, e, lendo n'estes

signaes a extrema urgencia, disse-lhe laconicamente:

—Falla, e breve.

—O inimigo—respondeu promptamente o mameluco sem acanhamento nem irreverencia — o inimigo mandou um parlamentario ao forte.

—Que mais?

—Intimou-lhe que se rendesse, ou iria logo investil-o com tal poder que não deixaria pedra sobre pedra.

—Esperava isso.

—A guarnição, acobardada com as ameaças que os hollandezes fazem correr, desertou quasi toda. Só sete homens ficaram com o senhor capitão Antonio de Lima.

—Mais deserções! — exclamou o capitão-mór para os circumstantes.—Ninguem resiste. Vereis que nem tempo nos dão!

Depois seguiu inquirindo anciosamente o mestiço:

—E que respondeu Antonio de Lima?

—Que a sua bandeira só se arreava quando um pelouro lhe partisse, a ella a haste, e a elle o braço.

—Bravo, Antonio de Lima!—acudiram enthusiasmados os valentes cabos da milicia, que circumdavam Mathias d'Albuquerque.

—Vistel-o?—perguntou mais o capitão-mór.

—Chego do forte neste momento, meu senhor.

—Quaes são na verdade as suas tenções, sabeis?

—As proprias que declarou aos hollandezes. Quando o parlamentario veio, conservava ainda com-

sigo nove homens. Distribuiu-os todos em sentinellas, para fazer acreditar ao official inimigo que muitos lhe sobravam ainda.

O capitão-mór não poude deixar de sorrir d'esta malicia militar.

— Apenas o official saiu com a resposta, despachou-vos logo um da guarnição, mas...

—Não tornou a apparecer?

— Não tornou, meu senhor. Passadas quatro horas, enviou-vos outro.

— E fez o mesmo.

— Fez peior. Em vez de cortar pelo pontal, direito á praça, onde podia deixar aviso, tanto que saiu as portas deitou-se a nado, passou para a ilha e de lá para o mato.

— Covardes!—exclamou sem poder ter-se, Vieira, um mancebo voluntario, já de grande nomeada na capitania.

—Vendo isto — continuou o mameluco — o senhor capitão Antonio de Lima correu os ferrolhos, fechou as portas por sua propria mão, pendurou as chaves na garganta da colubrina, e sentou-se-lhe em cima á espera dos hollandezes. «Quem quizer sair — disse elle — hade saltar das muralhas.» Como as muralhas são altas, as tranqueiras largas, e as estacas agudas, ninguem saltou.

— Senão tu.

—Eu não sai do forte. Fui do Recife lá. Recebi as ordens do senhor capitão Antonio de Lima em

pessoa, obriguei-me a trazer-vos esta participação, e aqui estou sem ter perdido tempo, juro.

—Vê-se. Deus louvado! — observou o capitão-mór —Houve ao menos um que não desertou.

—Tenho meu irmão no forte — respondeu o messageiro.

—Com um homem como Antonio de Lima nunca se perde a esperança do possivel, e até do impossivel—concluiu Mathias de Albuquerque, chamando os seus cabos a conselho, e despedindo o mameluco.

Antonio de Lima, absolutamente decidido a sepultar-se debaixo dos muros velhos confiados á sua defensão, aguardava serenamente o inimigo, como se contára dois terços ás suas ordens.

Em quanto tivesse munições, e um só dos sete homens em estado de pôr fogo á sua colubrína e ás suas bombardas, nem lhe lembraria deixar de resistir aos hollandezes. No numero dos aggressores nem pensava, e a exiguidade da guarnição não o esmorecia. Era-lhe cuidado unico o dispôr e o aproveitar a gente e material que tinha, de modo que mais podesse deter e mais lograsse prejudicar o inimigo.

Passava por ser homem singular, aquelle capitão Antonio de Lima!

A mais possante das tres peças foi collocada na meia golla do baluarte, que olhava sobre a prolongação da restinga, e as outras duas ao longo da cortina, que dizia para o mesmo lado. Sabia que aos

hollandezes seria difficil descer o rio do lado de leste, ou acercar-se da banda de oeste, por falta de meios de transporte: concentrava, por consequencia, todos os seus esforços e attenção na face provavelmente, a bem dizer exclusivamente, ameaçada. Quanto aos flancos, sendo estreito o passo que o forte deixava, a artilheria era inutil.

Desde o desembarque dos hollandezes não fizera ainda o bom do governador senão activar a parte da guarnição que podia dispensar do serviço, bem como os carregadores do porto que lograra colher, empregando todos em cortar arvores nas mattas da ilha de Santo Antonio, e em conduzir cepos e vigas da povoação do Recife. Eram as maiores e mais pesadas as que elle escolhia de preferencia. Scismavam os soldados, desejosos sempre de interpretar as ordens dos seus chefes, com esta accumulação de troncos e madeiros, que ajoujavam e derreavam os homens. Não podiam porém atinar-lhes com applicação razoavel.

Começavam até alguns a murmurar, já se vê quando o governador não estava presente. Os mais ousados diziam entre si «que melhor seria proverem-se de artificios de fogo e de mais armas e petrechos», não fallando no artigo mantimentos, que discutiam com severidade extrema.

Antonio de Lima, naturalmente sóbrio de palavras, deixava-os desabafar, e ia acondicionando com um escrupulo de symetria, que honrára qualquer dona

de casa governada e ordeira, as pilhas de traves e os renques de barrotões, que distribuia com irreprehensivel equidade ao correr da cortina do Norte por varios pontos anteriormente designados.

Tanto que acertou a idéa de evitar as deserções fazendo das chaves bentinhos ás peças, não podendo já augmentar a collecção, simplificou engenhosamente o serviço de sentinellas para lhe sobrarem braços, e achou ainda artes de occupar a sua gente em fazer grosso taboado para anteparo e resguardo dos artilheiros, não se esquecendo ao mesmo tempo de transferir as mais alentadas vigas do sopé da cortina para cima dos parapeitos.

Não se podia estar ocioso com o capitão Antonio de Lima.

A guarnição começou— isto é, os sete reclusos começaram a perceber. Que pena serem tão poucos os admiradores, e tão tarda a intelligencia!

Era pelos fins da tarde d'aquelle mesmo dia em que Mathias d'Albuquerque recebera o messageiro do forte.

Descia rapidamente o sol no extremo occaso, como a afundir-se no oceano, deslisando por uma larga tarja nevoenta, opulentamente franjada de ouro e purpura.

Tingiam os revérberos do poente de um rosado pallido a orla espumosa das vagas, que afloravam no molhe. Vinha do mar immenso um suspirar saudoso, que se dilatava na serenidade dos céos. Trans-

corria aquella deliciosa hora de enlevo e mysterio, que namora os olhos e acorda a poesia no coração.

O governador passeava desenfastiadamente a banqueta do parapeito fronteiro a Olinda, como quem não tivesse mais cuidados do que espairecer-se no gosto d'aquelle espectaculo magnificente. N'este ir e vir, chegando ao baluarte, ao voltar-se para desandar o que tinha andado, parou como suspenso, e poz-se a attentar para o lado do Recife.

Depois desatou n'umas interjeições, cujo sentido se figurou de bom agoiro á sentinella, que, pouco distante, media regularmente um numero inflexivel de passos.

— Quem temos por ahi? — resmoneou lá comsigo Antonio de Lima, continuando a fitar os olhos na direcção da chamada praça, e subindo, para ver melhor, acima da colubrina, que ainda conservava pendentes da golla as chaves do forte.

O que assim chamava a attenção do governador era uma jangada, que, largando da ponta das Salinas, atravessava para o burgo, mareada por quatro negros do porto. A machina grosseira parecia bem guarnecida de gente e armas. Um raio extremo de sol afogueava a extremidade dos arcabuzes, e ateava uma flamma rubra no aço dos piques.

Antonio de Lima proseguia as suas observações em phrases soltas.

— Oh! Oh!... numerosa vem a companhia!

Era homem de tão extravagantes predilecções o

governador, que não se podia presumir ao certo o que seria. Na sua bocca estas phrases, e o mesmo tom satisfeito d'ellas, tanto podiam significar desconfiança de inimigos como esperança de soccorro.

Via-se unicamente que os movimentos da jangada lhe captivavam de singular modo a attenção.

Aportou ella em breve á povoação, onde foi recebida como se a estivessem aguardando, indicio que afastava as suspeitas. O troço de tropa, desembarcando em boa ordem, entrou na praça.

E o governador sem tirar d'ali os olhos!

Seriam passados dez minutos, uns vinte homens proximamente, saindo das estacadas do Recife, marchavam pela restinga sobre o forte.

III

Augmento de forças

Antonio de Lima estava já mais costumado a deserções do que a auxilios.

Seguindo a muralha pelo terrapleno, foi postar-se na face opposta, para de mais perto verificar o que vinha do Recife. Não tendo nada de credulo, via perfeitamente que o inimigo não viria atacal-o em tão diminuto numero, nem de tal modo tomaria por tal caminho: era porém do voto de S. Thomé, gostava de se certificar de tudo pelos seus olhos.

Chegado o troço ao alcance da voz soou o grito da sentinella, baixou sobre a forquilha o mosquete apontado á gente que se aproximava, e o morrão de corda, assoprado rapidamente, constellou as sombras do crepusculo.

O pelotão estacou instantaneamente, fazendo alto com uma firmeza e regularidade que attestava a pericia de quem o guiava.

Antonio de Lima chegava n'aquelle comenos do pé da sentinella:

—Isso é—disse, vendo a irreprehensivel pontualidade do soldado no cumprímento de todos os rigores de vigilancia.

—Oh! do forte!—gritou de fóra uma voz sonora e vibrante, posto que um tanto rouca.

—É Ayres Gil,—exclamou a sentinella, sem poder ter-se, infringindo com o alvoroço a disciplina.

—Cal'-te ahi—atalhou severamente o governador.

Depois, fazendo um tubo acustico das mãos arqueadas em volta da boca, bradou para fóra:

—A que vindes?

—Amigos!—respondeu a mesma voz.—Ordens e reforço, que manda o senhor capitão mór.

—Esperae: ides ser reconhecidos—redarguiu das presumidas muralhas o governador.

Antonio de Lima observava as praxes militares como se commandasse uma praça de guerra de primeira ordem.

Passado breve espaço, a robusta porta rasgada na face da cortina respectiva, corridos os grossos ferrolhos, rangeu pesadamente nos gonzos, e o sargento saiu fóra a verificar a identidade dos recem-chegados.

O preconisado Ayres Gíl, um arcabuzeiro de soldo, que vinha dirigindo a tropa, disse-lhe como estava ali João Fernandes Vieira, e mais vinte moços dos engenhos, gente resoluta, para auxilio e defensão do forte, em quanto não chegavam outros soccorros, que se ficavam aprestando. Explicou-lhe mais, não sem certa ufania, como o sr. capitão mór, conhecendo o rigor disciplinar do governador e a conveniencia de dar solidez á guarnição, lhe encarregara, a elle, Ayres Gil, o guiar e exercitar aquelles voluntarios, advertindo-os nas obrigações do seu novo estado.

Vieira, moço de dezoito annos, já influente na capitania por sua intelligencia, actividade e reconhecido esforço, commandava com effeito os voluntarios, que lhe obedeciam com espontanea dedicação e cega confiança. Ayres servia como de instructor. Em tal conjunctura eram preciosos os conselhos e a experiencia de um soldado velho como elle.

O arcabuzeiro sabia melhor do que nenhum dos seus camaradas os perigos terriveis que ia ali correr; mas não era isso coisa que lhe alterasse a boa feição. Cumpria as ordens sem as discutir, desempenhava alegremente o officio, e parecia lisongear-se em extremo do honrado conceito que lhe grangeara a incumbencia e o risco. N'outras se elle tinha visto, sem nunca lhe desfallecer nem o animo nem a facecia.

Quanto a Vieira, na aurora da vida, era já o fu-

turo heroe de Pernambuco, um dos mais altos caracteres que pódem levantar-se da historia!

Communicadas as senhas, e recebida a resposta pelo sargento, sem mais apparato, por não haver no forte luxo de gente para escoltas, obtiveram os voluntarios licença de entrar.

Antonio de Lima esperava-os no corredor abobadado, da banda de dentro do postigo, cossolête cingido, morrião na cabeça, rodella embraçada, e gineta em punho, á frente dos dois unicos homens disponiveis da guarnição. As quatro sentinellas das quatro faces, o sargento e aquelles dois, perfilados como postes, sommavam os sete homens que o mestiço contara, e constituiam effectivamente toda a guarnição.

Esta observancia stricta dos regimentos de guerra parecera com tal numero ridicula, se em tal situação não fôra sublime!

Ayres Gil, entrando, teve que mastigar os bigodes espessos e revoltos para suster um accesso de riso obstinado.

Feitas as ceremonias do estylo, e recebidas as ordens particulares que lhe vinham do capitão mór, Antonio de Lima abraçou Vieira que já conhecia e estimava. Depois, tomando-o de parte, disse-lhe com a rude e affectuosa franqueza, que era uma das feições do seu caracter:

—Mancebo amigo, ides ser aprendiz em occasião e logar onde em pouco ficareis mestre, e onde muitos mestres não ousariam apparecer.

Vieira inclinou-se respeitosamente em signal de agradecimento.

O governador fez em seguida a resenha geral das suas tropas.

Comprehendendo o moço commandante dos voluntarios, o arcabuzeiro e o governador, achavam-se no forte trinta homens.

Antonio de Lima, desempoeirado das inquietações que lhe dera a penuria de gente em que o tinham deixado as deserções, pensou ter á sua disposição o exercito de Xerxes.

Pois que temos um intervallo de remanso, passemos a examinar mais particularmente o nosso arcabuzeiro Ayres Gil, já conhecido no forte, e pelos modos popular nas tropas da colonia.

Ayres Gil, baixo, reforçado, macisso, possuia um nariz robicundo e uma cara avinagrada. Não era a temperança a virtude que o havia de levar ao céo. No mais, exemplar no serviço, destro como nenhum, folião até ali. Tão prompto em esgrimir o ferro como a lingua, e não menos expedito em atirar um sotaque do que um pelouro. Ayres Gil tinha visto todas as castas e ouvido todos os idiomas. Militára nos Paizes-Baixos contra os flamengos, contra os mouros em Africa, e na India contra os rumes. Era o typo do soldado velho, grave na fileira, firme no combate, ladino sempre, sempre senhor de si como quem anda familiar com a morte, e o melhor bebedor das quatro partes do mundo.

Podia asseveral-o afoutamente, pois que, depois de ter, como vimos, assegurado os seus creditos na Europa, Africa, e Asia, ensaiava na America proesas que não deslustravam os passados louros.

Pertencia em summa o arcabuzeiro veterano áquella classe de soldados, de quem dizia o padre Antonio Vieira «que andavam curtidos e cortados.»

Examinemos agora o moço commandante dos voluntarios.

Viçava em João Fernandes Vieira a flôr dos annos, como se disse. O buço delgado e raro assomava apenas. A bocca, larga e rasgada, exprimia na rigidez das linhas a força da vontade. Desciam-lhe aos hombros os longos cabellos castanhos, levemente annellados, ao uso do tempo. Era alto e secco, mas de uma harmonia de proporções que indicava extremo vigor. Nos olhos pardo-escuros, penetrantes e cheios de viveza, fuzilavam os clarões d'uma energica intelligencia.

Havia no mesmo commedimento, que lhe era como natural, o instincto da superioridade e uma resolução maior que os obstaculos.

N'esta edade juvenil, Vieira tinha já um passado. Mostrára-se elle sempre activo, laborioso e incansavel. Na intrepidez chegava á temeridade, na agudeza presagiava o genio, no juizo e conselho envergonhava os mais anciãos. Com taes predicados tornára-se, logo ao sair da infancia, não só util, mas necessario, mas indispensavel n'uma colonia rica, no

meio de uma população enervada, e n'um tempo em que a fortuna, convidando á indolencia, principiava a degenerar a forte raça dos antigos povoadores.

O trabalho, a probidade, a intelligencia e esforço achavam em tal situação emprego e lucro.

Aos grandes proprietarios, entregues ao ocio, eram preciosos os individuos da tempera do moço Vieira; n'elles estava a providencia da colonia e a sua.

Estas circumstancias explicam a rapida prosperidade do mancebo, e a preponderancia notavel, que em tão verdes annos adquirira.

Era o mancebo natural dos Açôres. Como tantos outros, que ainda hoje os paes arremeçam das mantilhas aos acasos e perigos de um destino incerto, aportára na capitania aos onze annos. A creança, depois homem raro, chegára a adolescente sem mais guias do que o seu grande animo e coração. Sem embargo rompera já a obscuridade. Na estação em que os outros mal pensam no futuro, creara elle para si uma independencia, e quasi uma cathegoria, grangeando as vontades de todos, e fazendo-se respeitar dos mais respeitados.

Successivamente se fizera elle agente, administrador, corretor, commerciante e já proprietario. Com a sobriedade, a constancia e a actividade, os capitaes mais productivos em todos os tempos, conseguira em pouco tempo o que muitos não logram n'uma vida inteira. Era ainda mais para admirar esta victoria da prudencia e da perseverança n'aquella qua-

dra da vida em que as paixões principiam a tyrannisar os sentidos.

Vieira todavia conheci-as, e não andava exempto do seu influxo. As paixões, porém, nas organisações verdadeiramente superiores, mais são um estimulo do que um escolho. Se as almas que ellas inflammam se levantam acima do vulgo, tornam-se outros tantos incitamentos do grande, do bello e do bom.

Vieira amava. Como todas as percepções, que cedo lhe sazonára a intelligencia, esta paixão tinha n'elle aos dezoitos annos a intensidade, a profundeza, a gravidade, a dedicação, que só vem de ordinario no estio da vida. Era mais que sensação; era sentimento. Em tal coração dilatava-se o amor n'uma aspiração infinita, insaciavel de affectos, ignorada de todos, que o pudor santo das almas delicadas lh'o resguardava como um intimo culto no sacrario mysterioso da sua immensa ternura.

Chamava-se o objecto d'estes castos e puros amores D. Maria Cezar Berenguer.

Era ella filha de um velho soldado da India. A nobreza de seu nascimento fizera-a desegual do mancebo em condição. Egualava-o, porém, nos espiritos, e os dois correspondiam-se nas prendas do coração.

Admirava-se em D. Maria Cezar mais do que a harmonia das linhas. Realçavam-lhe o alvor transparente e alabastrino uns cabellos azevichados e ondulosos, d'aquelles que fazem extasiar um pintor

e enlouquecer um poeta. Um lume de estrellas n'uns olhos negro-aveludados, que sob as orlas das longas pestanas arqueadas, ora scismavam humidos e languidos, ora fulgiam ardentes e imperiosos. Eram elles um mysterio quando os cerrava, eram um feitiço quando os abria. Os labios desmaiavam coraes, e os dentes envergonhariam aljofares.

Quando o sol lhe illuminava de vitreos reflexos os anneis profusos, que em tumulto lhe desciam a afagar-lhe o collo como um fluido de ebano, quando se lhe distingia fugitiva uma rosa em cada face, não era possivel fital-a sem estremecimento. A estatura senhoril e esbelta assimilhava-se na elegancia e flexibilidade á palmeira d'aquellas regiões. Acrescente-se para remate uma riqueza de fórmas, que poria em risco os sentidos, se a candura de um rosto todo innocencias não tornasse a admiração temeraria em respeitosa adoração.

Não era menos formosa a alma do que a imagem esboçada n'estes lineamentos. O enthusiasmo e a piedade revelavam na mulher o anjo, e no anjo descido á terra um d'aquelles caracteres excepcionaes que da fragilidade levantam o heroismo.

Conhecidos estes perfis, tornemos á nossa narrativa.

IV

Idylio na guerra

Era o inimigo esperado a cada hora. A vigilancia dos defensores do forte cada vez se tornava mais activa, como de razão. Por especial favor pediu Vieira a Antonio de Lima o posto de maior perigo. Concedeu-lh'o este, como a quem já o merecera por seus anteriores feitos. Encarregou-se portanto o mancebo de atalayar e guardar a meia gola do baluarte, que olhava de um lado ao porto, e de outro á lingueta.

Passou-se a noite. Ás horas de revesar a gente de guarda, como Antonio de Lima viesse convidal-o a tomar algum descanço, pois que em breve careceria de forças, respondeu:

—E vós, senhor governador, descançareis por ventura?

— Eu! — acudiu este — a minha obrigação é desvelar-me, que por todos me desvelo.

— E eu — redarguiu o mancebo — o meu posto é este... se todavia m'o permittis, — acrescentou fazendo a venia devida.

— Olhae que não estaes avesado a taes fadigas.

— Por isso mesmo. Costumar-me-hei a ellas; custarão menos depois.

— Seja assim, pois que o desejaes. Tão boa vontade fôra injustiça recusal-a.

A pesada tarefa de Vieira, uma aturada sentinella, continuou até ao dia seguinte já sol claro.

Fôra sempre o commandante dos voluntarios caçador intrepido, endurecido nos trabalhos de todo o genero, e estava bem costumado ás vigilias e ao cansaço. Queria dar o exemplo aos que trouxera, e com as primeiras provas elevar-se na estima e conceito dos seus camaradas.

Os raros, que haviam permanecido com o governador, todos elles soldados velhos das companhias de soldo, veteranos das quatro partes do mundo como o arcabuzeiro Ayres Gil, admiravam tambem em tão verdes annos o esforço que lhes envergonhava já a rude experiencia. Assim, o mancebo era para todos mais um estimulo.

Sob a apparencia d'uma compleição delicada, Vieira tinha uma organisação de ferro, e uma vontade ainda mais rija do que elle. Possuia, além d'isso, para lhe matar as horas da forçada e fadigosa insomnia, o

que aos outros faltava — um sentimento ineffavel, que lhe trasbordava do coração, e multiplicando-lhe as forças lhe fazia superabundar a vida.

Entre os dois infinitos do firmamento e do mar, com o gemebundo resfolegar das ondas a um lado, e ao outro o sussurro das aguas espelhadas do rio, não se achava elle só n'este vasto ambito. Segredava-lhe tudo mysteriosas confidencias, o scintillar das estrellas no céo transparente de uma noite estiva, a murmurante solidão das mattas d'além, o silencio da terra adormecida, apenas cortado pelo grito compassado e rouco das sentinellas. Este singular dialogo do coração com a phantasia, na lingua divina que poucos entendem, e por isso muitos motejam, acompanhava-o enchendo-lhe o tempo sem o sentir.

Cada objecto lhe dirigia uma voz, e cada voz tinha um sentido. O seu caracter, naturalmente poetico, eminentemente contemplativo, como todos os caracteres excepcionaes pela elevação do espirito, andava familiar com a natureza, e comprazia-se n'aquellas meditações longas.

D. Maria Cezar, a gentil donzella da casa de Berenguer, era, já se vê, o centro, o objectivo dos seus interiores enlevos. As prodigas imaginações do mancebo davam por moldura áquelle retrato estes amplos e magnificentes aspectos do mar, dos astros, do ermo e da noite.

Bastava para tel-o desperto a imagem da formosa menina. Era o seu ardor de nome e gloria um como

accessorio d'aquelle amor. Instigava-lhe este ardente sentimento a ambição de vencer a distancia que os separava. Juntavam-se ao fervoroso patriotismo as esperanças de morrer carpido e honrado, ou de attingir um futuro, em que já se via aos pés de D. Maria, depondo ante elles quanto era e quanto alcançara, porque só por ella e para ella o quizera.

Os que teem experimentado o poder incontrastavel de uma d'estas paixões discretas, que abraçam e inflammam inteira a existencia, sabem que sobre-excitação e que força superior ella póde imprimir e alimentar!

Viera o mancebo a amar D. Maria, como esta o preferira entre todos, espontaneamente, quasi sem o saber. Nem tinha pensado em interrogar o coração. Só se manifestara ao principio esta paixão por aquelles dialogos sem palavras, que são muitas vezes a ultima e sublime expressão da eloquencia humana. Intenderam-se todavia admiravelmente os dois.

Vieira, abrazado em enthusiasmo, indignado da pusilaminidade que fôra causa dos primeiros desastres, e anciando distinguir-se, offerecera-se a Mathias de Albuquerque para ir soccorrer o forte. Apreciou o capitão-mór o rasgo, e confiou-lhe o commando dos voluntarios.

Só depois de obtida esta honra perigosa, quasi mortal, ousou o mancebo patentear claramente a D. Maria Cezar o que lá lhe andava no coração.

E foi ainda sem palavras. Para que?

Vejamos como.

Começava a declinar o dia. Ficava a casa de Berenguer no caminho da ponta das Salinas. Vieira marchava na direcção do Recife, para de lá se encaminhar ao forte. Adiantando-se aos voluntarios, que Ayres se encarregara de conduzir, levava a secreta esperança de ver D. Maria antes de se encerrar no posto d'onde talvez não voltasse. Como deixaria elle de ter tal desejo em occasião tão decisiva? Bem podia ser que nunca mais tornasse a encontral-a n'este mundo.

Ou fosse mysteriosa coincidencia, ou adoravel premeditação, D. Maria Cezar, acompanhada de seu pae, o veterano Francisco Berenguer de Andrada, estava sentada á sombra, que lhe cerravam sobre o portal duas ambaubeiras em flor, arvores gemeas, plantadas pela propria mão do velho soldado no dia em que lhe nascera aquella filha unica.

Que sei eu se a donzella esperava ou não o mancebo? Correra logo fama, é verdade, de se ter elle offerecido para levar o soccorro, e, como fica dito, era aquelle o caminho. Vão lá porém jurar que não estava ali a gentil donzellinha por uma daquellas casualidades, que amoravelmente se parecem com a Providencia!

Não o jurarei eu, com certeza. Nestas coisas, que são de escrupulos, não ponho a mão no fogo para affirmar nem para negar. Vou contando só.

Tanto, que avistou Vieira — e bem de longe que o avistou — animaram-se as faces á donzella de um

nacarado luminoso como o arrebol da aurora em madrugada de primavera. Dirieis que o paniculo róseo da flôr da bromelia, despegado dos seus braços vegetaes, caira sobre as pétalas tegumentosas de um cacto branco das selvas.

Vieira, por sua parte, o mesmo foi dar com os olhos na formosa menina, que levar machinalmente a mão ao peito para comprimir o coração.

Era como se lhe tivesse parado o sangue com a suspensão dos sentidos.

Não podia haver na realidade mais justificado enlevo, tanto era o poetico mimo e o gracioso frescôr da linda donzella de Berenguer!

Trajava ella um vestido de fina hollanda branca, avantajando-se pela singeleza primorosa ás amplas saias e vasquinhas de telas e brocados, tão usadas então, e de tal modo adereçadas e custosas, que vieram a provocar as rigorosas leis sumptuarias de Filippe IV. Descia-lhe o vestido a apertar uma cintura de nympha, fazendo-lhe sobresahir graças que dispensavam adornos. Apenas um cabeção bordado, recortado em bicos, disputando alvuras a uma garganta divina, lhe circulava o decote alto e conchegado. Uns punhos eguaes rematavam as mangas largas e tufadas.

A arte innata do instincto feminino suppriria a riqueza auzente, se a mocidade e a formosura não parecessem dar em vez de receber encantos.

Os dezesete annos desta creatura angelica eram

o seu mais acabado enfeite. Realçavam-lhe admiravelmente a natural belleza o viçar e florir da juventude.

Frizados em pequenos anneis, emolduravam-lhe os cabellos o puro oval de uma fronte elevada e correcta, como se a tivesse talhado o cinzel de Phydias, e dos lados debruçavam-se-lhe pelas faces em duas ondas luxuosas.

É o toucado o que mais faz brilhar a indole artistica de toda a mulher elegante de nascença. Outros ornatos poderá ella dispensar; este é uma corôa que Deus lhe cingiu, e a que não sabe aproveital-a nasceu degenerada. Quanto a mim, o indicio da plebeidade ou o brazão de nobreza das mulheres está na cabeça—sem trocadilho. Dou esta idéa de presente aos physiologos.

Sentada á sombra odorifera das suas ambaubeiras, D. Maria Cezar, evidentemente preoccupada e distrahida, misturava com febril precipitação os bilros pendentes de fios de seda e prata. Era uma singular machina a que servia áquelle trabalho de fadas. Consistia n'um semi-circulo estrellado, de páu de parobá vermelha, sobre uma haste comprida de goyabeira do matto, fixada n'um pedestal macisso da mesma madeira.

Os fios variegados eram certamente destinados a produzir alguma daquellas franjas matizadas, que segundo o costume rematavam as fachas, ou bandas, que mais de um cavalleiro cingia, em seu mal, por

lhe valerem Deus sabe quantas frechadas e pelouros sobre posse.

Em tal occasião não seria prudente ficar pelo rigor symetrico da urdidura de D. Maria Cezar, que os dedos, muito longe do espirito, continuavam-lhe ao acaso uma obra sem nome.

Era o mancebo conhecido na casa de Berenguer, como nas melhores da capitania. Não tinha elle tão pouco tracto do mundo que, passando pela porta, deixasse de cortejar os principaes da familia, mórmente achando-os tanto ao pintar.

Berenguer fallou-lhe com grave affecto, como um soldado que aperta a mão a outro soldado, com poucas esperanças de o tornar a vêr. D. Maria, essa nem cumprimentar poude. Ardeu-lhe mais intenso o rubor no rosto de ordinario desmaiado, balbuciou uns murmurios inintelligiveis, enredou de mais em mais os fios, e tremula de commoção, ou de dôr, deixou cair a franja começada.

Vieira curvou-se cortezmente para apanhal-a; mas, sem saber como, na turbação em que estava, quebrou o trama, e, esquecendo-se de restituir a obra mutilada, guardou-a no peito. D. Maria tambem não o advertiu. Talvez não désse por tal.

Ha distracções destas, por mais que digam.

O mancebo, como visse já os arcabuzes, e sentisse o passo cadente dos seus voluntarios, inclinou-se para se despedir, perdida tambem a voz, e partiu.

Quizera levar ao menos uma memoria, uma reliquia, para o alentar no perigo!

Que alma dedicada e sensivel não tem já conhecido uma destas innocentes superstições? Quem não sabe como na ausencia fallam esses objectos inanimados? Quem ignora como elles são guardados e venerados no recatado culto do coração? Sorri sarcasmos a estas puerilidades o frio scepticismo das almas esterilisadas. Mas essas mesmas vibram o epigramma contra um passado de que teem saudades, porque o seu soberbo presente, bem o sentem, vale muito menos.

Por horas de ante manhã, quando as sombras se condensam, houve quem visse o mancebo tirar do seio o que quer que fosse a branquejar nas sombras com tenuissimo alvor, e chegal-o apaixonadamente aos labios, e elle permanecer depois immovel no seu posto com redobrada vigilancia até raiar clara a manhã.

A segunda noite correu deste modo sem o minimo incidente.

Os hollandezes não appareciam. O governador de impaciente umas vezes tinha tentações de os ir procurar á cidade, outras propendia a duvidar da sua existencia.

V

Novos personagens

Como o sol já fosse alto, incandescendo os ares, o nosso amigo Ayres Gil, surgindo do corpo do forte, e subindo ao terrapleno da cortina do sul, saudou o dia com um bocejo capaz de desarticular as mandibulas a um cyclope, e estirou os braços para o céo como se quizera arrancar um cometa pela cauda. O arcabuzeiro levantava-se de dormir um d'aquelles imcomparaveis somnos, que Deus na sua admiravel providencia outhorga ao homem vigilante como indemnisação das fadigas incognitas ao vulgo.

Desde a alvorada até ás dez da manhã Ayres Gil só revelara a sua existencia n'este baixo mundo por um concerto de trompa nasal, tão sonoro e estrepitoso, que afugentara espavoridos os seus camaradas

de quartel, pouco lisongeados de o terem por visinho. A verdade obriga-nos a dizer que o bom de Ayres correspondia com estoica indifferença a esta ingratidão dos homens.

Ayres Gil, com tanta experiencia, não ignorava as innumeraveis maneiras de saltear por entrepreza uma praça. Fizera pois, inspirado da prudencia, o que Vieira tinha feito por devoção patriotica entretendo meditações de namorado. O honrado arcabuzeiro entendia as paixões por outro modo. Mal anoitecera, em vez de oscular a minima reliquia de franja tecida por mãos adoradas, abraçara-se fervorosamente a um bojudo pichel, de que andava sempre munido, e depois de lhe pregar quatro sôrvos, que invejara o escudeiro Sancho, fôra-se a espalhar cuidados para a banqueta do parapeito, no angulo opposto ao que Vieira occupava.

Ayres não estava de serviço n'essa noite; vigiava por curiosidade. Era homem extremamente curioso Ayres Gil.

Chegando á muralha começou a ensaiar o systema de Pythagoras n'um passeio lento, como de pessoa que não tem outra coisa que fazer senão tomar o fresco por desfastio. Não se cuide porém que se entretinha a fazer a nomenclatura das estrellas, nem a escutar a poesia dos echos nas mattas virgens. Para divertir a imaginação, recapitulava mentalmente a diversidade e quantidade que podia ter bebido de toneis de vinho nas adegas dos Fronteiros, de bar-

ricas de cerveja com os reytres de Alemanha, e de cabaças de agua-ardente de palma com os nayres de Cochim nos convivios clandestinos em que todas as religiões ali se fundiam na de Baccho. N'estes exercicios peripatheticos, á ida e á volta parava interrogando escrupulosamente os quatro pontos cardeaes. Satisfeito d'este minucioso exame, seguia o seu giro em attitude indolente, continuava o interrompido calculo já augmentado de addições soffriveis, e concluia a final que o estomago do homem era um vaso de diminutissimas dimensões.

Este desenfado do mosqueteiro durou desde o anoitecer até ao quarto d'alva.

Chamava elle a isto « guardar-se por sua conta. »

O governador, que lhe conhecia o genio singular, nada absolutamente se inquietava com estas excentricidades, como agora se diz. Ayres Gil padecia o notavel achaque de não poder dormir de noite, quando presentia o inimigo perto; muito mais quando as muralhas das fortalezas, em que se achava de guarnição, lhe inspiravam uma confiança mediocre, e sob este ponto de vista o forte de S. Jorge tinha a mortificação de merecer ao arcabuzeiro o mais soez conceito.

De dia vigiavam todos, dizia elle, e sobre todos a claridade do sol, que não dava azo a colherem-n'o do subito.

De dia conseguintemente era outra coisa. Tanto pois que tinha occasião caía como pedra em poço,

e rivalisaria com o proprio Epiménides, se não foram as obrigações rigorosas do serviço.

Dando a sua volta pelo terrapleno, para ver sempre se occorria novidade, procurava o nosso Ayres restituir a perdida flexibilidade ás juntas entorpecidas, quando, estirando o pescoço por cima do parapeito, acabou n'uma exclamação de jubilo um segundo bocejo ainda mais vigoroso que o primeiro.

Do lado da praça apparecia uma nova caravana. A affluencia d'ali para o forte havia-se convertido em romaria.

Foi immediatamente chamado Antonio de Lima. O governador, verificado o successo, assentou lá de si para si, que, se o recrutamento continuava d'esta fórma, acabaria a guerra com os hollandezes tomando-lhes Amsterdam.

D'esta vez o armamento, com ser menos numeroso, não era menos importante. Umas tantas canôas carregadas subiam pelo rio com a maré. Seguindo a lingueta acompanhava-as por terra uma escolta de oito homens, sete dos quaes completamente armados e equipados.

As canôas vinham atacadas de munições de guerra e de bocca, entre as quaes figuravam com distincção algumas vasilhas de vinhos do reino, que o previdente capitão-mór extrahira dos armazens commerciaes do Recife.

Ayres Gil notou esta circumstancia como particularmente auspiciosa.

A força principal da escolta compunha-se de uns cinco mosqueteiros do numero, acquisição preciosa em tal conjuntura pela experiencia que elles tinham da guerra, e pela sua pericia nos exercicios de arma tão eminentemente util onde tanto minguava uma boa collecção de canhões e colubrinas como seria mister. Acompanhava os mosqueteiros um alemão de seis pés de altura, espadaúdo e ruivo, com o rosto da côr do cabello. Vinha este fazer o officio de condestavel da artilheria, como grande pratico e muito avisado que era no movimento e serviço d'ella.

Em toda a sua vida e viagens, Ayres Gil não tinha ainda encontrado competidor similhante com o cangirão á bocca. A presença do alemão esfriou por tanto consideravelmente o enthusiasmo, que se apoderara do arcabuzeiro á vista das bemaventuradas vasilhas. O seu magnanimo caracter era incapaz de baixos ciumes: antevia porém uma concorrencia perigosa no consumo do genero.

Commandava a escolta o alferes do governador, moço da edade de Vieira, pouco mais ou menos, que tinha ido á Bahia com recados do capitão-mór, e que forçara as marchas para voltar a tempo de acompanhar o seu capitão de bandeira.

Mathias de Albuquerque remettia quanto conseguira colligir, principalmente toda a polvora que tinha disponivel. Mantas [1], falcões e morteiros, tão

[1] Não se tracta aqui de *manta* cobertura e tecido; mas

necessarios para defender os sitiados e offender os sitiantes, não os mandava porque não os havia. As machinas, que eram de uso em taes casos, faltavam egualmente, como se a imprevisão fora antigo sestro portuguez. Entretanto aquelles subsidios — e, posto não serem grandes, eram utilissimos e de relevantissimo prestimo — enviava-os o capitão mór ao governador com muitas palavras de carinho e esforço,

Antonio de Lima não carecia de ser animado.

Além do alemão, dos mosqueteiros e do alferes, vinha na comitiva um individuo singular pelos seus modos e pelo seu todo. Era elle um homem de tal modo esgrouviado, macilento e lastimoso, que mais do que pessoa figurava sombra.

A sua apparencia encolhida e pacifica flagrantemente contrastava a attitude denodada e bellicosa dos seus camaradas. O capitão mór inculcava-o todavia como pessoa summamente proveitosa. E era-o com effeito, pois que, tendo exercido no reino a profissão de fogueteiro, podia servir de muito na preparação e disposição dos artificios que lhe fossem ordenados, como lanças de fogo, e outras invenções usadas em circumstancias analogas.

Daqui se vê como o diligente Mathias de Albu-

das *mantas* em que falla Ruy de Pina, Duarte Nunes de Leão, Diogo do Couto, e outros; isto é, uns fortes anteparos moveis, destinados a cubrir os bombardeiros no acto de carregar as peças.

querque apropriava todas as aptidões e prestimos aos fins da defeza commum.

Foi a escolta reconhecida com as formalidades da vespera, e, como o forte ficava na proximidade do porto, as canôas desembarcaram as provisões quasi ao pé da porta. Tres horas depois estava tudo recolhido.

A guarnição subia já a trinta e sete homens, sem incluir o estirado fogueteiro.

Ayres Gil, mal poude ser senhor de si, foi-se direito ao pyrotechnico recem-chegado, e apertou-lhe a mão com uns extremos de amisade, que lhe torceram a cara em dolorosos esgares.

—Com que, por cá tambem, mestre Marçal!—disse-lhe alvoroçado.

Marçal era o nome do fogueteiro. [1]

Mestre Marçal respondeu com um suspiro de forçada resignação, que indicava sobejamente quanto era involuntaria aquella sua heroicidade.

Mestre Marçal, cumprindo sentença de degredo, achava-se habitando Olinda quando os hollandezes a invadiram. Como de passagem levo referido, a noticia do desembarque e marcha do inimigo pôz a cidade em tal consternação e borborinho como

[1] Os leitores, que tiveram occasião de ver anteriormente a muito veridica e lamentavel historia de Marçal Estouro, victima da dictadura conjugal e das leis dos Philippes, reconhecerão provavelmente aqui o misero mestre, cujas complicadas aventuras prometti continuar.

não é difficil presumir. Nas primeiras horas, a população sobresaltada vacillara entre as mais oppostas resoluções, ora correndo ás armas para resistir, ora junctando o mais precioso para se retirar, até que a maior parte, aterrada com as novas da derrota do Rio Doce, se metteu precipitadamente pelo matto.

Em abono do infeliz desterrado deve dizer-se que por sua parte nem um instante hesitou. Mestre Marçal nunca pensara senão em fugir. Justiça é esta que a historia imparcial lhe não pode recusar.

N'uma só coisa houvera duvida no seu espirito: fôra no modo de executar a fuga.

Mestre Marçal chegara á capitania na propria caravella que trouxera o capitão-mór; isto é, havia pouco tempo. Por consequencia nada ou quasi nada conhecia ainda o paiz.

Em Lisboa tinham-lhe recheado a cabeça de medonhas anecdotas de giboyas, onças e jaguares.

Como prudente que era, o mestre nunca saíra duas braças fóra da povoação. Assim, não só ignorava completamente os caminhos, mas conservava as mais terriveis apprehensões ácerca do numero e qualidade dos animaes carnivoros, que via pularem-lhe aos bandos nos seus sonhos agitados.

Os tapuyas anthropophagos constituiam na historia dos seus terrores um capitulo separado, e ainda mais negro que o das feras.

Diz-se de um homem naturalmente afouto e bel-

licoso: « gosta do cheiro da polvora! » Vão lá fiar-se em rifões!

Morria-se mestre Marçal por este excitante perfume, e pode-se todavia jurar que não descendia da raça dos Nun'Alv'res e Antonios de Faria. Bem que desgostos particulares lhe tivessem amargurado a existencia, a morte, sob qualquer forma que se lhe apresentasse, achava nelle uma antipathia invencivel. Alegrava-o a chamma, deleitava-o a crepitação, regosijava-o o estampido; salvo na bocca de uma bombarda, canhão, mosquete, ou coisa que o valesse.

Quando todos fugiram, mestre Marçal fugiu tambem, e até primeiro que nenhum. Na confusão porém cada qual tratava de si. O mestre achou-se só. Como se não atrevesse a embrenhar-se no matto á imitação dos outros, resolveu na sua alta sabedoria transportar os leves penates para o Recife, cujas estacadas, com a visinhança e protecção do forte avançado, lhe inspiravam muito mais confiança do que uma viagem de exploração pelas florestas virgens, onde se arriscava a travar conhecimento com os seus incognitos e tremendos habitadores.

Ponderava lá comsigo o mestre que, se o forte viesse a render-se, sempre haveria occasião de fugir com menos precipitação.

Dito e feito.

A resolução que lhe parecera a summa prudencia, fora-lhe justamente maior desastre.

Conhecia já o capitão mór a sua historia e as

suas aptidões, por ter navegado com elle desde Lisboa. Vendo-o no burgo, mandou-o chamar, e disse-lhe n'aquelle tom positivo que não admitte réplica:

—A ponto nos chegastes, mestre: preparae-vos para aprestardes obra do vosso officio.

A estas palavras imaginou o bom do fogueteiro ver abrir-se o setimo céo. No fim de longas perigrinações lograva entrar novamente no exercicio da arte predilecta, que a patria não soubera apreciar, e, para maior satisfação, com o pleno consenso da auctoridade. Na sua logica limitada, mestre Marçal concluiu que os hollandezes tinham evacuado Olinda, e lhe encommendavam o festejo da fausta nova. O merito perseguido era em fim estrondosamente rehabilitado.

Em quanto estas inferencias se precipitavam em jorro do bestunto do mestre, o capitão mór continuou a fazer-lhe algumas advertencias, concluindo com esta ordem fulminante:

—D'aqui a uma hora heis-de-me estar no forte.

—No...?

—No forte, disse.

O fogueteiro cuidava não ter ouvido bem.

—Qual forte?—insistiu timidamente para se tirar de duvidas.

—No forte que os hollandezes virão atacar por estes dias: sois lá preciso—observou-lhe benevolamente Mathias de Albuquerque.

Mestre Marcal por um triz não foi ao chão com

o sobresalto. Estava no seu destino passar a vida entre alvoroços e terrores. A esperança inflammada pelo enthusiasmo caiu-lhe subitamente n'uma temperatura muitos graus abaixo de zero.

Com voz sumida e mal segura começou uma obsecração pathetica e sentida relativamente ao estupendo absurdo, e aos numerosos inconvenientes, de o encerracem a elle, ou de se encerrar alguem, entre quatro muralhas.

Mathias de Albuquerque era, como Henrique IV, inimigo dos discursos longos. No melhor da oração cortou-lhe as azas á eloquencia, voltando-se para um sargento do numero, e dizendo:

—Olhae aqui. Pois que este homem não quer ir para o forte, como se não podem ter boccas inuteis, deitem-m'o do outro lado no matto.

E virou as costas.

O mestre enguliu o resto do discurso, que se lhe petrificou de terror nas entranhas.

Meditando maduramente a alternativa fatal, reconheceu que por fim de contas não havia no matto muralhas que o abrigassem das feras.

Tomou depois o pulso ao seu pessoal valor, e averiguando que não tinha a menor vocação para imitar os antigos belluarios, concluiu optando decididamente pelo forte. Os hollandezes ao menos eram homens.

Feitas estas salutares reflexões, foi-se ter com o sargento pedindo-lhe:

—Que da sua parte declarasse ao senhor capitão-mór como estava resolvido a cumprir as ordens de s. s.ª, e a fazer parte da guarnição do forte de S. Jorge.

Mathias de Albuquerque mandou-lhe dar em continente um morrião e um arcabuz. Estes presentes, o ultimo sobre tudo, pareceram ao mestre de uma prodigalidade que orçava por desvario.

Mal saíu do burgo, o seu primeiro cuidado foi pedir a um negro das canoas que lhe levasse o arcabuz. Quanto ao morrião, sendo arma puramente defensiva, accommodou-se com elle. Como lhe caía nos olhos de largo que era, particularidade fastidiosa que o mortificava excessivamente, aprumou-o na testa almofadando-o por dentro com dois lenços de canequim, presente malfadado da esposa que deixara inconsolavel na metropole. [1]

N'esta disposição pouco militar, o novo elmo de Mambrino, sobreposto em alpendre ao rosto escaveirado e amarellento do mestre, dava ares de um apagador esquecido sobre uma vela de cêra virgem.

Conservava-o todavia, o precavido fogueteiro, não só como preservativo que podia ter sua utilidade, senão tambem com o reservado intuito de o converter em alguidar para uso das abluções matutinas.

[1] Tenho ainda aqui de remeter o leitor para a antecedente chronica, onde se deu larga informação da senhora Medéa Brandoa, digna consorte do fogueteiro.

Mestre Marçal era homem regrado e essencialmente economico.

Sem embargo d'estes calculos domesticos, tornavam-se-lhe tanto mais carregadas as interiores cogitações quanto mais se aproximava ao forte.

Ao entrar ali parecia uma victima conduzida ao supplicio.

O resto d'aquelle dia correu como tinha corrido a vespera. Os hollandezes iam passando ao estado de mytho.

VI

Pylades e Orestes!

Mestre Marçal não largava o arcabuzeiro. Estes dois caracteres tão oppostos e contrarios sympathisavam mutuamente; isto é, a sympathia do arcabuzeiro manifestava-se de ordinario por um diluvio de pragas capazes de rachar o céo; a sympathia de Mestre Marçal tinha por incentivo a dependencia e uma grande dóse de medo.

Psychologistas ha que julgam naturalissimas estas affeições entre duas indoles essencialmente diversas. Dizem elles que, possuindo uma o que falta á outra, mutuamente se buscam, porque mutuamente se completam. A ser assim, faltando muito a mestre Marçal para ser Ayres Gil, e a Ayres Gil não me-

nos para ser mestre Marçal, a sua união era com effeito de uma logica irreprehensivel.

Fosse esta ou outra a razão, em mestre Marçal podendo, onde estava o arcabuzeiro estava elle. Pythias não mostrara tanto extremo a Damon, Pylades não se dedicára tão cabalmente ao seu hospede Orestes, Patroclo extremecera incomparavelmente menos o invencivel Achilles. Envergonhava o mestre todos estes exemplos da antiguidade, principalmente des que estava no forte. O proprio *fiel Achates* houvera de ceder-lhe a palma.

Ayres servia-lhe de patrono e protector; e a protecção de Ayres era uma coisa preciosa para um homem da tempera e feição de mestre Marçal, que tinha o singular privilegio de attrahir, onde quer que se achava, uma quantidade prodigiosa de chufas e de chascos, mais ou menos salgados.

Mestre Marçal estava costumado, mas por fim de contas ninguem se resigna a uma apupada eterna. Nos apuros frequentes, a que o sujeitavam as suas prendas e figura, achava no arcabuzeiro o seu mais accessivel refugio.

Com esta explicação vulgar poderá talvez dispensar-se de maior incommodo a psychologia.

Como se sabe, o governador do forte de S. Jorge não era mais inclinado do que Mathias d'Albuquerque á oratoria intempestiva. Emquanto o arcabuzeiro se andava em exercicios com os voluntarios, mestre Marçal foi convidado a preparar e armar com

toda a diligencia, por uns moldes riscados pelo governador e pelo condestavel, certas combinações e machinas de fogo.

A fallar a verdade mestre Marçal, pensando, preferiria fazer outra coisa. Momentos havia em que chegava quasi a esquecer a critica situação em que se achava com o alvoroço de trabalhar, depois de tantas vicissitudes, no seu mais presado officio. N'outros, porém, sentia um calafrio agudo percorrer-lhe a espinha dorsal, prevendo o mortifero destino d'aquellas peças, cuja insolita fórma e extravagante composição reputava uma barbara infracção dos mais sãos preceitos.

Mestre Marçal via com verdadeiro horror profanadas e revolucionadas as regras tradiccionaes da profissão. Os foguetes, que no forte lhe mandavam preparar, tinham traves por cauda e levavam na cabeça um ferro de alabarda, accessorio que elle sempre julgára perfeitamente dispensavel.

Em presença de similhantes disparates o desorientado mestre, não podendo vindicar a arte ultrajada, dizia com os seus botões:

—Que se na torre de Babel se tinham fabricado foguetes, deviam de ser naturalmente assim.

N'um accesso de generosa indignação contra os sacrilegios, que o forçavam a commetter, ainda ao principio tentou arriscar algumas observações. Antonio de Lima, por sua desgraça, era ainda mais intratavel do que o proprio capitão mór. O mestre,

*

já experiente no trato dos homens de guerra, embainhou em continente as reflexões começadas, e continuou cabisbaixo a obra, protestando mentalmente contra a degeneração dos tempos.

Scismava desagradavelmente Mestre Marçal com os mixtos singulares e as despropositadas cargas, que o faziam deitar nos foguetes e mais artificios.

Os seus sentimentos humanitarios orçavam pelos de um philantropo inglez, ou agente de caridade apparatosa. Não o affligia excessivamente o mal, que de taes manipulações podia resultar aos scismaticos e hereges, como chamava aos hollandezes com piedoso patriotismo. O mestre, porém, tinha meditado profundamente a antiga maxima: «*no que cuidaes, cuidamos.*» Previa, portanto, que o inimigo não deixaria de retribuir estes mimos com outros eguaes.

Posto que propendesse a ter no mais soez conceito os seus rivaes estrangeiros, reflectia que, sendo os hollandezes gente de commercio e abastada, não olhariam elles a mais ou menos uns quintaes de polvora, sem contar o resto, a fim de proporcionar as suas cargas á generosidade e exuberancia das do forte.

Esta idéa, esta idéa pavorosa, innundava-o de suores frios, arripiando-lhe no craneo ponteagudo os restos do cabello, que fôra farto nos seus tempos. O maior cuidado de mestre Marçal não era tanto pelo que ia como pelo que podia vir.

Se alguma vez lhe doía ao amor proprio o juizo que fariam aquelles homens de Hollanda das monstruosidades a que o tinham constrangido, este dissabor era uma insignificancia em comparação de outros receios.

Á hora do jantar, o governador que não queria extenuar a guarnição, mandou dar descanço aos voluntarios. Então se renovou ao mestre o martyrio das vaias. Os moços da ordenança, que ainda se não tinham costumado áquella structura gothica do mestre, entenderam que em boa consciencia não podiam desaproveitar tão propicia occasião de alegrar nos ocios da sesta os enfados do serviço.

—Ih! é um cipó mettido n'um sacco!—dizia d'ali um d'elles.

—Qual! é um cabo de foguete enfiado n'uma aljuba!—acudia outro, fazendo para maior mortificação uma allusão deprimente á profissão do mestre.

—São as ultimas modas do reino?—perguntava-lhe terceiro, que tinha seus fumos de galan e bem ataviado.

—Olhae, Pero, atalhava um aspirante a feitor—temos lá no Gorjau cannas doces mais grossas do que isto.

«Isto» era mestre Marçal.

—Deixae-os fallar, Marçal Estouro—ponderou com ares de quem lhe dava consolações um que presumia de discreto—deixae-os fallar. De mim vos digo que me inclino diante de vossos primores. Os

de Olinda ficarão encantados d'elles quando os virem. Estou que heis de ser a gloria d'esta defensão contra os hollandezes... se é que ha hollandezes, mestre!

Esta bateria de apodos só calou o fogo com a intervenção, maliciosamente demorada, do arcabuzeiro. Mestre Marçal respirou.

Assim se passou mais este dia.

Á prima noite, Ayres Gil teve por companheiro nas caricias ao bemaventurado pichel a micer Arnoldo Schwartz, o novo condestavel da artilheria.

No forte haviam já chrismado o alemão em Arnau Estuardo, segundo o uso, então frequente, de aportuguezar todos os nomes. Hoje faz-se exactamente o contrario—nos nomes e nas coisas.

O pichel de Ayres, apesar da sua valente capacidade, não poude resistir aos esforços combinados de dois athletas d'esta força. A provisão de oito dias foi-se em cinco minutos. Depois de alguns alentados tragos de ambos, a vasilha, ainda no terço, empinada sobre os avidos labios de micer Arnau, deu a alma a Deus em menos de um credo. O arcabuzeiro, fazendo as honras da hospedagem cedera a vez da cortezia ao alemão. Com as sêdes atrazadas que trazia, tomou este o cumprimento ao pé da lettra, e só restituiu enxuto de todo o vaso, que podia muito bem passar por um cantaro.

—*Inclinato capite redit spiritum*—disse estouvadamente o alferes observando a scena.

Tinha o mancebo em Lisboa estudado latim nos

Geraes, e não perdia ensejo de mostrar as suas superioridades de erudição, ainda que applicasse os textos com mais chiste do que reverencia.

Ayres teve remorsos da sua continencia da noite antecedente. D'ali por diante ficou entendendo que as maximas philosophicas da previsão constituiam o mais insigne despauterio d'este mundo.

Terminadas as libações com a total extincção do liquido, Ayres, sentindo-se em boas disposições, e confiando na providencia das pipas, que vira entrar de manhã, foi-se, como na vespera, para o seu observatorio a continuar aquelles passeios hygienicos em que já o admirámos.

Mestre Marçal, intimado por elle, seguiu-o com a humildade de quem ali tinha as suas esperanças.

Todo o observador que n'estas occasiões attentasse no mestre, havia de notar um phenomeno, que por sua parte os camaradas do fogueteiro não deixavam correr sem commentarios. Estirado como era, mestre Marçal, quando por alguma circumstancia imperiosa tinha de passar pelas muralhas, sabia taes artes de encolher e retrahir a sua longa estatura, que nunca excedia uma pollegada acima dos parapeitos. N'estas localidades preferia geralmente a linha horisontal: a vertical repugnava-lhe de um modo invencivel.

Via-se que mestre Marçal, ao revez de Antonio de Lima, nada duvidava absolutamente da existencia dos hollandezes.

O arcabuzeiro, não tendo como Vieira nenhumas

razões particulares de se deliciar na solidão, pensara que mestre Marçal serviria para lhe variar e espairecer um pouco a monotonia da vigilia.

Pouco depois, micer Arnau e tres mosqueteiros, camaradas antigos de Ayres, seguiram a mesma direcção e foram juntar-se aos dois.

Mestre Marçal, descançado á sombra de seu amigo, enroscou-se no angulo da banqueta, logar que suppunha menos accessivel. Como não soubesse com certeza se teria muita occasião para dormir, dispunha-se com voluptuosidade a saborear n'um bom somno a indemnisação de tantos trabalhos.

De todas as possiveis idéas do mestre, esta era justamente a que menos quadrava ao arcabuzeiro. Ali se confirmava sem replica a trivial sentença: «que a protecção dos poderosos tem ás vezes seus inconvenientes!»

—Eh! lá! mestre Marçal!—gritou Ayres, sacudindo-o com a ponta da bota, de um modo, que, para quem não estivesse costumado ás suas maneiras, podia muito bem passar por uma chuva de pontapés—Eh! lá, mestre Estouro! Ainda não ha um quarto de hora que anoiteceu, e estaes-me já ahi estendido como um arcabuz sem corda.

O simile de Ayres não era perfeitamente exacto. Mestre Marçal tinha-se feito uma bola.

Estava o fogueteiro vae não vae a adormecer. Com o enfado da interrupção ainda a principio grunhiu alguns queixumes. Que remedio porém se não

resignar-se? Esticou então os dois fuzos, a que tinha a basofia de chamar as suas pernas; e, instado pelas reiteradas intimações da bota, que não era de setim, levantou para o amigo a cara amarella, ornada de um sorriso mais amarello ainda.

— Vamos, homem! — continuou Ayres — Estaes em companhia de amigos.

Mestre Marçal dispensava perfeitamente os amigos da companhia; mas, como versado nos usos do mundo, alongou o sorriso de orelha a orelha em modos de satisfação e complacencia.

— Contae-nos, para nos fazer passar o tempo, o que andava de novo lá pela côrte quando partistes, coisa que valha a pena para gente christã.

Ayres Gil sabia que vibrava uma corda sensivel, como actualmente dizemos. O que a mestre Marçal parecera sempre mais novo na côrte, e o que em todos os tempos julgara mais curioso e digno de attenção, era o que particularmente lhe dizia respeito.

Vendo que estavam todos dispostos a seroar á sua custa, o mestre fez da necessidade virtude. Sentando-se na banqueta, consolada a vaidade com a importancia de um narrador official, começou a epopêa das proprias aventuras, commentada pelas grozas de *mein goth!* com que o alemão disfarçava os bocejos pertinazes.

No terrapleno dos dois baluartes, e da cortina que olhava para Olinda, tinha o governador feito levantar, parallelos aos parapeitos, uns espaldões grossos

de terra bem calcada, com seus contrafortes para os tornar mais solidos, e frequentes aberturas destinadas a facilitar a prestes circulação da gente, e os movimentos quer de serviço quer de resguardo. Supria elle assim as mantas e outras defezas, preparando abrigos á guarnição contra os projectis contrarios.

Foi sempre dever dos chefes militares evitar quanto possivel os sacrificios inuteis, e mais ainda os sacrificios de sangue. Antonio de Lima sabia egualmente prevenir os damnos e arriscar a tempo.

Estavam de espaço em espaço, com antecipação, arrumados n'estes contrafortes, feixes d'armas de todo o genero e feitio, assacaladas e apparelhadas para uso immediato.

Os tres mosqueteiros e o alemão tomaram posição no contraforte mais proximo, fazendo roda ao mestre. Ayres, posto haver suggerido a lembrança que fizera de mestre Marçal o quasi Tyrteo da guarnição, não se tirou do parapeito.

Na extremidade do baluarte o vulto immovel de Vieira attestava que, se aqui se predispunha a vigilia, ali era persistente o cuidado.

Vieira, como Ayres, seguia com particular attenção os progressos da nebrima, que ao sol posto se começára a levantar do mar e se diffundia pelo isthmo carregando-se mais que o ordinario. O engenho e intuição do mancebo adivinhavam o que a experiencia fazia presentir ao veterano.

Mestre Marçal chegou por vezes a interessar os ouvintes com a narrativa dos lances, em que no reino o pozera a rigorosa prohibição de Castella relativa aos artificios de fogo, que eram o seu remedio e officio. Não os compungiu menos com a historia que o tornara infractor d'esta lei, infracção que afinal o havia levado á cathegoria de criminoso e á condição de degredado. Commoveu-os mais que tudo com as lastimas e exconjurações, em que desafogava as estreitezas do captiveiro incomportavel, que na patria lhe armara uma esposa despotica.

O mestre, commettendo a temeridade d'estas queixas além do oceano, ainda de vez em quando olhava com terror, não lhe surgisse ali a consorte magestosa e irritada. Não poderia elle mesmo dizer qual receiava mais, se esta visão, se os hollandezes!

Por grandes que fossem os attractivos oratorios e biologicos do mestre, a variedade das suas aventuras não lograva luctar com a fadiga da trabalheira, que prostrava o auditorio.

Os hiatos do condestavel pegaram-se com irresistivel contagio aos mosqueteiros. Na primeira e segunda hora a actividade de Ayres, que vigiava a um tempo o areal e o narrador, ainda conseguiu demorar a dispersão, espertando a palestra apenas esmorecia. Podia-se pensar que tinha suas razões para isso, tanto era o empenho que mostrava. Este mesmo esforço veio porém a tornar-se insufficiente, e a derrota começou.

Não é facil dizer se cançou o historiador ou a curiosidade. A verdade é que um após outro se foram esgueirando o condestavel e os mosqueteiros, deixando affrontosamente em meio o conto do mestre. Como diz o poeta francez: « acabou o combate por falta de combatentes. »

Mestre Marçal, falhando a instigação do seu amigo, perdoou magnanimamente a injuria aos desertores, e não será temeridade acreditar-se que interiormente a agradeceu. Ainda o ultimo ouvinte não recolhera a quarteis, já elle fazia inveja aos sete dormentes.

Ayres, não deu, ou fez que não deu, pela retirada dos companheiros, nem pela mudez que se lhe seguiu, tão exclusivamente se absorvera nas suas investigações. Á anterior loquacidade substituira-se-lhe uma preocupação profunda. Julgara-se que adormecera tambem encostado ao parapeito, se não fôra o avido e impaciente movimento com que de vez em quando se estendia e debruçava, como para melhor interrogar as trevas.

VII

Triplice atalaya

Seriam as duas da madrugada, hora de pesadume e somnolencia, em que frequentemente o corpo vence o espirito. Só os roncos do mar invisivel resoavam tristemente na calada da noite.

A nevoa era cada vez mais espessa. Confundiam-se o porto, a restinga e o rio, toldados por este véo opaco e denso. Quasi se não podia differençar um vulto a poucos passos de distancia.

Ayres Gil cada vez fitava mais attentamente os olhos, e cada vez applicava com mais cuidado o ouvido. Agora prescutava immovel o silencio e as sombras; logo se ia em passo lento ao longo da cortina a continuar de diversos lados as obstinadas pesquizas.

De tempos em tempos, o arcubuzeiro coçava o sitio onde devia ter a orelha direita, que lhe havia ficado na alabarda de um sargento zellandez nos polders de Anvers. Gesto era este, que em Ayres indicava o mais subido grau de apprehensão.

N'uma d'aquellas idas e vindas, como chegasse ao angulo da banqueta em que mestre Marçal repousava á feição dos bem-aventurados, achou ali Vieira, que lhe acenou com a mão. Estacou de repente o arcabuzeiro, e, dissimulando o busto com a muralha, encostou acceleradamente o ouvido á borda do parapeito.

Vieira estava uma estatua.

Passaram-se alguns segundos. Como que Ayres concentrava todas as suas faculdades n'esta singular auscultação.

Concluido conscienciosamente o exame, o arcabuzeiro voltou-se, e fazendo da mão esquerda um anteparo á bocca, vibrou rapidamente estas palavras ao mancebo:

— Parece que afinal os temos comnosco.

— Parece que sim — respondeu serenamente Vieira.

— Olhae se as sentinellas dão signal. Vão lá fiar-se! — proseguiu Ayres em voz submissa.

— Tem pouca pratica, — observou o moço no mesmo tom. — E talvez seja melhor assim.

— Pois que nós vigiamos.

— Ide avisar ogovernador.

Dizendo, Vieira encostou o mosquete á muralha,

e foi direito a um dos feixes de armas de que já se fez menção. Entre estas escolheu um pique lancinante, que tinha na base da lamina um como arpeu, robusto e afiado á feição dos croques dos nossos barqueiros do Tejo.

Ayres Gil contemplava-o com certa curiosidade.

— E o vosso mosquete? — disse indicando a arma que o moço arrumara.

— Para que? — redarguiu Vieira apontando para a densidade do nevoeiro.

— Demonio de rapaz! — murmurou Ayres com uma expressão admirativa, que encerrava o mais cabal panegyrico.

N'isto ouviu-se um ruido tenue e indistincto, que se podia julgar o sussurro do vento no arvoredo.

— Avisae o governador — repetiu Vieira instando.

Ayres disparou em mestre Marçal um pontapé capaz de estoirar um bufalo.

— Hein? — respondeu, abrindo um olho, o mestre costumado a estes modos do arcabuzeiro.

— Ide-me já dizer ao sr. governador que temos aqui os hollandezes, para que faça tanger alarma.

— Que hollandezes? — perguntou mestre Marçal estremunhado.

— O inimigo, bruto! — assoprou-lhe ao ouvido o arcabuzeiro para ver se o resolvia.

— Onde está o bruto inimigo? — resmungou machinalmente o mestre, abanando a cabeça e voltando-se para o outro lado.

— O inimigo que nos vem atacar! — rugiu Ayres entre dentes, levantando-o desesperadamente pelo gasnate.

Mestre Marçal comprehendeu e despertou de subito.

— Ai! Jesus! — murmurou com a voz estrangulada.

E recaiu meio apopletico de terror.

— Alimaria! — rematou Ayres arredando o infeliz fogueteiro com supremo desdem.

Depois continuou para Vieira:

— Não quizera deixar-vos aqui só em tal occasião; mas é forçoso.

— É. Ide.

Ayres foi precipitadamente. Mal tinha dado alguns passos, sentiu no hombro uma pesada mão calçada de ferro.

Era o capitão Antonio de Lima em pessoa.

— Aonde vaes? — perguntou este.

— Ia prevenir-vos.

— Estou prevenido. Cada qual ao seu posto. Nem falla. Racho o primeiro que me boquejar uma palavra.

O arcabuzeiro repetiu comsigo:

— Demonio de governador!

A formula encomiastica não era menos significativa a respeito de Antonio de Lima do que o fôra com referencia a Vieira.

Olhando para as rampas dos terraplenos, viu, su-

bindo em diversas direcções, os homens da guarnição armados e promptos. Marchavam estes aos pontos anticipadamente designados, silenciosos como espectros.

A admiração do veterano ia em escala ascendente. Tinha visto muitas guerras; nenhuma assim.

Nem só Ayres e Vieira vigiavam

Antonio de Lima tambem não dormia. Não era porém facil saber onde estava, porque estava em toda a parte.

As sentinellas passeavam tranquillamente a descoberto.

Ayres tinha razão: não davam o minimo signal. Tão perfeita quietação induzia a acreditar n'uma confiança e desprevenção absoluta. Se dentro os mais experimentados assim o haviam entendido, o que faria fóra!

Antonio de Lima bem sabia que não arriscava aquelles homens, apparentemente offerecidos em alvo ao inimigo. Aproximando-se os expugnadores com o intuito evidente de surprehenderem o forte, não dispararíam um só tiro. Todo o estrondo seria certamente um aviso, e elles eram os mais interessados em evital-o.

Pouco a pouco o rumor longiquo e vago, que já se ouvira, foi-se tornando mais aturado, mais regular e perceptivel. Dissera-se que as ramadas dos cajuaes se agitavam soturnas sob o impulso da tormenta.

A noite porém estava abafadiça. Nem uma leve aragem bafejava.

Entretanto uma tarja profunda, mais escura no meio da escuridão, parecia condensar progressivamente as sombras ao rez da terra em frente do forte.

VIII

S. Jorge pelos Brazis!

Sentiu-se depois um como ranger de objecto pesado que se fixava na areia. Era apenas a suspeita d'um som.

Um dos voluntarios, curvados na banqueta por ordem do governador, quiz erguer-se para observar. O condestavel já ia chegar fogo ao ouvido do canhão que tinha ao lado.

Um revez da espada de Antonio de Lima sacudiu-lhe a corda tão rente dos dedos, que micer Arnau, indo rapida e silenciosamente apanhar o morrão, foi examinando pelo caminho se tinha a mão no seu logar.

Com o outro braço o governador dobrou o voluntario sobre os joelhos.

Mal se ouvia, em torno dos parapeitos, o resfolegar anhelante e oppresso d'aquelles homens, que a vontade d'um só immobilisava n'este instante supremo.

Era uma situação de solemne e terrivel anciedade. O arcabuzeiro observava com maravilhado interesse, como um homem saciado de expectaculos, que emfim acha lance digno de attenção.

Na muralha do baluarte, que Vieira defendia, surgiram pouco a pouco dois morriões, alteando-se progressivamente. O mancebo, pulando como o jaguar á espreita da preza, vibrou um bote irresistivel ao rosto do primeiro vulto que subia, e logo, n'um furioso movimento de rotação, aproveitando com mão certeira o falso das armas, cravou o arpeu recurvo do pique na garganta ao segundo, que já deitava as mãos ao parapeito para saltar. Depois, retrahindo o braço com assombroso vigor, arrojou aos pés do governador o hollandez lacerado e agonisante.

O gemido e o baque do primeiro tinham já annunciado aos expugnadores nocturnos como eram recebidos.

Ayres Gil, a quem nada escapava, não se poude ter que não rosnasse lá de si para si:

— Aceiado modo de pescar, por vida minha!

Levantou-se então de fóra um brado immenso, como se das entranhas da terra subitamente rebentasse uma população phrenetica.

— Hollanda e Orange! — troou na restinga a multidão.

— S. Jorge pelos Brazis! — respondeu a guarnição electrisada pela attitude do chefe e pela acção de Vieira.

Os hollandezes, em vez de surprehenderem, tinham ficado surprehendidos. Nem imaginavam o arrojo de os esperarem assim.

Impeliam-n'os porem os seus cabos, que mediam os inconvenientes de titubear na investida.

— A elles, filhos! — continuou sem perder tempo o governador n'um subito acesso de ternura, fatal aos assaltantes.

Juntando á palavra o exemplo, metteu os hombros a um tronco inteiro d'angelim, cuja enorme superficie quasi tomava o comprimento e sobrepujava a largura da muralha.

Ayres Gil e mais vinte braços secundaram-n'o em continente de uma a outra extremidade do collossal madeiro, ao lado do qual o mais valente roble parecêra uma vergontea. Para o abalar fôra pouco toda a guarnição.

Reappareciam já do sopé da cortina os hollandezes arremetendo apressados á escalada.

O governador e os seus redrobraram o esforço com impeto fremente. O monstruoso tronco oscillou no pendor do parapeito. Um novo impulso, um impulso sobrehumano, despenhou-o eccoando lugubremente na escuridão. A energia das almas e dos braços suppria as machinas de guerra.

Seguiu-se á queda um grito indescriptivel, com-

posto de toda as intonações da agonia e da desesperação. Ouviu-se ao mesmo tempo um estalar secco e multiplo. Produziu o emprego d'esta improvisa balistica horroroso effeito. O madeiro, tombando réz com a muralha, esmagara tudo sob o peso descommunal.

Tinham os hollandezes, confiados na mudez inalteravel do forte e na densidade do nevoeiro, avançado sem mais precaução do que o silencio. Quando se presentiram descobertos era já tarde para recuar. Duzentos d'elles estavam apinhados á raiz do forte. e nos degraus das escadas que precipitadamente haviam plantado contra a face da cortina.

Derribara Vieira os dois mais apressados e audazes. Acharam-se então os mais a bem dizer colhidos, julgando até ali que apenas teriam de degolar as sentinellas descuidadas, e apossar-se do resto da guarnição adormecida.

Ficaram as escadas quasi todas partidas. Os assaltantes, arrojados com ellas, jaziam moribundos. Metade da columna de ataque fôra litteralmente triturada.

A outra metade retirou espavorida para o grosso da força.

Compunha-se esta força de 1500 homens. Pelas razões já ponderadas, seguira de perto as companhias de assalto, a fim de as reforçar promptamente no caso de resistencia maior. Como consequencia da mesma confiança e imprevisão, vinha formada

na ordem que então se chamava de *batalha quadra*, cobrindo em toda a sua largura a estreita peninsula.

Ao receber os fugitivos da mallograda tentativa, a molle inteira agitou-se confusamente.

Não foi preciso mais ao governador para verificar a situação e disposição do corpo principal.

—Pontarias baixas, bombardeiros!—bradou.—Fogo a todos os canhões.

Uma detonação formidavel despertou os eccos gemebundos da floresta, e foi rebombar ao longe na immensidade do oceano. A colubrina e as bombardas soaram quasi unisonas.

Era impossivel com a fumarada e o negror distinguir o effeito da descarga.

Terrivel devia de ser comtudo, entrando os projectis nas fileiras bastas e cerradas.

—Bombardeiros, outra salva como esta!—clamou o governador.—E vós, filhos, aos mosquetes!

O fusilar da mosquetaria, seguido novamente do estampido das peças, foi continuar o estrago no corpo de batalha do inimigo.

Quando o fumo se dissipou, os hollandezes tinham-se tornado totalmente invisiveis na profundidade das sombras.

—Bravo!—exclamou Ayres Gil, depois de observar attentamente.—Os arenques de Hollanda mergulham.

—Elles voltarão,—disse Antonio de Lima.—Estamos ainda no principio da festa. Animo, filhos, e tudo prestes.

Depois, tomando a Vieira de parte, continuou para este apertando-lhe affectuosamente a mão:

—Mancebo, sereis grande, ou morrereis com gloria. Aqui vol-o diz um soldado velho, e as prophecias no campo de batalha quasi nunca mentem.

—Procuro imitar o vosso exemplo, senhor governador—respondeu Vieira, escondendo-lhe a noite as faces accesas no varonil rubor de nobre modestia e não menos nobres esperanças.—Onde estaes quem ousaria voltar o rosto?

—Na vossa edade, ter-vos-hia inveja,—atalhou Antonio de Lima.—Na minha, presagio-vos o futuro. Conheço os homens de guerra.

—Como discipulos.

—Nada me digaes. Acabemos. Primores e comprasimentos não são para aqui... nem para nós. Aproveitemos esta breve pausa. Olhae-me para essa gente. Toda ella fez o seu dever...

—Mais.

—Mais talvez, por que a lucta é desproporcionada... Não: mais não. O dever do soldado é morrer no seu posto. Como vos dizia, toda esta gente obedeceu bem, e está disposta a fazer o que se póde esperar da força humana. Só não achareis em nenhum desses quieto o coração em quanto peleja o braço, nem

a frieza que mede o golpe nos lances apertados. Esse é o esforço maior, o que faz os grandes homens e as grandes coisas.

—É o vosso.

—Já vos disse que não do que sou, mas do que heis de ser, vos quero fallar; e aqui mesmo, e agora, para que a todo tempo vos lembre. Foi uma refrega; mas o que vi me basta. Isto de cegar a morte com encaral-a fito dá-o Deus a poucos, e a quem o dá...

—Senhor governador! por quem sois,—replicou o mancebo confuso.—Todos morreriam, como eu, á vossa voz, e pelo serviço desta terra. Que mais fiz, e que mais se hade de ousar?

—Saber morrer. O que vos digo, senhor Vieira, é para vos convidar a muito mais, porque em pouco, vós, e eu, e quantos aqui somos, precisaremos de toda a força de nossos braços e de nossas almas.

—Mas os hollandezes retiram.

—A ordenar-se, para volverem de novo com maior furia. E virão agora movidos da vergonha... mais, incitados do desejo de vingança. Estes herejes são bons soldados, soldados velhos, gente de guerra briosa e experimentada. Não vol-o occulto: quero o vosso exemplo... preciso d'elle... para esses moços dos engenhos principalmente, que nunca viram d'isto. Fazei-m'os heroes, que o podeis e sabeis. Não será demasiado.

—Ah! senhor governador, em que mereço tantos louvores!

— Pois fazei por merecel-os.

— Tudo o que um homem poder tentar...

— Sei. Por isso vos fallo como não fallaria a todos. Tenho para os outros palavras differentes. — Vamos, filhos! — proseguiu dirigindo-se á guarnição, que se afastara respeitosamente. — Estaes prestes? Bem. Sabeis agora com quem lidaes. Já vêdes que estes arenques de Hollanda, como lhes chama Ayres que os conhece, não são todos espinha. Quanto maior fôr a onda melhor será a pescaria.

— E não se me dá de experimentar tambem! — acudiu o arcabuzeiro lisongeado, floreando um pique similhante ao de Vieira. — Posto que, digam lá o que disserem, nada chega a um bom arcabuz, escorvado a ponto, que chega longe e mata um homem com aceio.

Professava Ayres systematico despreso por toda a arma que não fosse aquella sua predilecta.

— Mas emfim, — continuou — cada coisa tem sua serventia. Estou que será divertido continuar a pesca do hollandez. Quero ver que peixe é.

— Pelo menos pega bem no anzol; observou d'ali um dos voluntarios, moço faceto e enthusiasta de Vieira.

— Dizei antes que o anzol lhe pega... como eu agora pegara n'um pichel attestado. Não vinha a tempo, micer Arnau?

— Ya, ia, meinherr! — accudiu o condestavel, cofiando com um palmo de lingua os beiços ressequidos da polvora.

Foi por diante no discurso o arcabuzeiro indicando o moço commandante dos voluntarios:

—Ápage! Com aquellas mãos de dama do paço tem-me um pulso de jogador de barra! Pelas barbas do viso-rey, como se dizia em Goa, que tenho visto muito assalto e escalada; mas sacudir-me assim para dentro um scismatico de sete arrobas, como um sapo espetado n'uma canna, é a primeira vez. Bem diz lá o dictado: «quanto mais viver, mais aprender!» E como elle, o perro herege, careteava pelo ar, quando veio ahi estourar-nos ao pé! A proposito..... E mestre Estouro?..... Podia servir ao menos para chegar o morrão aos seus foguetes. Quem me viu ahi o meu amigo mestre Marçal Estouro?

Olharam todos investigando os cantos. Mestre Marçal havia-se tornado invisivel, como o principe do annel encantado.

—Não é tempo de procurar. Olhae, Ayres — bradou o sargento de numero.

—Oh! oh! o peixe que vem á linha! — retorquiu o arcabuzeiro attentando.

Effectivamente, duas longas columnas, ou *mangas*, como se dizia então, avançavam por entre o nevoeiro, que ia rareando. Os hollandezes tinham mudado a sua disposição, e procuravam offerecer a menor frente possivel aos tiros do forte.

Antonio de Lima prevenira-os. Em quanto Ayres discorria, modificara elle a direcção dos seus tres

canhões, que recomeçaram a jogar contra os lados cruzando os tiros.

O alferes neste intervallo chegou-se a Vieira.

—Não sei o que me adivinha o coração—disse—Casado sou de tres mezes. Minha pobre mulher a esta hora...

Calou-se envergonhado da commoção que lhe prendia a voz.

—A esta hora,—acudiu Vieira para o animar—lembra-se de vós, como vós della: contar-lh'o-heis depois, e vereis como vos paga os extremos. Quem podéra dizer outro tanto!

O alferes meneou a cabeça em ar de duvida.

Conseguindo vencer este abalo continuou:

—Não é receio; é saudade. Cedo era ainda para nos separarmos.

—Que lembrança!

—Dir-lh'o-heis vós, se...

—Eu!

—Prometteis?

—Pois que o desejaes, prometto; mas fio-vos que não será preciso.

O alferes apertou-lhe a mão em silencio, e voltou ao seu posto.

Aproximavam-se apesar da artilheria os hollandezes. Antonio de Lima, que não queria esperdiçar munições, poupava os seus mosquetes. Tanto porém que os inimigos lhe pareceram a tiro, bradou em voz clara e tranquilla, como se estivera n'um alardo:

—S. Jorge pelos Brazis! arcabuzeiros e mosqueteiros, fogo!

Duas descargas successivas enfiaram as columnas em marcha.

As mangas dos hollandezes oscillaram como se as tomara uma simultanea ebriedade.

—Sentido, filhos! Aos espaldões!—gritou de novo o governador naquelle tom de commando, incisivo, imperioso e absoluto, que não admitte hesitações.

No mesmo ponto, o forte foi litteralmente cuberto de pelouros, granadas, alcanzias, foguetes, e toda a qualidade de artificios mortiferos.

Realisavam-se largamente as prudentes previsões de mestre Marçal. Os atiradores inimigos retribuiam por junto o que tinham recebido por vezes.

Abrigavam os espaldões a guarnição. Só o governador e Vieira, firmes e erectos nos seus logares, pareciam desafiar aquella tempestade de fogo, observando e vigiando os incidentes do ataque. Os voluntarios, exaltados de os verem, praguejavam detraz dos abrigos, onde unicamente os continham as ordens severas do governador. Ayres Gil, que tinha seus privilegios, deixara-se ficar tambem na muralha. Com a sagacidade cautelosa do soldado velho, meio ajoelhado na banqueta do parapeito, apenas arriscava um olho para verificar o que ia lá por fôra, e exercer opportunamente a sua critica.

Ayres era observador, e gostava de observar de perto, mas não para dar na vista.

— Com seiscentos Belzebuths! — dizia elle — o peixe traz uma ardentia infernal! Para mercadores não são poupados estes tratantes de Hollanda.... Puh! diabo! — acrescentou de repente em sobresalto, tapando o nariz com ambas as mãos, e voltando com vivacidade o rosto. — Puuuh! que peste!

Um foguete, passando a dois dedos de Vieira, voara por cima da cabeça do arcabuzeiro e fora pregar-se no espaldão onde se incendiara. Era um composto de mixtos nauseativos, e rebentára espalhando um vapor infecto, ou como vulgarmente se diz, um cheiro de tombar. Congreve tinha ascendentes.

Se mestre Marçal estivesse presente, cahir-lhe-hiam no chão, em vez das faces auzentes, os ossos maxilares, de pura vergonha por aquella deshonra pyrotechnica.

Os fogueteiros hollandezes tinham querido regalar a um tempo todos os sentidos — o tacto e os olhos, os olhos e o olphato.

—Eh!... eh! lá!... Conheço. Como em Flandres! —proseguiu o arcabuzeiro.

E levando da adaga, com o ferro n'uma das mãos, a outra cubrindo a parte inferior do rosto, foi-se direito ao incommodo artificio, e decepou de um revez a extremidade ponteaguda que se fixára profundamente no paredão de terra. Levantando-o depois pelo cabo, voltou á muralha, debruçou-se para medir o arremeço, e recambiou para fóra o foguete ainda inflamado e fumegante.

O escrupulo desta restituição abonava a sua austera probidade.

—Tomae, Iscariotes!—bradou sem já fazer caso do granizo de pelouros que lhe sibilava aos ouvidos.—Tomae lá, almas damnadas! Provae-me ahi tambem destes perfumes do Oriente. Hein? São rosas de Alexandria... Puuuhhh!

E voltou socegadamente para o posto que escolhera, tregeiteando uma infinidade de visagens de enojo e repugnancia.

—Viva Ayres Gil!—romperam os voluntarios.

—Calae-vos ahi, creanços amostradiços—retrucou-lhes o arcabuzeiro agastado—Boa é a occasião para vozes! Aproveitae-me esses restos de aroma, aproveitae: ficareis mudos de enjoados, mais do que se almoçasseis mocotó sem sal.

Era burlesco e heroico o enfado do arcabuzeiro, como o fôra a sua acção. Faria ella tremer os mais atrevidos e rir os mais merencorios.

Vieira desatou ás gargalhadas. Não se poude ter o proprio governador, apesar da sua natural gravidade, e da attenção que prestava ás evoluções dos hollandezes.

O arcabuzeiro encolheu os hombros como quem não achava razão nem ao applauso nem á hilaridade. Correndo escrupulosamente a folha da adaga pela aba do gibão, para a lustrar do impuro contacto, embainhou com toda a paz de espirito, e agachou-se de novo atrás do parapeito.

IX

Assalto

Entretanto o fogo dos hollandezes continuava horroroso.

Como que o archanjo das batalhas cubria com as azas o intrepido Antonio de Lima. Por Vieira vigiava certamente o bom anjo dos seus castos amores.

Não respondia o governador. Insistia em poupar o seu fogo para resguardar a gente que não abundava. Tinha por costume aguardar o momento opportuno.

Deu por fim um signal, naturalmente combinado. Da rectaguarda dos espaldões subiu aos ares um dos mais vistosos artificios de mestre Marçal. Espalhava elle vivissima claridade. Á sua luz divisou-se distinctamente outra columna de ataque, proxima

já da base da muralha, e em pé sobre as banquetas do forte a nobre estatura do governador e a figura elegante de Vieira.

Sobresaiam ambos no alto, egualmente impávidos, á similhança do velho melástomo e da palmeira nova, que par a par desafiam o raio na serrania.

Magnifico e tremendo era o contemplar aquelles dois homens, unicos visiveis, sós, levantados na corôa das muralhas, como a provocarem do heroico pedestal a multidão dos inimigos, que em ondas lhes marulhava aos pés.

Voltavam os hollandezes mais preparados á investida. Duas escadas tinham escapado ao primeiro desastre. Das outras haviam aproveitado as que podiam com algum supprimento servir ainda. As profundas mangas dos arcabuzeiros e mosqueteiros hollandezes, varrendo o forte, protegiam o movimento da columna. Avançava esta afoita e em boa ordem.

Antonio de Lima verificára quanto queria saber.

Apenas porém a luz momentanea do artificio poz evidentes aos olhos dos atiradores inimigos os dois vultos soberbos, todos os tiros se dirigiram contra elles.

Antonio de Lima ladeou alguns passos, dizendo para Vieira:

—Acautelae-vos agora, Vieira. Atiram-nos como ao alvo. É tentar a Deus chamar sem necessidade a morte, quando nos será tão necessaria a vida para esforço de todos e cumprimento do nosso dever.

— Preciso avesar-me, senhor governador — respondeu Vieira sorrindo, e conservando-se immovel no seu logar.

O vendaval de ferro passou deixando-o incolume.

Segundo a expressiva phrase de Antonio de Lima: «cegara os olhos á morte.» Talvez n'aquella hora as orações de D. Maria Cezar subissem fervorosas á presença de Deus, e Deus se dignasse estender a mão sobre elle.

O fogo dos hollandezes cessou logo que os assaltantes se avisinharam para de novo plantarem as escadas. Não podia continuar sem offender os que arremetessem ás muralhas.

Ahi justamente os esperava o governador, que não era homem de esperdiçar balas.

— Fogo, mosqueteiros, fogo sobre o ataque! — bradou elle distinguindo a columna a cincoenta passos.

A guarnição impaciente e furibunda arrojou-se aos parapeitos. Uma descarga temerosa rareou as fileiras dos atacantes já visiveis.

— Aos canhões, bombardeiros! — continuou o governador.

As peças do forte, tanto tempo mudas, tornaram finalmente a responder, devastando as mangas dos atiradores.

Replicaram estes com energia vendo hesitar as suas companhias de assalto. Um dos voluntarios, varado de um pelouro, caiu ao lado de Antonio de Lima.

— Oremos pelo primeiro martyr desta defensão! — disse o governador estendendo a cruz da espada sobre o infeliz moço, que expirou sem exhalar um queixume.— Oremos por este primeiro martyr, e juremos vingar-lhe a morte!

— Mil vidas por esta! — exclamou impetuosamente Vieira. —Vae tu com Deus, irmão — acrescentou como se ainda o ouvira o que ali jazia — E pois que adiante vaes, expõe ao teu e nosso Redemptor como todos aqui por sua gloria e por sua fé estamos promptos a morrer tambem. Quem te não inveja, irmão, não é digno desta terra!

Foi tudo isto momentaneo.

Antonio de Lima era sinceramente christão; mas era tambem chefe sagaz. Se como christão cumpria um pio dever, como chefe combatia com a influencia religiosa esta primeira impressão de horror, tão perigosa em homens pouco affeitos aos cruentos espectaculos da guerra.

Vieira, mais por instincto do que por calculo, rematara a exaltação dos animos aggregando ao pensamento de Deus o sentimento da patria.

Um indicava o céo, o outro a gloria.

Ayres era indifferente. Tinha presenciado tão repetidamente scenas destas, que se lhe haviam tornado episodio commum. Não deixava o arcabuzeiro de ser devoto a seu modo, e até um pouco supersticioso, mas com o costume só via em cada cadaver um mosquete de menos, e uma alteração grave

na symetria das fileiras. A morte era a seus olhos o accidente mais trivial da guerra.

A compuncção profunda de Vieira, em quem o valor não entibiava a sensibilidade, e a premeditada encommendação religiosa de Antonio de Lima, foram para elle uma coisa sem significação.

Não succedeu o mesmo aos voluntarios. Iam do furor passando ao delirio: eram leões.

N'isto, o fogo dos hollandezes parou novamente e de subito.

— A elles, filhos! — gritou o governador. — Occasião é de vingarmos o morto!

Voava o inimigo ao assalto, não já colhido na tentativa de surpreza, mas com a certeza e consciencia da opposição que acharia.

O verdadeiro combate principiou.

Parecia todo inflammado o forte, tantas eram as invenções de fogo que dos parapeitos arrojavam.

No meio d'este incendio, defensores e assaltantes, egualmente irritados, egualmente embravecidos, chegaram em breve áquelle paroxismo de furor, que faz desprezar a vida para só lidar em produzir a morte. Choviam incessantes da muralha os madeiros, os arremeços e as materias incandescentes. De dentro e de fóra misturavam-se em pavorosa grita os gemidos e as blasphemias. Onde se fazia um claro surgiam logo novos combatentes.

Acima de todas as vozes ouvia-se a voz de Antonio de Lima. Adiante de todos os braços estava o

seu braço e o de Vieira. Os longos anneis da serpente humana em vão apertavam os frageis muros: protegiam-nos peitos mais rijos do que elles.

Eram já degraus para os vivos subirem os cadaveres amontoados ante a fatal cortina. Qual arremetia por cima do corpo mutilado do irmão d'armas agonisante, insensivel aos ais que brutalmente exacerbava. Qual fincava no peito roto de um moribundo os prumos d'uma escada, estalando-lhe os ossos com barbara indifferença. Cega ia a turba na investida. Era um inferno de brados, um inferno de fogo, um inferno de armas, um inferno de iras!

Continuava Antonio de Lima a fazer de vez em quando subir ao ar os seus artificios luminosos para esclarecer em redor a scena, e melhor avaliar todos os movimentos do inimigo. Quando esta claridade se diffundia pela ilha fronteira, á luz livida alongavam-se pelas clareiras as sombras vacillantes das grandes arvores da margem, como se um povo de trépidos phantasmas fugisse daquella colera humana. Mugia ao mesmo tempo além do recife o mar, pavorosa base deste horrisono concerto. O rolo das vagas, reflectindo alternadamente as chammas diversas, ora se tingia de rubro sanguineo, ora do pallor de sudario.

Uma hora inteira durou o temeroso embate, sem que os hollandezes desistissem, sem que os do forte afrouxassem. Tres vezes foram precipitados os primeiros; tres vezes volveram mais enraivecidos e es-

timulados de maior pejo. Pragucjavam os seus capitães vendo baldado o esforço de tantos contra tão poucos, e investiam com os mais intrépidos á escalada para serem com elles rechaçados e mal feridos!

Fugia a noite levando aos hollandezes as esperanças que protegia a escuridade. Dissipara-se a nevoa, e uma leve cinta clareava ao nascente, annunciando proxima a rapida aurora daquelles climas.

Os assaltantes quizeram tentar o supremo lance.

No baluarte confiado a Vieira estavam tambem Ayres Gil e Antonio Borges, o moço alferes recem-casado, que até então mostrara o mais brilhante valor.

Tinham por differentes vezes os inimigos querido ladear por aquelle flanco o forte, cozendo-se com a muralha da banda do porto, a fim de multiplicarem os ataques sobre todas as faces, operação que lhes faria melhor aproveitar a vantagem do numero, e diminuiria a energia aos defensores dividindo-os. O passo porém era estreito e difficil, e Vieira acudira sempre tanto a ponto, que poucos dos que o tentaram conseguiram retirar.

Ao quarto e mais furioso assalto, como toda a attenção fosse pouca para a frente da cortina, alguns hollandezes conseguiram no tumulto passar sem serem vistos do baluarte, e plantaram daquelle lado uma escada no estreito carril comprimido entre a muralha e as aguas profundas.

Em quanto a furia do ataque redobrava na cortina, este troço destacado arremettia com precipitação ao baluarte.

O alferes, que era o mais proximo da muralha tão terrivelmente ameaçada, sentiu rumor e voltou-se rapidamente.

Já do parapeito sobre a banqueta saltava um hollandez gritando:

—Hollanda e Oran...

Não acabou. O espontão do alferes cortou-lhe a um tempo o grito e a vida.

Quasi no mesmo instante, o infeliz mancebo estendeu como insensatamente ambos os braços, recuou cambaleando até á extremidade do baluarte, e caiu redondo.

A alabarda de um sargento frisão, jogada, de cima da muralha, havia-o atravessado pela garganta.

Avançou o hollandez com o impulso do golpe. No acto de saltar, Vieira, acudindo como um raio, acolheu-o no gume do pique e pregou-o de encontro á trave do canhão que estava ao pé.

Jazia, porém, o alferes resfolegando o sangue em borbotões pela ferida medonha. Vieira, esquecendo o mais, baixou-se para soccorrel-o.

Anciava já o desgraçado nas vascas da morte. Acenou-lhe negativamente com uma das mãos, como dizendo que inuteis seriam todos os soccorros; com a outra, que fechara sobre o coração, entregou-lhe

uma pequena medalha de prata lavrada, e apontou-lhe para o parapeito.

A medalha continha um annel dos cabellos de sua mulher, viuva ao sair do thalamo nupcial, como os presentimentos lhe tinham advertido.

O que elle indicava no parapeito eram tres hollandezes, que assomavam desconfiados atrás dos primeiros, e faziam parte dos cinco mais ágeis e afoitos em subir.

Assim os derradeiros pensamentos do misero moço foram para ambos aquelles amores, cortados tanto em flor—esposa e patria!

— A elles, Ayres!—gritou Vieira, tremula a voz, razos d'agua os olhos, pallido o rosto, não da imminencia do perigo, senão com o abalo do afflictivo e rapido lance.

Ayres Gil, vendo caido o alferes, exclamou com uma leve tintura de ironia, que em caso de necessidade podia attestar a perfeita lucidez do seu espirito:

—Não dizia eu que armas tão franzinas nada valiam!

E agarrou n'um mosquete ás mãos ambas, brandindo-o pelo tubo como se fôra uma clava.

Iam já a saltar os tres hollandezes: Ayres tomou-lhes a frente, empenhado em demonstrar na pratica a excellencia das suas theorias.

Entrementes Vieira, julgando-os bem entregues, correu á muralha. Sobresahia alguns dedos ao pa-

rapeito a extremidade da escada: uma nova onda de hollandezes estava já em meio d'ella correndo em auxilio dos camaradas. O mancebo, sem dizer palavra, aferrou-se com a mão esquerda ao rebordo, deitou a direita á escada, e prolongando meio corpo fóra da muralha, com formidavel impulso, como um heroe de Homero, sacudiu no espaço aquelle cacho humano appenso aos degraus, e arrojou tudo para fóra, como se uma catapulta o despedira.

A escada, neutralisado este immenso esforço com o impeto e o peso dos que subiam e se achavam já para cima do centro, pareceu vacillar na perpendicular, mas caiu para o lado do porto, arrastando comsigo bom numero de hollandezes para as aguas que se abriram.

Ayres gritou-lhe sem parar na peleja:

—Toma! Caçada de armadilha depois de pesca de anzol!

E deu com segundo hollandez em terra, amolgando-lhe o morrião e o craneo.

Vieira soltou como um pallido sorriso de satisfação vendo o pego fechar-se remoinhando sobre aquella hecatomba humana, immolada aos manes do infeliz alferes. Foi a sua oração funebre.

Socegado por ali, quiz ir em auxilio do arcabuzeiro.

Não era preciso. Dois hollandezes jaziam aos pés de Ayres, derribados pelo terrivel mosquete.

Na occasião em que Vieira volvia, o terceiro dava

alguns passos desatinados, e caía a pouca distancia consideravelmente reduzido na estatura.

Ayres, aproveitando o intervallo para comprimir fortemente um dedo quasi decepado de um golpe de adaga, fez um gesto de suprema indifferença, e deu com o pé n'um volume roliço, que saltou como animado a dois ou tres palmos.

Era a cabeça do ultimo d'estes aggressores: um revez da espada de Antonio de Lima separara-a cercea do tronco.

Vira Antonio de Lima a lucta desegual do arcabuzeiro, comprehendera tudo n'um relance, e accorrera em seu soccorro caladamente, para não desanimar a guarnição, que repellia com denodo o assalto da cortina.

Frustrados n'este ataque, os hollandezes recuaram com maior perda do que antes.

Vinha já raiando a manhã. Os objectos tornavam-se cada vez mais distinctos.

Antonio de Lima observava attentamente:

—Filhos, preparae-vos!—disse—Teremos novo assalto, mas será o ultimo... por hoje—acrescentou em voz baixa para Vieira.

Vieira nem deu por tal: carregava o seu mosquete com as cautelas minuciosas de um caçador apaixonado.

X

Retirada

Para cubrir a derrota da columna repellida, rompera de novo o fogo entre o corpo de batalha inimigo e o forte. Pelo morrião emplumado distinguia-se á frente das suas companhias o cabo superior dos hollandezes, dispondo galhardamente novas forças para tornarem á investida.

Assobiavam bastos os pelouros em redor de Vieira. O mancebo assentou pausadamente o mosquete sobre a forquilha, e mirou com attenção.

Ayres Gil, que o tinha já no mais alto conceito, observando-o com preoccupada curiosidade, murmurou comsigo:

—Por su Dios y por su dama!

Sabia o arcabuzeiro um pouco de todos os idiomas,

e confundia-os frequentemente, sobretudo quando não queria pôr a todos na confidencia das suas conjecturas. Havia-lhe pelos modos a longa experiencia feito divisar em Vieira uns taes ou quaes ares de namorado.

Tendo assegurado bem a pontaria, o commandante dos voluntarios chegou com mão rapida e firme o lume da corda á escorva.

O general hollandez caíu nos braços dos seus soldados.

—Livraes-nos d'outra refrega—clamou o governador.

—Boa mira e mão segura!—ponderou o arcabuzeiro, acrescentando modestamente:—Bofé! que o não fizera eu melhor.

Com effeito, os hollandezes desacoroçoados e privados do seu chefe, deram promptamente as costas sem tentarem nova fortuna.

—Senhor Vieira,—continuou Antonio de Lima —escolhei doze dos vossos e saí a colher prisioneiros. Serão inimigos de menos, e é gloria que vos cabe.

Ouvindo isto apresentaram-se todos os voluntarios.

—Quereis deixar-me só?—observou-lhes o governador sorrindo.

Vieira não escolheu: tomou comsigo os primeiros.

Abriram-se n'um momento as portas do lado do

recife. O mancebo ladeou rapidamente a muralha com os seus doze homens ebrios de enthusiasmo.

Não havia empreza que lhes parecesse difficil. Em vez de se apoderarem, como o governador queria, de algum disperso ou menos válido, que a fadiga da noite atrazasse da columna, ousaram dar sobre a retaguarda dos hollandezes, e, o que mais é, precipitar-lhes em fuga a retirada ao brado heroico.

— S. Jorge pelos Brazis!

Quando voltaram, traziam mais de trinta prisioneiros, tres vezes o numero dos da admiravel sortida!

Trezentos dos seus deixaram os hollandezes mortos, e com elles uma grande copia de armas e tropheus.

Os portuguezes tinham no Brazil umas novas Thermopylas.

Perdera a guarnição, pouco mais ou menos, um terço da sua força, cinco mortos e oito feridos [1] sem

[1] Conservou a historia o nome de alguns d'estes valentes. Mereciam todos um padrão immortal: esta pagina modesta apenas os levantará do esquecimento um dia. Embora. Sempre será pagar a divida da patria; e pois que tantos, e por tantos modos, se empenham em apoucar a honrada herança portugueza, leve-se ao menos a bem que uma voz se levante para glorificação do que foi, para estimulo do que póde ser.

Contavam-se entre os mortos o alferes Antonio Borges e Francisco Guedes Pinto; entre os feridos Pedro Corrêa da Silva, e o sargento Luiz Fernandes.

Honra a estes heroes, não menos heroes que os Duarte Pacheco, os Antonio de Faria, os Reynoso, e tantos mais!

contar o amigo Ayres, que não fazia caso de bagatellas.

Horas depois, o capitão-mór veio pessoalmente visitar o forte, onde foi recebido com delirantes acclamações.

— Senhor governador, — disse Mathias de Albuquerque abraçando Antonio de Lima — quem vos ha de pagar tal serviço?

— Pago estou: fiz o meu dever, — respondeu o intrepido capitão. — Nem vos mereço eu tanto como pensaes. Aqui tendes a quem deveis hoje a conservação do forte.

E indicou Vieira.

Faziam então assim os homens de esforço e consciencia. Agora andam os zotes a tomar o passo aos que valem e fazem alguma coisa, e não ha parva ignorancia, nem invejita miseravel, que não tente denegrir tudo o que excede a sua craveira anã.

— Não me enganei com elle — disse o capitão-mór, abraçando tambem o moço commandante dos voluntarios, confuso de tanta honra. — Nem vos enganareis commigo, Vieira.

O mancebo pensou em D. Maria Cesar; e as vozes da gloria entoaram-lhe o hymno da esperança na alma generosa!

Não se limitou a solicitude do capitão-mór áquella visita, nem a estimulos de palavras. A mesma constancia, que sustentara o posto, lhe dava occa-

sião de reforçal-o, permittindo-lhe reunir os necessarios meios de prolongar a defensão.

Foi o exemplo um grande incitamento. A gloriosa resistencia de Antonio de Lima levantou os brios á população fugitiva. Viu-se que os hollandezes não eram invenciveis. Envergonharam-se muitos das suas pusilanimidades, e de todos os lados affluiram soccorros, que deram azo a dispôr mais largamente do pequeno numero de homens resolutos, que haviam permanecido com Mathias de Albuquerque.

Iam diariamente engrossando as companhias, como o chefe previra; e em breve pôde este organisar algumas bandeiras regulares.

A guarnição do forte foi successivamente augmentada até chegar a oitenta homens: não podia alojar mais o pequeno recinto.

Figuravam entre estes muitos da bandeira da nobreza, commandados por Affonso de Albuquerque, irmão do proprio capitão-mór, que n'este intervallo havia chegado do interior.

Os bastimentos e munições seguiram a mesma proporção, com grande copia d'aquellas abençoadas vasilhas de vinhos do reino, ao mesmo passo delicia e tormento de Ayres Gil e micer Arnau; tormento porque Antonio de Lima, que pelos modos não entendia a mesa como Balthazar, distribuia os liquidos com uma parcimonia profundamente antipathica aos dois illustres confrades.

Dizendo *os liquidos* refiro-me sómente aos *liqui-*

dos espirituosos. Agua tinham-n'a todos a fartar no Biberibe: os severos preceitos do governador de nenhum modo a economisavam. Tornava-se porém inutil para o arcabuzeiro a illimitada munificencia, tal horror professava ao *cristalino liquor*, segundo então se dizia em poetico phraseado.

Attribuia Ayres esta aversão a um caso da sua infancia, no qual fôra pescado das ondas do Tejo, exactamente como o patriarcha Moysés nas do Nilo. Cumpre accrescentar, em abono da indole do honrado veterano, que não tirava o minimo orgulho d'esta gloriosa similhança com o legislador dos hebreus. Muito pelo contrario: em vez de recordal-a como brazão, fugia cuidadosamente de quanto lh'a podesse lembrar.

Em poucos dias nada faltou no forte, e se não foram estas economias do governador, em seu conceito infinitamente exaggeradas, nem elle, nem micer Arnau quereriam saír d'ali mais.

Theodoro Vanderburgo, o commandante em chefe das forças expedicionarias dos Estados, derramara-se com a nova da baldada investida. Tinha reconhecido o forte, e nunca o julgara sequer susceptivel de oppor estorvo similhante.

Não podia entretanto accusar os seus de frôxidão. As perdas graves que tinham padecido, a morte de uma grande parte dos officiaes, e a do commandante da empreza attestavam que fôra grande o esforço e pertinaz a lucta.

Vanderburgo, illudido até ali com a facil passagem do rio Doce, reflectiu então no que valiam homens, que, em tão diminuto numero, tão cruamente repelliam forças consideraveis dos soldados velhos de Hollanda.

Não conhecia o general bátavo a indole singular do povo portuguez, descauteloso, incredulo do perigo, imprevidente, e por isso tão sujeito a espavorir-se nas crises como a despresar as advertencias; mas depois, dissipado o panico, chegada a occasião, capaz dos mais heroicos sacrificios, e com milagres de heroicidade resgatando as passadas negligencias.

Ficou-a conhecendo, essa indole mal apreciada, e resolveu ir em pessoa contra o obstaculo que tomava o passo á frota, e lhe impedia o estender a invasão.

Começou em continente a fazer poderosos preparativos.

XI

Em que Ayres Gil desencanta mestre Marçal

Postos em fuga os hollandezes e recolhida a força que saíra a perseguil-os, procurou-se por toda a parte o fogueteiro por ordem do governador, que precisava d'elle. Nem vivo nem morto. Suspeitava o maior numero que tivesse cahido da muralha: só Ayres asseverava que não.

Ayres, como dito fica, tivera um dedo meio decepado. Vendo-o micer Arnau a sugar desesperadamente o golpe, observou-lhe:

Que em toda a parte uns parches embebidos em vinho eram remedio efficaz para aquelle genero de feridas.

Esta applicação foi infinitamente do agrado do arcabuzeiro.

Ordenára o governador distribuição dobrada aos homens válidos, logo que os hollandezes se retiraram. A occasião seria opportuna para experimentar o remedio, se duas rações de vinho não fossem para Ayres um gargarejo.

Aproveitando a feliz lembrança de micer Arnau, Ayres requisitou com instancia uma porção especialmente destinada a curar o dedo, ponderando que, para ser proveitoso o especifico, era necessario repetir a miudo a applicação, o que exigia uma quantidade de liquido consideravel.

O governador mandou-lhe dar uma malga cheia.

Como bom camarada, o alemão não o desamparava.

Entrando nos armazens, a fim de encher a sua malga, a mais alentada e bojuda que podera encontrar, ouviu Ayres uns arrancos abafados, que pareciam sair do interior das pipas.

Parou admirado o arcabuzeiro. Não se via ninguem. Almas, não podia ser por inverosimil. Almas em pipas! Saía fóra de todos os estylos e costumes das apparições!

—Ainda se se dissera *espiritos!*—ponderaria um calamburista de hoje!

Só se fôra a alma do duque de Clarence, que morreu afogado n'um tonel de Malvasia, dizem!

Ayres, porém, ignorava esta particularidade biographica.

Como os ais continuassem, aproximou-se.

Quanto mais se aproximava, mais se distinguiam

aquelles gemidos, que pouco depois se converteram em exorações.

—Não me mateis, por quem sois não me mateis, senhores hereges!—dizia a voz gemebunda.—Juro-vos que não estou aqui por minha vontade, juro por minha vida...

—Aposto que é mestre Marçal,— exclamou o arcabuzeiro.—Não dizia eu que havia de apparecer!

E, estendendo o braço livre, extrahiu d'entre as vasilhas o infeliz fogueteiro.

O pobre mestre passara de côr de camurça a uma tintura rôxo-terra. Tremia que nem que estivera em convulsões. A apoplexia degenerara em maleitas.

Mestre Marçal, não podendo acreditar que os hollandezes tivessem feito tanto arruido por tão pouco, pasmou de topar com o arcabuzeiro, e ainda mais de se achar são e escorreito.

Levara-o um bom instincto a acoitar-se n'aquelle inviolavel asylo.

—Vamos, homem, arredae-vos d'ahi, que me estaes infamando essas quartollas—disse Ayres, pregando-lhe um safanão que o estatelou no pavimento em attitude pouco gymnastica.

Manifestando assim ao desencaminhado amigo o alvoroço do encontro, Ayres pegou na malga já cheia, e com a distracção bebeu tudo de um trago.

—O remedio?—ponderou o alemão que tinha seus designios interesseiros.

— Ai! verdade é, o remedio! — acudiu o arcabuzeiro apresentando novamente a malga.

— Não ha ordem para mais — retorquiu o cabo arvorado em fiel.

— Por dentro ou por fóra... vem a dár no mesmo — rematou sentenciosamente Ayres.

Para corroborar esta conclusão desenvolveu uma enfiada de argumentos, com os quaes exuberantemente provou a micer Arnau, que, se o vinho o podia alliviar como applicação exterior, muito melhor o reconfortaria como tizana interna.

O docil condestavel deu-se por convencido.

Limitou-se pois o apparelho do dedo a um pedaço de estopa atada com uma guita resinosa. O arcabuzeiro era pelas preparações simples e pelas operações expeditas.

Mestre Marçal, inutil na acção, não teve mãos a medir nos dias que se seguiram ao mallogrado assalto nocturno. Ia-lhe crescendo o numero dos freguezes, coisa que n'outro tempo o houvera transportado de jubilo, mas que em tal occasião o fazia continuadamente exhalar grozas de suspiros.

Entendia lá de si para si mestre Marçal, que fôra o governador, não só de uma prodigalidade extravagante na noite do ataque, mas ostentava um luxo mais que oriental na fabricação e abundancia dos novos artificios.

Reconhecera elle por experiencia a utilidade das vasilhas, que diariamente íam entrando. Folgava pois

com os reforços d'esta natureza por uma razão absolutamente diversa das razões de Ayres Gil. Não tinha porém n'aquelle precario refugio tamanha confiança, que o fizesse totalmente esquecer do seu progressivo terror.

Com exercer em silencio a critica, não era menos escrupuloso observador o mestre. Verificára que os defensores do forte só no primeiro assalto haviam ficado reduzidos a um terço.

Duas coisas receiava por tanto egualmente—ou ser comprehendido no terço eliminavel—ou que o implacavel governador, homem quanto a elle possuido do demonio, se lembrasse de o substituir aos defunctos.

Reflectia mais o honrado mestre que ninguem podia antever a duração de similhantes lances com um individuo da tempera de Antonio de Lima. Se os hollandezes viessem pôr cerco, segundo se dizia, e o cerço se prolongasse, mestre Marçal, homem como os outros, não poderia ficar eternamente entre duas vasilhas. Saindo d'aquelle experimentado abrigo, a quantas contingencias não ficariam expostos os seus preciosos dias!

Mestre Marçal tinha-se avesado a tudo, aos meirinhos de Lisboa, ao corregedor do crime, á cadeia do Tronco, á esposa que o praguejava de dia e de noite—até á estremosa esposa—só não podia costumar-se á vida que levava no forte. No fundo do coração mestre Marçal alimentava o desejo, muito

pouco patriotico, de que os hollandezes fizessem capitular quanto antes. Eram-lhe indifferentes as condições. Não alimentava descomedidos desejos. Bastava-lhe a vida salva. De quantas soluções lhe entravam nos calculos, esta unicamente lhe alentava esperanças.

Desgraçadamente para elle, Antonio de Lima pensava o contrario.

Decorreram assim oito dias, sem mais novidade no forte do que a successiva entrada dos reforços e municiamentos que se disse. A presença do irmão do capitão mór, pessoa tão principal e auctorisada, e a dos outros individuos da bandeira da nobreza que o acompanhavam, contribuia para estimular o ardor e exaltar os animos dispostos a arrostar novos perigos.

O exemplo dos primeiros defensores incitava os que se lhes haviam ulteriormente aggregado. Anciavam todos vir novamente ás mãos, uns para experimentarem os brios, outros para sustentarem a reputação adquirida.

Assim se estabelecem na guerra as uteis rivalidades, que levam aos grandes commettimentos.

O governador, sabendo bem com o que devia contar, não perdera um momento n'estes oito dias. Empregando tudo quanto na sua posição e com os seus recursos podia applicar, tractou de acrescentar e consolidar as suas pequenas fortificações do modo possivel. Entretinha assim a actividade da guarnição, e, com a accumulação bem entendida dos

obstaculos materiaes, economisava o esforço dos braços para quando já fosse indispensavel.

Ouvia-se muitas vezes ao longe, na campina, o tiroteio dos forrageadores hollandezes com as partidas da milicia. Provava este indicio que não descançava tambem o capitão mór.

Os invasores com effeito não dominavam senão a cidade, e, em quanto a sua armada não podesse forçar o porto, de pouco lhes servia a conquista.

Com estas novas não faltava já quem visse proxima a expulsão e total ruina dos intrusos. São assim as turbas, faceis em passar de vergonhosos terrores a cegas presumpções.

Depois da resistencia do forte, a capitania povoara-se de heroes.

Quem não tem visto d'estes exemplos nos nossos dias? Faça-se hoje o que todos julgavam hontem impossivel. Ámanhã os mais timidos tornar-se-hão confiados, e cada um vos explicará a extrema facilidade da empresa.

Pois os Aristarchos do dia seguinte! Virão esses aos bandos, provando-vos com facil critica a insignificancia do *minimo*, praticamente executado, em comparação do *maximo*, que theoricamente vos desenvolvem.

Tivemos sempre muito d'estes censores e discreteadores tão dicazes como inuteis. É até o que melhor produz aqui, e em mais abundancia cresce. Se elles não fizeram, não fazem, nem hão-de nunca

fazer outra coisa. Estamos que será vicio do torrão. Vem como o joio, vem como o escalracho, vem como todas as coisas parasitas e damninhas, que medram da substancia alheia.

Na lavra estão soterradas as sementes malditas. Tanto que lhes dá uma restea de sol, eil-as a brotar e a pular como quem não tem mais em que cuide. Tudo palha e nada pão, isso é verdade; mas na apparencia um louvar a Deus.

Foi sempre assim, e cada vez hade ser mais, como tudo o que se faz só para os olhos. Salvo se metterem na seara espertos mondadores, que a preceito a limpem do que não dá fructo.

E hãode fazel-o, se não quizerem que se vá em hervas a semeadura.

Ao cabo de oito dias, estavam uma tarde, ao pôr do sol, o governador Vieira e Affonso de Albuquerque nos terraplenos do sul. De repente sentiram-se da banda de Olinda uns tiros de arcabuz.

—Teremos novidade hoje—disse tranquillamente o governador.

—Já me tardava—observou Affonso de Albuquerque.

Pouco depois viu-se um troço de seis ou sete arcabuzeiros do forte retirando apressadamente, acossados por um consideravel pelotão de hollandezes.

Na rectaguarda dos arcabuzeiros, Ayres Gil fazia frente de vez em quando, e não inutilmente.

—Micer Arnau—disse Antonio de Lima para o

condestavel da artilheria, que se achava pouco distante no baluarte — experimentae-me o alcance d'essa colubrina, e varrei-me d'ali aquelles perros.

Dois tiros bastaram para arredar os hollandezes. Um d'elles caiu ferido de um estilhaço de pedra. Antes que déssem por tal os camaradas, apoderou-se d'elle o arcabuzeiro.

D'ahi a pouco Ayres estava na presença do governador.

— Então, homem, — perguntou Antonio de Lima — sairam-se finalmente a campo?

— Sairam — tornou o arcabuzeiro — e bem acompanhados.

— Tomaste lingua?

— E de perto.

— Vi. Que gente é?

— Quatro mil homens, diz o prisioneiro, e dos melhores da expedição.

— Só?

— E trem de sitio.

— Ah!

— Com um bom numero de gastadores.

— Quem os commanda?

— O seu capitão-mór em pessoa... um demonio que tem um nome atravessado... como todos estes hereges.

— Já sei. E onde estão?

— A mais de meio caminho da cidade para cá, obra de um quarto de legua.

— Avistastel-os?

— Tão bem que me mandaram cumprimentar á pressa.

— Assentaram arraiaes?

— Estavam n'isso.

— Bem.

Ayres fez meia volta, e foi vêr se, por intervenção do mestre Marçal, teriam curso no Recife uns marcos de prata, que encontrára casualmente no bolso do hollandez aprisionado.

O governador, ficando só com Affonso de Albuquerque e o moço commandante dos voluntarios, voltou-se para os dois, e com serena gravidade, não exempta de orgulho, disse-lhes:

— Fazem-nos a honra de nos pôr assedio!

Tinha rasão na ufania.

Tamanho desenvolvimento de forças, tão consideraveis apercebimentos, tão longos preparos, e o facto de empenhar-se na contenda um chefe como Vanderburgo, era caso para ensoberbecer o mais modesto.

Cerrada que foi a noite, viram-se ao longe, enfileiradas pela restinga as fogueiras do campo hollandez.

Estava effectivamente posto o assedio.

No dia seguinte começaram os trabalhos dos aproxes, segundo a natureza do terreno e disposição local do forte. Era a bem dizer um cerco em regra.

Um cerco para tal forte como o de S. Jorge! Grande honra, bem o dizia o governador!

XII

Allegoria

A artilheria do forte jogava com frequencia. Os sitiadores todavia tinham começado a trincheira.

Estamos noite fechada. A raiz da muralha ardem os enormes fogaréos, que Antonio de Lima fizera lançar dos parapeitos para allumiar os trabalhos dos inimigos.

Estes trabalhos são praticados no escuro, com o fim evidente de evitar maior damno da artilheria do forte. Os fogaréos, emquanto duram, illuminam a alguma distancia o terreno. Sobresaem portanto as linhas, em que se vêem enfileirados os cestões e fachinas. Ao mesmo passo conserva-se na obscuridade o alto das muralhas. Os defensores sem servirem de alvo aos atiradores inimigos, pódem assim

dirigir melhor as pontarias, e estorvar os progressos dos obreiros.

Vieira e Affonso d'Albuquerque examinam curiosamente a estreita peninsula. É de um effeito phantastico a vacillação das sombras na areia afogueada pelos clarões da chama afumada.

Ayres Gil, um pouco afastado, com os cotovellos fincados no parapeito e a barba sumida entre as mãos, contempla aquelle expectaculo com a indolencia philosophica de um homem para quem é trivial tudo o que está vendo, e o mais que adivinha. Atraz do arcabuzeiro, mestre Marçal, deprimido, agachado, encolhido, pequenino, a ponto de ficar absolutamente eclipsado pelo vulto roliço de seu amigo, espera com forçada paciencia, que este se resolva a dar-lhe attenção.

Ouvem-se ao longe, quando ha intervallo de silencio, uns eccos soturnos. São os trabalhadores adiantando as galerias. Aquellas linhas tortuosas, que avançam lentas, mas inflexiveis, contra o forte, são os preliminares terriveis da acção destruidora.

Obra de duzentos gastadores abrem caminho seguro a um exercito. A sciencia em auxilio da força dispõe com certeza implacavel os elementos do resultado.

Não póde mestre Marçal perceber porque razão, disparando de vez em quando, troveja sómente a artilheria do forte, quando é voz geral que os hollandezes vem bem providos de bombardas grossas,

de pedreiros de bater, de quartãos para defeza dos alojamentos, fallando-se até em dois basiliscos antigos de bala de oitenta libras, que são os enlevos de Antonio de Lima. Como porém effectivamente não respondem ás provocações, aproveitando-se d'esta magnanima abstenção quer o mestre tirar-se de duvidas, e para isso aguarda occasião opportuna de interrogar o amigo.

Pela primeira vez tambem assiste Vieira ás operações de um assedio, e por motivos oppostos faz reflexões analogas ás de mestre Marçal. O que no fogueteiro é curiosidade de precaução, é no mancebo estranheza da natural impetuosidade.

O commandante dos voluntarios não poude ter-se que não perguntasse ao capitão da bandeira da nobreza:

—Dir-me-heis, senhor capitão, porque os hollandezes conservam mudos os seus canhões, emquanto os nossos lhes estão por vezes causando tamanho damno?

—É um damno de homens, que lhes não dá cuidado,—respondeu Affonso de Albuquerque.—Sobram-lhes muitos. Estes mercadores de Hollanda são acautelados. Que lhes aproveitára atirar de longe e a descoberto?

—Para que lhes serve então esse trem, de que hontem com tanta arrogancia andaram fazendo alardo?

—Para que? Esperae, e desenganar-vos-heis.

—Esperar! E que mais hemos de esperar agora?

—O que certamente vereis. Na guerra, amigo, fazei como S. Thomé: vêr para crêr.

—Fio-vos que não se me dará de vêr.

—Ninguem vol-o duvida.

—Quizera porém instruir-me, já que por emquanto nos não dão muito que fazer.

—Esperae tambem, e sobrar-vos-ha.

—Isso, para o crêr, não é preciso vel-o.

—Em que vos desejaes pois instruir, senhor Vieira?

—No muito que ainda ignoro por inexperiente.

—Dir-vos-hei que me tenho andado por uma escóla, onde ao menos se aprende depressa.

—Não a sei eu melhor do que a do nosso capitão-mór. E haveis fama de ser digno discipulo de tal mestre.

—Quereis provar-me, senhor Vieira, que tão estremado sois em cortezia como em feitos de guerra? Dizei o que desejaes aprender. Se a vossa instrucção depender de mim, não vos desgostarei por mingoa d'ella no que souber. E não m'o agradeçaes. Cumpro n'isto as ordens de meu senhor irmão, que muito particularmente vos recommendou aos meus cuidados.

—A s. s.ª, e a vós, senhor Albuquerque, beijo as mãos por tal mercê. E acceito. Para começar, peço que me ponhaes a limpo o motivo que tem tido os hollandezes para andarem todo o dia cavando a areia, enterrando-se pelo chão, lidando ora n'uma

direcção, ora n'outra, em vez de virem direitos a nós, como eu esperava. Pois não é perderem tempo? Para que trazem elles todo esse poder de gente e bombardas?

— Prazem-vos as parabolas?

— Conforme.

— As parabolas explicativas, bem entendido?

— Basta serem explicativas para me prazerem. Sempre ouvi dizer que o exemplo...

— É o modo melhor de esclarecimento. Ora pois, tomae bem conta no que vos digo.

— Isso não precisaes recommendar-m'o.

— Heis já olhado com attenção para um formigueiro?

— Dizeis?

— Pergunto se já tendes observado um formigueiro? Não faltam elles ahi.

— Confesso, com todo o respeito que vos devo, que não atino... O que pode ter um formigueiro com...

— Com os hollandezes? Atinareis já. Dizei: tendes observado?

— A fallar a verdade nunca puz n'isso maior attenção.

— Fazeis mal, senhor Vieira, fazeis mal. Muito se aprende no estudo dos animaes.

— Mesmo das formigas?

— Principalmente das formigas. Sabereis pois... Reparae agora.

—Sabereis pois que as formigas trazem tambem suas guerras e contendas.

—Já o tinha ouvido.

—Exactamente como os homens. Um mal é a guerra, mas não um mal privativo da especie humana.

De si para si julgou Vieira excessivo o rigor critico do capitão da nobreza. Se geralmente era um mal a guerra, podia em certos casos ser um bem. Por exemplo: se o fizesse alcançar a mão da linda menina de Berenguer.

Affonso d'Albuquerque proseguiu:

—Como vos ia dizendo, as formigas, que são animaes mui bellicosos, apezar de pequenos, trazem frequentemente discordias, e chegam ás vezes a dar batalhas.

—Batalhas até! Sabe-se a causa?

—As causas. As mesmas tambem que armam os homens. Um bando tem mais, outro menos; estreitezas de umas, cubiças de outras. Succede que um formigueiro esfaimado sabe pelos seus exploradores...

—Têem exploradores as formigas?

—E sobre modo diligentes e perspicazes. Sabe pelos exploradores que ha nas visinhanças um formigueiro munido de bons celleiros, e farto de provisões para mantimento da tribu que o habita. Estes celleiros... Já de certo os tereis visto quando se levanta um chão novo para abrir os motombos da mandioca.

—Assim é.

—Estes são os cubiçados... Parece-vos curioso?

—Curioso! Curiosissimo.

—Sabeis o que fazem então as formigas esfaimadas, querendo utilisar para si os bastimentos das formigas que vivem na abundancia?

—Apoderam-se do formigueiro abastado.

—Agora vereis de que maneira. Como estes insectos são de seu natural industriosos e sagazes, aproveitam a hora em que os inimigos repousam, e levantam um conducto de terra, de tal arte construido que por elle de momento para momento se lhes aproximam.

—Sem perigo?

—Com o menor perigo possivel.

—E as de dentro não se defendem?

—Defendem. Fazem até sortidas, em que se peleja encarniçadamente de parte a parte, umas para resguardarem as riquezas do peculio, outras para se apossarem da presa disputada. Nas tayocas do matto é isto vulgar, e admira que, sendo tão caçador e tão costumado a correr e pousar por maninhos, não tenhaes dado ainda por taes brigas.

—Por minha fé que d'aqui em diante nunca mais deixarei de olhar e observar.

Começava o mancebo a comprehender, e com effeito achava, não só bom sabor de curiosidade, mas grande cópia de instrucção na parabola, ou, antes, no capitulo de historia natural do capitão.

— O conducto — ponderou Vieira — vem a servir para acautelar os insectos que avançam, não?

— Justamente. Ora, como os que se defendem não pódem pelejar sempre, os que atacam, sendo ordinariamente mais numerosos, nos intervallos adiantam o seu tubo, ou galeria, d'onde pódem facilmente rechaçar os que pretendam estorvar-lhes o trabalho. Percébeis?

— Vou percebendo.

— Não era para um moço de agudo engenho, como sois, deixar de entender tão claras praticas. D'esta fórma, vão pouco a pouco os sitiantes estreitando os sitiados, até que, chegando-lhes ás defesas, lh'as desmancham e arruinam, entrando-as com muito mais facilidade.

— N'esse caso estamos nós como as formigas que defendem os celleiros?

— Pouco mais ou menos.

— E os hollandezes ir-nos-hão estreitando até nos poderem atacar a salvo?

— A salvo não digo.

— Isto é, com menos risco e mais certeza?

— Isso sim. Com certeza inteira.

— Occorre-me agora uma duvida. As formigas, que eu saiba, não teem armas de arremesso.

— Não tem; reflectis bem. Que inferis d'ahi?

— Figura-se-me que esta circumstancia diminue um pouco a força da parabola e ha-de alterar a conclusão d'ella.

—Nem por isso.

—Por que?

—Ha uma pequena differença, mas o resultado é o mesmo.

— O mesmo?

—Ordinariamente. Tendes curiosidade de saber por que fórma?

—Pois não vos peço que vos digneis de completar a minha instrucção!

—Eu vos digo a differença. Havendo nas batalhas de homens... entre nós e os hollandezes por exemplo...

—Não o ha mais a proposito.

—Havendo nos nossos combates essas armas que chegam longe, taes como a artilheria...

—Justamente, a artilheria.

—A differença é só que os hollandezes, em vez de alongarem o seu tubo até á entrada do formigueiro... até á cortina do forte, quero dizer... param por ahi a distancia de meio tiro de canhão, e chegando a esse ponto, no nosso caso direi sempre, uma noite lhes basta para levantarem as suas baterias e plantarem os seus pedreiros e mais peças de bater.

—De sorte que....

—De sorte que, em pouco tempo, como estes tiros de perto são certeiros e destruidores, as muralhas que nos cobrem desabam em escombros, e convertem-se em rampa, ou talude, por onde elles po-

dem marchar ao assalto, como quem sobe uma encosta. Nas praças de maior força, com obras regulares e fortificações exteriores, é o caso mais complicado. São necessarias circumvalações extensas, parallelas, caminhos cobertos, e praças d'armas. Preparam-se mantas, levantam-se tranqueiras, escavam se minas, arredondam-se meias luas, aparelham-se bastiões e fortins. Uzam-se de parte a parte muitas invenções e engenhos. Dispoem-se e armam-se baterias de varia feição e traça; já enterradas, já cruzadas; estas de enfiar, aquellas de revez; umas á escarpa, outras á barba. Tanto que se vão chegando e aproximando, abrem-se-lhes fossos, e correm-se-lhes parapeitos, conforme á sua qualidade. Fazem-se emfim trabalhos solidos e não bastam só gabionadas, como essas que estão empregando ahi os hollandezes, mais expeditas é verdade, mas pouco seguras. A final porém tudo vem a dar no mesmo. É uma propórção e um calculo. Dia mais, dia menos, tanto vale... Que vos parece a minha parábola?

—Que é como as da escriptura. Sem embargo... estão-me ainda remordendo uns pequenos escrupulos, que por seguro tenho a vossa bondade desculpará!

—Dizei: para saber bem, é necessario saber tudo.

—E com quem tão cabalmente sabe ensinar, gosto é aprender.

—Dizei, dizei.

—Não poderiam os hollandezes varejar-nos assim

mesmo de longe... quando mais não fosse, para favorecer os seus trabalhadores incommodando-nos?

—Dizeis bem, e n'um assedio mais formal não o dispensariam. Collocam-se para isso baterias na circumvallação; mas sempre levam tempo e é preciso haver no terreno elevações que favoreçam esta disposição. Estão apressados os homens, e vão só ao essencial. O plaino e a areia do isthmo não são muito para taes trabalhos, nem o forte pede tantas precauções. O que elles querem é vêr as muralhas em baixo e os homens descobertos. Deixae-os chegar ao ponto desejado, e notareis como esses canhões, cujo silencio vos dá que pensar, fallam alto e claro.

—Que fallem: responde-se-lhes.

—Responde; mas elles bradam por muitas boccas e pódem muito bem calar-nos. Quem mais grita mais razão tem, não sabeis? Chama-se a isto abrir brecha. Para ahi se guardam os nossos hereges de Hollanda.

—Dessa forma estaremos a descoberto em pouco tempo.

—É possivel.

—Ámanhã?

—Ámanhã ou depois. Não se pode dizer bem; mas não tardará.

—E para abrir brecha bastam...?

—Horas, ás vezes. Segundo a força das muralhas e o numero e qualidade dos tiros.

—Penso que não teremos então que esperar muito.

—Pensae, pensae: é prudente.

—Outra observação.

—Ouvirei.

—E porque não seguem os hollandezes uma linha recta? Seria mais breve do que virem ás voltas e rodeios... se é que me não engana a distancia.

—Não vos enganaes certamente. A razão é naturalissima: em linha recta, bastaria apontar-lhes um canhão bem á bocca da galeria para lhes varrer quanto lá estivesse... A isto se chama enfiar. Assim de lado... de revez dizemos nós... em vez de atirar aos homens, temos de atirar á trincheira, e a gente lá anda e communica por dentro com menor perigo.

—Ah!

—Nada ha tão trivial.

—Quanto mais viver mais aprender, senhor capitão. E não se lograria de algum modo impedir esses malditos conductos?

—Faz-se o que se pode, como vêdes. Nem por isso deixam de continuar. São teimosos estes homens do Norte. De vez em quando lá se lhes desfaz um lanço de obra, e sempre atraza. É o mais que podemos conseguir... Agora por exemplo... Olhae!

XII

Em que mestre Marçal satisfaz as suas curiosidades, e Vieira continua a sua instrucção.

Antonio de Lima estimulava micer Arnau e ordenava as pontarias. Duas balas successivas, recochetando no isthmo e levantando nuvens de areia, tinham profundamente cavado a trincheira. A terceira derribou um bom pedaço da galeria, sepultando muitos dos obreiros. Estes effeitos apontava Affonso d'Albuqnerque ao mancebo.

Ayres Gil observava-os tambem. Ao ver o reboliço que ia entre os hollandezes, voltou-se esfregando as mãos, e exclamou com ares de satisfação profunda:

—Bom! Uma hora de trabalho mais, e um par de hollandezes menos!

Sabia mestre Marçal que os antigos tinham pin-

tado calva a occasião, e com uma só madeixa no toutiço: lançou-se avidamente á madeixa da occasião.

—Senhor Ayres — disse — não me explicareis vós por que razão vos mostraes tão contente?

—Porque?

—Não se me dava de saber.

—Vinde cá.

—Eu!

Mestre Marçal recuou aterrado.

—Vinde, — continuou Ayres, travando-lhe do braço, e approximando-o do parapeito, apesar das suas desesperadas resistencias.

—Jesus! Santo nome de Jesus! — soluçou a tremer o fogueteiro, passado só com a idéa de deitar a cabeça fóra da muralha.

—E se os hereges atiram?

Ayres Gil encolheu os hombros.

—Olhae, mestre—insistiu.

—Para que?

—Provavelmente para vêr. Não ha perigo, homem... se é que sois um homem, o que eu duvido.

Mestre Marçal, sem se indignar com os desdens vilipendiosos do arcabuzeiro, estendeu cautelosamente o pescoço por cima do hombro de Ayres.

—Que observaes?—interrogou este.

—Nada.

—Nada! Reparae bem.

—Oh!.. esperae... Vejo lá em baixo, lá ao longe, uns vultos... bastantes por signal...

—Tendes bons olhos, mestre Estouro.

—Assim como se fôra mó de gente a rolar barris...

—Cestões.

—Credo!—bradou n'isto o fogueteiro mergulhando atrás do seu amigo.

Tinha batido outra bala na face da trincheira que os hollandezes procuravam consolidar. Material e gente padecêra novo estrago. O coração sensivel do mestre não era para taes espectaculos.

—Credo! Virgem Maria Santissima—repetiu elle persignando-se horrorisado.

—É isso mesmo,—tornou fleugmaticamente o arcabuzeiro.

—Isso mesmo, o que?—interrogou mestre Marçal sem o entender.

—Não n'os vedes a bracejar e a revolverem-se como endomoninhados que são? Agrada-lhes pouco a festa, pelos modos... Isso é o que desejaveis saber provavelmente.

—Retiram?—acudiu o credulo mestre, acolhendo uma subida esperança.

Ayres fitou-o attonito.

—Retira! quem?

—Os hereges.

—Retiram! Pelo contrario, avançam.

—Ai!

Mestre Marçal sentou-se desfallecido na banqueta.

—Descançae—proseguiu Ayres.—Teremos um

ou dois dias. Essa gente não arremete contra cortinas e bastiões, como mestre Marçal se acolhe ás pipas... ou um láparo á toca. Hemos-de-lhes dar ainda que fazer.

Muito mais do que todos os epigrammas desagradou ao mestre aquella expressão collectiva.

Desmaiara-se de todo o honrado fogueteiro com a palavra « avançar », interpretando-a á letra. Socegou algum tanto sabendo que o risco maior não vinha immediato.

São assim os pusillanimes, se não é que em todos o bem proximo faz esquecer o mal remoto.

—Asseguraes-me então que não ha perigo... por ora?

—Não ha, não, mestre,—retorquiu Ayres. E agradecei a Deus quando o houver.

—Porque?—perguntou mestre Marçal espantado, não vendo em tal successo nenhum motivo para acções de graças.

—Porque! Porque estareis em companhia de gente honrada e de esforço... o que, entre nós, mestre, nem por isso merecieis muito. Todos hemos de morrer; e a melhor morte para um homem é cair de cara para o inimigo, principalmente quando os inimigos são uns scismaticos e hereges, como esses de Hollanda. Assim acaba em serviço de Deus e da sua terra. Verdade é, mestre Estouro, que não sois homem senão na figura... e ainda essa!...

Mestre Marçal, como dito fica, não se offendia

excessivamente com os sarcasmos do arcabuzeiro. Em compensação as suas maximas philosophicas eram-lhe soberanamente antipathicas.

— Pague-vos Deus! Quero antes viver só do que morrer acompanhado, — resmungou o mestre, abaixando cautelosamente a voz, e dando as costas como enfadado.

Não tinha elle ido ali unicamente para se distrahir em colloquios. Sabia já quanto lhe importava saber. Podia ainda dormir uma noite descançado. Não queria averiguar mais.

Continuava entretanto a conversação entre Vieira e Affonso d'Albuquerque.

— Com effeito — dizia o primeiro — agora entendo para que são todas estas delongas e trabalhos. Quereis que vos diga uma coisa, senhor capitão?

— Folgarei de ouvir-vos.

— É uma grande arte, a arte da guerra, não o negarei eu: confesso-vos porém que me ferve o sangue quando vejo com estes artificios zombar friamente do esforço maior e do maior coração! Parapeitos! e aproches! e trincheiras! Porque se não ha de a contenda decidir braço a braço e rosto a rosto? Que bastiões e que machinas valem um peito valoroso e uma boa causa? Acobertar-se da morte quem póde ir desafial-a de olhos fitos e cabeça levantada! Ah! senhor Affonso d'Albuquerque, essas artes....

— Não digaes mal dellas: se servem para o ataque, servem tambem para a defeza.

—Não affirmaes que os hollandezes nos hão de entrar?

—É quasi certo... salvo sómente um caso.

—Que caso?

—O caso em que Deus nos mande um esquadrão de anjos a pelejar por nós, como já tem succedido, ou ponha tal medo a esses hereges, que elles dêem a fugir sem mais tir-te nem guar-te. Seria na verdade providencia, e um christão nunca d'ella duvida. Direi todavia que me parece pouco provavel.

—Não me déstes tambem a entender que se podia calcular dia a dia a resistencia da guarnição mais valente?

—Dia por dia e hora por hora.

—Isso é. D'esse modo espreita um inimigo sem piedade a agonia e as convulsões desesperadas de uma pobre cidade, ou fortaleza, lentamente suffocada entre os braços disso a que chamaes arte. É quasi como o verdugo a contar os suspiros da victima.

—Nem tanto assim. A victima ás vezes decepa os braços ao verdugo. Ha combate e ha lucta. Hoje por vós, amanhã por nós... Como inexperiente e mancebo fallaes, senhor Vieira. O entendimento multiplica a força. Pois não é em tudo assim? Olhae para vós mesmo. Ousado e vigoroso sois. E só na força do braço e na justiça da causa vos confiaes? Não: exercitaes-vos nas armas e medis os golpes. Sentis uma coisa grande que de dentro vos incita

e vos inspira. Isso faz os heroes e os capitães; e isso é mais do que valor. Justiça, cada qual a julga ter, ou a pinta a seu modo...

— Justiça, como deve ser, é só uma.

— Para Deus. Para os homens é como a fazem. Por isso ha guerras... e estas artes. A sciencia dos cabos é a alma dos exercitos. Tendes tambem outro exemplo em Antonio de Lima. — Haverá mais esforçado homem, e mais amante da sua terra?

— Não ha, de certo.

— Engeita elle comtudo os artificios que podem resguardar os seus e offender os contrarios? Expor vidas... ou a vida... quando se pode dispensar, é louca temeridade; é um crime contra a patria, por ser inutil sacrificio, que depois vem a fazer falta na occasião opportuna... Não me interrompaes... Sei já que o fizestes, e fizestes mal. São verduras de mancebo, de que nos annos maduros vos heis-de arrepender. Admiram-vos: está satisfeito o orgulho. Descei porém ao coração. Que vos diz a consciencia?

Ficou profundamente pensativo o mancebo. As reflexões de homem luctavam com os impetos do sangue e as ardencias da mocidade.

Em quanto elle calava e reflectia inclinado, comtemplava-o Affonso de Albuquerque affectuosamente, estudando-lhe na intelligente physionomia o effeito da advertencia.

Passados instantes, Vieira alçou o rosto, e proseguiu:

— A proposito,

— O que?

— Uma lembrança.

— Uma lembrança vossa! Dizei.

— Pois que os hollandezes poem tanto empenho em adiantar os seus trabalhos, o nosso hade ser... deve sêr estorvar-lh'os.

— Já vos disse que sim; e, se não me engano, expliquei-vos...

— Perdoae, senhor capitão. Bem sei que me não cabe dar conselhos onde estão pessoas de tanta auctoridade e experiencia. Se digo o meu parecer... com licença vossa... é para melhor me instruir.

— Podeis fallar.

— Digo eu que, além da artilheria e dos outros artificios, ha, supponho, alguns modos, não só de impedir o que se está fazendo, senão de desfazer o que está feito.

— Dizeis bem: ha.

— Uma boa sortida, por exemplo. Creio ter-vos da parabola percebido que as formigas sitiadas muitas vezes as faziam.

— Muitas vezes. É um modo, com effeito; talvez até o modo mais efficaz. D'isso porém, concordareis, nem vós nem eu somos juizes.

— Assim é.

— E não seria demasiado arrojo, com tão di-

minuta guarnição, ir affrontar todo esse poder?

— Que nem todo está sobre as trincheiras. Elles não podem vigiar juntos, nem esperar sempre. Menos eramos nós aqui no primeiro ataque, e todavia...

— E todavia fostes o primeiro que saistes, sem pensar no numero. Mas então o inimigo ia rôto. E ainda assim, tão longe fostes, que só fizestes esquecer a grandeza da imprudencia com a grandeza maior do vosso animo.

— Não digo isso!

— Dizem todos. A vossa lembrança não é para desprezar.

— Nem ha de ser desprezada! — interrompeu Antonio de Lima, que se approximara sem que o presentissem os dois, entretidos na palestra.

XIV

A sortida

Acompanhava o governador um dos voluntarios, que havia uma hora o seguia como sombra.

Vieira, com o enleio de ter sido escutado por tal homem, balbuciou uma desculpa.

— Observando se aprende; perguntando se sabe — disse Antonio de Lima. — É boa a vossa lembrança, senhor Vieira: mas estava prevenida. Escutae.

Fitou o governador os olhos no rio. Ouvia-se daquella banda um sussurro prolongado, que não era nem o correr d'agua, nem o ramalhar das arvores, e tão tenue, tão tenue, que ninguem lhe dera maior attenção.

De repente cortou os ares um grito doloroso e

penetrante: soava da margem opposta, e repetiu-se por tres vezes a espaços irregulares.

— Ouvis? — perguntou Antonio de Lima aos dois.

— É o pio do kamichi — acudiu Vieira, sorrindo como familiar com todas as vozes da floresta.— Nenhuma ave se ouve tão bem e tanto a miude pela calada da noite.

Antonio de Lima sorriu tambem.

— Respondei — ordenou ao voluntario.

O voluntario reproduziu o grito, modulado tão exactamente, e com tal perfeição imitado, que assombrou o proprio Vieira, apesar da sua pratica n'estes estratagemas.

No mesmo ponto, o governador, voltando-se para o irmão do capitão mór, disse-lhe naquella voz resoluta e imperiosa, que lhe era costume em occasiões decisivas.

— Senhor Affonso d'Albuquerque, tomae a companhia da vossa bandeira. Mais trinta homens vos esperam promptos na praça de armas. Tudo está disposto e apercebido. Saí em silencio, avançae prestes, e dae rijo sobre os hollandezes. De nada mais cuidareis. Golpeae, acossae, destrui, talae. Que fique inutil quanto estiver feito. Segundo o que for occorrendo, vos mandarei novas ordens. Ámanhã será talvez um dia de gloria!

— E eu, senhor governador? — disse Vieira scintillando-lhe os olhos.

— O vosso logar é na bandeira do senhor Affonso de Albuquerque.

Era insigne o favor, era quasi uma nobilitação. Vieira estremeceu de enthusiasmo e orgulho com a idéa de se approximar assim a D. Maria Cezar.

Tinham sido os fogareos successivamente apagados por ordem do governador. A mesma artilheria afrouxou, como se o cançasso houvera rendido as forças á guarnição, e esta quizera restaurar as forças descançando.

Minutos depois, cincoenta homens escolhidos, com Affonso de Albuquerque e Vieira á frente, galgavam calados o espaço tenebroso, investindo aos aproxes.

Em quanto os do forte marchavam com impeto contra as companhias dos gastadores hollandezes, troou, além do rio, um brado immenso e temeroso, que mal se tomara por humano.

— Temos novidade grande — communicou Vieira em voz baixa ao capitão da nobreza, apressando ambos o passo.

— Parece que temos — respondeu este do mesmo modo.

— Conhecestes?

— Conheci.

— É o grito de guerra das taboyares, não?

— É. E direi mais, é o Potyguarassu em pessoa.

— O grande chefe das serras da Ibiapaba?

— O mesmo.

— Quem o havia de esperar nas margens do Biberibe!

— E os missionarios?

— Dizeis bem: os missionarios nol-os trouxeram. E não é soccorro para desprezar, sabeis?

— Se sei. Em os hollandezes vendo aquellas figuras horrendas!...

— A estranheza das figuras é o menos. E a agilidade com que salteam o inimigo! E a destreza com que meneam as suas terriveis armas!

— Lembraes-vos do que Antonio de Lima nos disse? «Amanhã será talvez um dia de gloria!»

— Lembro, e cuido que já o entendo. Anda aqui a mão do sr. capitão mór.

— Estou que vos não enganaes. Vamos a ver. Calemos agora. Hemos de estar perto.

Um tiro de arcabuz interrompeu o dialogo. As avançadas hollandezas davam signal de ataque por este lado. Mais ao longe andavam já em rumor os seus arraiaes.

O troço de sortida caiu como um vendaval sobre os trabalhos dos sitiadores. Levavam todos os do forte uma cruz branca no peito para se distinguirem e mutuamente se não offenderem na obscuridade. N'um relance foram as primeiras obras entradas e destruidas.

Vieira saltou os aproxes, primeiro que ninguem, como se quizera demonstrar ao capitão da nobreza, não só como era digno de figurar na sua bandeira,

senão como era capaz de confirmar na pratica as theorias que pouco antes desenvolvera.

Tinham sido os hollandezes tão de subito colhidos, que nem tempo tiveram para fazer uso de dois sacres, que estavam assestados nas obras para repellir quaesquer agressões desta ordem.

— Temos reforço de artilheria para o forte — clamou Vieira vendo-os.

E com admiravel accordo e desembaraço fez rapidamente transportar para o sopé das muralhas as duas pequenas peças, tomadas logo no principio da refrega.

Ajudava o feito o tumulto que ia entre os hollandezes. Não era este sem causa. O grito dos gentios taboyares chamara a attenção para o lado do rio. Seguiu-se logo o impetuoso ataque dos homens da sortida.

No mesmo ponto ouviu-se o baque de muitos corpos que se arremessavam á agua. Não sabiam os sitiadores por que ponto eram deveras ameaçados. As guardas das trincheiras, distrahidas, suspeitosas, hesitando entre a frente e o flanco onde mal haviam supposto risco, desordenaram-se facilitando a acção aos do forte.

Mathias de Albuquerque tinha imaginado e executava um rasgo de grande atrevimento. O pio, que se ouvira no forte, era, como já se terá entendido, um signal previamente concertado entre o capitão mór e o governador.

Conhecia bem o primeiro a posição dos hollandezes. Fundamentando neste conhecimento o seu plano, reunira rapidamente as companhias da milicia, alguns poucos soldados veteranos, que lhe haviam ficado no Recife, e aggregando-lhes a tribu guerreira dos gentios taboyares, chamada em auxilio da capitania, lograra fazer um corpo de 700 homens, pouco mais ou menos. Com elles traçara assaltar de improviso os arraiaes de Vanderburgo, dispersar as suas forças, recobrar Olinda, e inutilisar assim todas as vantagens dos invasores.

Audaz em extremo era o projecto, e ao mesmo passo prudentemente combinado. Tão profundo fôra o segredo das suas operações, que os hollandezes, ainda pouco praticos do paiz, não se temiam nem se acautelavam senão do forte. Atacados simultaneamente de frente, de flanco e pela retaguarda, de pouco lhes serviria o numero, no estreito logar em que seriam forçados a concentrar-se.

Uma circumstancia favorecia especialmente a empreza. O Biberibe, apesar do seu vulto, era em algumas epocas e em certos pontos vadeavel na baixa mar. Onde mais se espraiava, mais facil transito offerecia aos conhecedores dos vaus, aproveitando bem a opportunidade. Isto ignoravam os hollandezes, que se julgavam guardados pelo rio, muito mais não havendo no Recife meios de transporte capazes de os inquietar. N'isto punha tambem o capitão mór a sua maior confiança.

Medindo tudo, ordenara elle a cada um o seu posto. Na noite antecedente alguns taboyares, com a subtileza de selvagens, haviam explorado os vaus. Estavam fixadas as horas para a marcha das diversas columnas, determinada a posição de todas, e advertida a respectiva obrigação. Quanto a humana prudencia podia prever, fôra previsto.

O resultado da tentativa dependia, como é obvio, da celeridade e vigor da execução, do perfeito accordo das combinações, da exactidão e pontualidade no desempenho.

A multiplicidade e simultaneidade dos ataques poria certamente em alvoroço o campo hollandez. Vindo o accommettimento principal da parte menos guarnecida e vigiada, maior seria necessariamente a turbação augmentada com as trevas, e mais facil a derrota dando a impetuosidade e arrojo assignalada primazia sobre o numero, a regularidade e a disciplina.

Seria incontestavelmente um dia de gloria o dia immediato, e não era temeridade esperal-o.

Comprehendêra o capitão-mór que nas suas circumstancias, com os elementos que tinha, e com tanta desegualdade de forças, esta era a guerra que podia iniciar com esperanças de exito. Para operações regulares faltavam-lhe tropas amestradas. Em subitas emprezas aproveitava tudo, a ignorancia local do inimigo, o conhecimento que tinha do territorio, o valor pessoal da sua gente e as espe-

ciaes aptidões della. Servia-se ao mesmo tempo dos auxiliares gentios, quasi inuteis n'uma campanha tactica e formal, mas admiraveis para as emboscadas do matto, como convinha á natureza do paiz e á occasião.

Em toda a parte, e em todos os tempos, os generaes experimentados e prudentes procedem de egual modo na defensiva, contra um invasor novato, bem que mais numeroso. A superioridade d'este é muitas vezes neutralisada e destruida pela pratica do terreno, e immediato emprego de poderosos instrumentos de acção, ignotos ao inimigo. Para que taes instrumentos sejam efficazes cumpre utilisal-os, antes que esse inimigo os conheça e os estude, antes que os aniquille ou em seu serviço os organise se é habil.

Sabia o capitão mór bem a fundo estas maximas, e por isso se apressara em dispor emprehendimento tão decisivo, certo de ganhar com a presteza meia victoria; não menos certo de que seria depois mais difficil, principalmente tendo por competidor um capitão como Vanderburgo, que tambem por sua parte não esperdiçava expedientes.

Tendo livre pelo Recife as communicações com o forte, Mathias de Albuquerque passára, como se viu, particulares avisos, e ordens minuciosas a Antonio de Lima. Já tambem se sabe que homem era este para as cumprir, e para entender em quanto lhe fosse incumbido.

Antonio de Lima preparou em segredo tudo o que á sua parte cabia; e com tal arte e precaução o fez, que, não só os hollandezes não presentiram o menor indicio, mas até os do forte de nada souberam senão no proprio momento.

Era o systema ordinario do governador. Por isso já ninguem se admirava, nem lhe fazia perguntas indiscretas.

Desde o anoitecer se não tirara elle do baluarte que dava para o rio, e por mais de uma vez mostrara signaes de impaciencia como se lhe tardasse uma coisa esperada. Só fora elle interromper a conversação de Vieira e Affonso d'Albuquerque depois de verificar bem o que d'aquella banda se passava, circumstancias que todas denotavam a prosecução obstinada n'uma idéa fixa. Como porém não havia quem tivesse a confiança de lhe inquirir ou commentar as ideas, o caso não parecera singular, e se houve observações ficaram ineditas.

Cumpre agora dizer como estas impaciencias do governador não tinham sido sem causa.

Estava ajustada a hora em que tudo havia de achar-se prestes para a sortida. Áquella hora havia de ouvir-se o combinado signal, de que tambem temos já conhecimento.

Essa hora passou, passou sobre ella outra, e o signal sem se sentir!

Se o governador estaria, ou não em cuidados! Havia demora, e sabia a importancia d'ella. De

que procederia? Ter-se-hia transtornado o plano? Mudaria o capitão-mór de intenção?

Nada d'isto. Retardara a marcha um pequeno incidente, pequeno e insignificante, d'aquelles que são vulgares na vida, mas nas guerras muita vez desastrosos.

Uma companhia de milicia, chegada de mais longe e menos conhecedora do terreno, por impericia do guia, ou por ser grande o escuro, perdera-se do trilho indicado. A poucos passos estava embrenhada no mato.

Dando o guia pelo engano, procurou orientar-se, dobrando o passo para restaurar o tempo perdido. Seguia-o a companhia impaciente.

Aconteceu porém o que sempre acontece, quando as instancias do tempo tiram o accordo e reflexão. Quanto mais procuravam acertar a direcção perdida, mais se transviavam no denso labyrintho do arvoredo, onde era morosa e difficil a marcha por entre os liames dos cipós e a aspereza dos espinhaes bravos.

De repente viu-se a companhia por todos os lados cercada como de phantasmas, que sem rumor lhe surgiam debaixo dos pés ou de trás das balsas.

Tinha dado na columna dos taboyares, que atravessavam directamente o mato, arrastando-se como reptis, passando por onde ninguem mais passaria, cortando ao rio sem fazer bolir uma folha, sem despertar uma suspeita, com a precaução e astucia de

homens costumados a andar pelo meio dos inimigos sem delles serem presentidos.

Tinha o capitão mór certificado aos taboyares que lhes ficaria exclusivamente aquelle caminho, só a elles facil. Vendo os gentios gente armada imaginaram ser alguma partida nocturna de hollandezes saídos de Olinda, e rodearam-na ameaçadores. Os da companhia, desprevenidos, no primeiro impulso aprestaram as armas. Com a noite profunda e a difficuldade de se intenderem teria logar um deploravel conflicto, se não accorressem logo os padres da missão que avançavam ao combate na frente da tribu auxiliar, e se não interviesse o proprio chefe Potyguarassu, que era de todos o mais conhecido e pratico do idioma portuguez.

Explicou-se tudo de parte a parte, e as duas columnas seguiram para diante como poderam.

Este incidente porém levou tempo, e o Potyguarassu, a quem estava incumbido abrir caminho pelos vaus, pois que pessoalmente os havia explorado, chegou boas duas horas depois da aprazada.

Não parecia em verdade irremediavel o atrazo. Tanto pois que os taboyares apontaram, o capitão-mór ancioso não vacillou em dispor os ataques e fazer dar o signal. Tarde fora já para recuar, e cada minuto mais que se perdesse valia a provincia.

Acudiram com ardor as columnas aos pontos designados, na esperança de rematarem com um triumpho as operações momentaneamente interrompidas.

N'isto estavam quando o troço da sortida, levado á temeridade com a visinhança do soccorro, se metteu confiadamente pelos aproxes dos hollandezes.

Entreviam todos finalmente o projecto do capitão-mór, assim pela começada execução do plano. como pela agitação e prolongada incerteza do inimigo.

O enthusiasmo, dobrando a furia, saudava mais do que a victoria, applaudia a libertação e a desaffronta!

XV

A maré

Disse que se haviam sentido os baques de varios corpos no rio. Eram alguns moços do porto, nadadores excellentes, que, menos soffridos, e vendo já do outro lado travados com os hollandezes os homens de Affonso de Albuquerque, se tinham deitado á agua fiados na sua destreza, e atravessavam denodadamente para se reunirem aos do forte, sem esperarem a passagem das columnas. Distinguia-se á frente d'estes pela corpulencia e audacia um negro herculeo, por nome Henrique Dias, um dos futuros heroes das campanhas de Pernambuco. Henrique Dias com os seus, tomando de revez a linha dos aproxes, rematou o desbarato dos hollandezes nas trincheiras mais avançadas.

Entestavam as columnas resolutamente aos vaus.

O Potyguarassu, com as suas pinturas e plumagens de guerra, remetteu á principal passagem.

Avançavam ao mesmo tempo pelos outros pontos as demais hostes com os taboyares por guias. Era em todos indisivel o ardor. Os gritos dos combatentes e os brados victoriosos, que soltavam do outro lado os do forte, electrisavam os animos, e dobravam a impaciencia aos soldados do capitão mór.

Voava este de uma a outra companhia, estimulando a todos com a voz e a presença.

A poucos passos dava a agua pelos peitos aos mais adiantados. Levantaram intrepidamente as armas acima das cabeças, e proseguiram.

A força da corrente levou um ou outro menos prudente. Os camaradas continuavam todavia sem se desmandarem.

D'ahi a pouco faltou o pé. Ao esforço e constancia oppunha-se um obstaculo terrivel. Enchia a maré.

Com o tempo perdido tinha passado o momento opportuno. Nem vau nem accesso. Por toda a parte um fosso largo, immenso, impetuoso, inexoravel.

Porfiavam os chefes desesperados. Cresciam as aguas impiedosas.

Foi rapida mas heroica esta luta silenciosa do homem e do elemento. Cederam os homens emfim; mas cederam ao impossivel. Os da frente, recuando ante o pego revolto e profundo, imprimiram ás companhias um movimento retrogrado, que foi o pri-

meiro signal de desalento para os menos aguerridos e audazes.

Por differentes vezes e por diversos pontos tentou Mathias de Albuquerque forçar a passagem. As ondas, mais poderosas que os hollandezes, sopearam fatalmente o arremesso.

Não podia resolver-se o capitão-mór a abandonar a empreza. Quizera, como Moysés, poder dividir as aguas. Não seria já um ataque subito, e as vantagens do surprehendimento estavam frustradas; contava ainda porém com a irritada energia dos seus e a furia selvagem dos taboyares humilhados.

Mas a agua a crescer, a crescer!...

Este intervallo salvou os hollandezes. Vanderburgo acudiu em pessoa, reconheceu a situação, e ordenando as suas forças, restituiu a todos a confiança. Formaram-se rapidamente as coronelias de reserva, e guarneceram o isthmo fazendo frente ao rio!

Só o troço da sortida ia avante, entranhando-se pelo dédalo das linhas de aproxe, impellindo, devastando, destruindo sem descanço. Vieira e Affonse de Albuquerque davam o exemplo, rivalisando em denodo e vigor. Prostrava cada golpe um inimigo. Os trabalhos proximos do forte, derrotados pelas mãos diligentes dos voluntarios, serviam de valla aos cadaveres accumulados pelas armas da companhia da nobreza, que não dava quartel. Os soldados das guardas, e os gastadores desaccordados caíam como espigas ceifadas sob as largas espadas

e os piques afiados dos soldados de Albuquerque. Os primeiros, recuando sobre os supportes, baralhavam-se com elles acrescentando o numero das victimas.

A propria mosquetaria lhes era inutil, porque tão travados andavam todos, que se não podera fazer uso d'ella sem egual risco para uns e outros. Os poucos hollandezes que faziam frente ainda, mostravam cada vez maior frouxidão, olhando continuadamente para a outra margem, d'onde os ameaçavam novos e incognitos perigos.

Vanderburgo em breve reconheceu a impossibilidade com que lutava Mathias de Albuquerque, e, mais socegado d'ali, tornou-se com desassombro para o ataque da frente, que lhe dava menos cuidado. Fazendo voltar o rosto aos fugitivos, reforçando-os, e envergonhando-os do panico affrontoso, restabeleceu o combate.

Como era natural, aquella molle desproporcionada começou a oppôr um dique insuperavel aos heroicos aggressores. Alguns tinham já caído. Por mais que os outros ferissem e carregassem, já não podiam avançar: levantava-se-lhes diante um muro de ferro.

Avivando-se a resistencia e não apparecendo o soccorro, o corpo de sortida esmoreceu. Notou isto Vieira, e quiz observar o que detinha o impulso dos seus. Subindo a um morouço feito pelos escombros da trincheira alongou os olhos pelo isthmo. As filas

dos hollandezes iam-se condensando em batalha cerrada e profunda. Avultava na rectaguarda d'estes uma palanca de estacaria e terra. Ali tinham os sitiadores abrigada a artilheria grossa, destinada a prostrar as defezas do forte, duas colubrinas bastardas, das que eram usadas em Flandres, e alguns pedreiros. Estava tambem já disposto um petardo.

A pouca distancia rodavam tres quartaos, que Vanderburgo faziadiligentementeapproximar da margem para varejar o lado opposto, onde as companhias do capitão mór se apinhavam retrocedendo.

Comprehendeu o mancebo n'um relance o intuito do general hollandez, e occorreu-lhe a insensata heroicidade de se apoderar tambem d'aquellas peças.

—A' vante! —bradou, lançando-se abaixo do pedestal fumegante, e investindo novamente com mais furia do que nunca.

Aonde o seu braço alcançava abria-se uma larga brecha na turba compacta. Recuaram-lhe na frente os hollandezes, e começaram a executar um movimento que parecia de retirada.

—Aos canhões, aos canhões! —continuou Vieira enthusiasmado com este exito, atirando-se para diante como um leão.

Um braço possante—e bem possante devia de ser para detel-o—puxou-o vigorosamente para trás.

—Quem se atreve...—gritou o mancebo voltando-se attonito e enfiado de colera.

— Eu, — tornou-lhe rapidamente Affonso de Albuquerque, sustendo-o com a mão esquerda, em quanto com a direita vibrava um bote furioso a um official frisão, que, vendo o acto, arremetia para elle com a espada feita.

Os hollandezes não recuavam, apartavam-se aos lados.

Vieira, entre respeitoso e irado, indicando as peças clamou para o capitão da nobreza, que mais o tratava por amigo do que por inferior:

— Se chegamos ali... que presa!

— Se d'aqui passaes, nenhum de nós volta ao forte — retorquiu Affonso de Albuquerque apontando para a outra margem.

Distinguiam-se effectivamente, á claridade da lua que n'este intervallo se levantara, as longas columnas das milicias e dos gentios retirando lentamente para o mato.

Vira emfim o capitão mór a tentativa irremediavelmente baldada. Que faria elle em expôr esta gente sem utilidade nem resultado ao fogo dos hollandezes apercebidos?

Aos da sua hoste que, segundo vimos, tinham posto pé na restinga dando e recebendo feridas temerosas, ficou inutil aquelle esforço parcial sem ordem e sem concerto. D'estes temerarios o maior numero succumbiu. Lograram alguns romper até se unirem ao troço de sortida. O resto só poude achar salvação arrojando-se de novo ao rio. Foi d'estes o

valente Henrique Dias, que só desistiu do combate quando se viu desamparado.

— O que podiamos fazer, está feito: retiremos, — acrescentou Affonso de Albuquerque.

—Retirar, senhor capitão!—tornou Vieira quasi indignado.

A qualquer outro não soffrera de certo Affonso de Albuquerque a observação, e menos o tom. A Vieira contentou-se com responder:

— Somos necessarios ainda. Ordeno: obedecei! Fazei como eu, e vereis se é vergonha retirar.

Foi o colloquio instantaneo, como o não pode ser a descripção.

Entretanto, os hollandezes, ao mando dos seus officiaes, effectuavam o movimento acima referido.

Affonso de Albuquerque, fallando, não perdia de vista aquella evolução. Reuniu rapidamente a sua pequena força, que, por ser pequena, mais prompta e facilmente manobrava.

— Aos lados, amigos — clamou — e nem uma duvida!

Imitava exactamente o inimigo!

As duas columnas contrarias extremaram-se e abriram-se quasi simultaneamente. Atrás das filas divididas dos hollandezes appareceu em linha um troço consideravel de arcabuzeiros.

Saiu d'esta muralha viva um turbilhão de fumo e fogo, e passou com o vendaval dos pelouros varrendo a lingueta.

A vivacidade e pericia do capitão salvaram metade da gente do forte, que certamente seria victima da inesperada descarga. Assim mesmo alguns foram alcançados pela tempestade de ferro e caíram gemendo.

— Levantar os feridos, e marchar, — bradou intrepidamente Affonso de Albuquerque.

Vieira reflectiu que effectivamente a arte da guerra tinha suas utilidades.

— O capitão da nobreza, voltando-se para Vieira acrescentou :

— Agora vereis como se retira!

Unindo-se de novo, os hollandezes carregaram os do forte, na esperança de vingar os anteriores desastres e de colher prisioneiros. Affonso de Albuquerque não era homem porém que se turbasse na occasião, ou a quem pozesse medo o numero. A aggressão achou já, tomando-lhe o passo, a bandeira da nobreza com Affonso de Albuquerque e Vieira.

A retirada seguiu na melhor ordem pela forma seguinte.

Iam na frente alguns voluntarios conduzindo os feridos. Após estes, marchava um pelotão de arcabuzes, que de espaço a espaço fazia rosto limpando o terreno por meio de descargas regulares, tanto mais mortiferas quanto era maior a turba dos perseguidores. Cobria a rectaguarda a companhia da nobreza, que impavidamente continha os que

ousavam chegar perto, dando tempo a aprestarem-se os arcabuzeiros. Se algum caía na refrega, faziam-lhe praça em roda os camaradas, accorriam os voluntarios, e era como os outros transportado para a frente.

Todos estes movimentos se executavam com serenidade e sem precipitação, ao passo que os hollandezes mutuamente se atropellavam confundindo-se na sua propria multidão com a anciedade da vingança.

Tinha razão Affonso de Albuquerque. Esta retirada vagarosa, methodica, tranquilla, esta retirada d'um punhado de homens, cedendo o terreno palmo a palmo na presença de hostes consideraveis e adestradas, valia bem a mais brilhante victoria.

Antonio de Lima na muralha vigiava e observava tudo.

Tanto que o troço da sortida chegou a distancia conveniente, a artilheria e mosquetaria do forte romperam n'uma trovoada horrorosa. Os artificios incumbidos a mestre Marçal tambem não foram poupados n'esta occasião. Choviam as carcossas e frechas de fogo sobre as fileiras dos hollandezes, e estoiravam entre estes por forma tal, que Vanderburgo em breve ordenou aos seus que se acolhessem ás linhas.

A gente da sortida volveu ao forte, pesarosa pelo mallogro da principal empreza, mas com a consciencia de terem todos feito o seu dever.

O que lhes fôra commettido estava executado, e além do que se presumira possivel. Os trabalhos de assedio haviam ficado em grande parte desmantellados. A artilheria do forte roforçara-se muito utilmente com os dois sacres, tomados logo no começo, por Vieira. Nem uma arma, nem um só ferido tinham deixado nas mãos dos hollandezes. Apenas por tropheus alguns cadaveres, beijando a terra em signal do seu amor por ella!

Logo que poude, Affonso de Albuquerque, chamou Vieira de parte, e disse-lhe apertando-lhe a mão :

— Sabeis combater ; sabei obedecer. Assim se aprende a mandar. Algum dia reconhecereis por vós quanto vale. Vistes de que serviria o valor sem a prudencia? Seriamos agora outros tantos de menos na defensão d'este ultimo baluarte que detém o inimigo.

Vieira curvou a cabeça envergonhado.

— Perdoae-me — tornou depois, alçando o rosto ainda accéso em rubor. — Bem reconheço agora as primazias do saber e nunca deixei de me inclinar á vossa auctoridade...

— A' da razão. Não sois homem a quem outra se imponha.

— A' vossa : é o mesmo. Desculpae-me, vos digo. Ceguei-me. Se eu via tão perto uma grande gloria para esta provincia... para nós todos... para vosso nobre irmão sobre tudo, se é que bem entendi os seus projectos!...

— Entendestes. Ahi vereis. Esses projectos seriam agora um maravilhoso triumpho, se tudo corresse a ponto, se todos houveram cumprido com egual acerto as suas ordens...

— E se não foram os elementos.

— Os elementos não obedecem. Que esperanças nos afogou a maré terrivel d'esta noite!...

XVI

Victrix causa

Era Vanderburgo homem que não cedia facilmente. Continuaram os aproxes com vigor novo. As linhas destruidas foram diligentemente recomeçadas, e proseguiram com maior actividade. Estava já o hollandez acautelado do perigo, e observava com aturada vigilancia o rio.

Trabalhavam os sitiadores n'um só ataque. Não permitia nem requeria mais a disposição particular do terreno e da fortificação. Se esta circumstancia concentrava a defensão, tambem fazia apressar as obras.

Em poucos dias a galeria avançou até cento e quarenta braças do forte. N'esta distancia, da noite para a madrugada, appareceram construidas duas baterias. Chegava o lance decisivo.

As baterias começaram a abrir brecha.

Horas depois estava a brecha praticavel. Um talude de ruinas abria accesso ao inimigo. Foi immediatamente ordenado o assalto.

Era todavia mais facil render as muralhas do que os valentes corações dos defensores. No alto da brecha estava Antonio de Lima, estava Affonso de Albuquerque, estava o moço Vieira, estavam todos os outros que o exemplo d'estes tornara invenciveis.

Quanto a sciencia da epoca em taes casos recommendava, quanto os recursos do Recife podiam subministrar, tudo fôra empregado pelo governador para deter, impedir, e maltratar os assaltantes.

Lograram os aguerridos cossoletes hollandezes galgar o declive: no cimo acharam o passo tomado de estrepes e abrolhos. Os manteletes, improvisamente levantados debaixo do fogo, abrigavam já os arcabuzeiros do forte. As traves rodantes derribavam e laceravam tudo o que topavam ante si. As panellas e circulos de fogo, os barris fulminantes semeavam o destroço de mil modos. Acima de tudo, resistiam os peitos e os braços de uma guarnição, que nem tremia, nem recuava no mais imminente risco e mais desproporcionado conflicto.

Os dois sacres, conquista de Vieira, serviram até mais não poder n'este lance. Troavam incessantes varrendo a brecha. Durou assim a peleja até ao fim da tarde.

No auge do conflicto sobreveio um incidente, que

sublimou o horror da luta. Partiu uma bala a haste á bandeira do forte, que tremulava soberba entre as furias e sobre os destroços. Veio ao chão o estandarte, e logo um immenso clamor dos hollandezes saudou o successo como se já fora a victoria, e a gloriosa mutilação como se equivalesse á entrega.

Com fervor egual respondeu a guarnição empenhada em arvorar de novo a insignia não rendida. Travou-se de lado a lado mais apertado o combate. Lidavam uns por chegar ao disputado tropheu. Forcejavam os outros por guardal-o e preserval-o. Topavam-se em cheio sobre os escombros inflammados as turbas crescentes dos assaltantes e os redusidos pelotões dos defensores, como a vaga que vem do mar marulha com a onda que reflue da costa, já rota em partes, mas duplicada a força com o embate.

Viu-se então um maravilhoso expectaculo. Tombára casualmente o estandarte sobre Vieira, vestindo-o das largas dobras á similhança de manto real. Traçou-o nos hombros o mancebo, e arremetteu como costumava ao mais acceso da batalha.

Estremeceram todos vendo-o envolto com os inimigos, e conjuntamente o precioso talisman.

Antonio de Lima, tranquillo no meio da procella, bradou com o impulso d'uma fé generosa:

— Socegae, filhos. A outra haste quebrou; não quebrará aquella.

Vieira, derribando e ferindo, fazia ondear a ve-

neranda tella, tufada pelo vento. Ali carregou o exaltado esforço dos mais valorosos da guarnição. Como que o sancto palladio dobrava os brios e restaurava as forças.

Ao caír da noite, os hollandezes, precipitados da brecha, desampararam o ataque.

Ao romper a lua, fluctuava novamente a bandeira, alongando a sombra pelo talude de ruinas sobre os corpos dos inimigos, que lhe jaziam aos pés como holocausto derradeiro immolado ás suas triumphaes immunidades!

Não tentarei contar todas as scenas d'esta defensão heroica. Seriam precisos volumes.

Fora tambem prolixo repetir tantas provas de heroicidade. Os lances e episodios pasmosos melhor caberiam nas paginas de um poema. Feitos ha que a historia levanta como um padrão diante dos seculos: as gerações, que lhes chegam á base, alçam os olhos e emmudecem de admiração.

Tres dias sustentou ainda Antonio de Lima o forte. Todas as invenções, que se podiam oppor, estavam destruidas; só aquelle invencivel animo se conservava inteiro.

Tres dias successivos, oitenta homens sómente, combatendo peito a peito no alto d'uns cómoros de cinzas, diminuindo de hora para hora, supportaram o peso dos ataques e detiveram no repetido accommettimento quatro mil assaltantes. Cincoenta contra um! Cançava o numero, sem cançar o valor!

Era uma grande e forte gente a que dava taes exemplos de constancia e denodo!

Parecia o forte uma cratera abrasada. Supprindo com a presença os bastiões, cercado sempre de fogo, persistia o indomito governador, como o genio da destruição presidindo ao incendio das cidades malditas.

Calada já e desmontada a artilheria sobre as cortinas derrocadas, poderam os hollandezes circumdar completamente o forte, interceptando toda a communicação com o Recife.

Não havia pois a menor esperança de soccorro. Dois terços da guarnição estavam mortos. Em todo o recinto apenas uma parte dos armazens se conservava de pé, milagre provavelmente devido ás orações angustiadas de mestre Marçal.

Tudo o mais uma pavorosa devastação.

Ao quarto dia apresentou-se um parlamentario hollandez.

Recebeu-o Antonio de Lima com todos os rigores da etiqueta, sem dispensar o minimo accessorio.

Praticou o parlamentario com o governador alguns instantes, e retirou-se immediatamente, conduzido como tinha entrado.

Apenas o official se afastou, foram chamados a conselho os principaes do forte, e o condestavel da artilheria em razão do cargo.

O conselho congregou-se na parte incolume dos armazens.

Tanto que teve reunidos os que desejava, come-

çou Antonio de Lima com a sua costumada serenidade:

—Senhores, aqui vos chamei agora, não já para vos participar o estado em que estamos...

—Todos o vêmos—acudiu Affonso d'Albuquerque, o mais auctorisado depois do governador, assim pelo posto, como pelo seu parentesco proximo com o capitão-mór.

—Isso é—continuou Antonio de Lima.—Não foi, digo, para vos descrever o que tendes debaixo dos olhos que vos convoquei, amigos: é para cumprir o dever que nestes casos determina a ordenança, e para vos declarar o que por parte do seu general me communicou o parlamentario.

—É bem de presumir o que será—ponderou o capitão da companhia da nobreza.—Propôem-nos a entrega á discrição.

Affonso d'Albuquerque sabia perfeitamente que, na situação em que estavam as coisas, a submissão do forte seria apenas uma delonga de pouco tempo,

—Isso não... se m'o permittis dizel-o!—atalhou Vieira n'um impeto generoso.—Acabem-nos: vale mais.

Antonio de Lima deitou os olhos em roda com seu tanto de orgulho.

—Enganaes-vos todos nas conjecturas. Offerecem-nos capitulação.

—E as condições?

—Sair pela brecha com armas e insignias, e a liberdade de dispôrmos de nossas pessoas.

—Podemos saber o que respondestes?—perguntou o capitão da nobreza.

—O que devia: que ia consultar-vos, e depois daria a resposta.

—E qual é o vosso parecer?

—Não devia dal-o eu primeiro; mas, n'estes extremos, dou... em duas palavras. A minha bandeira nunca se rendeu; não começarei agora.

Micer Arnau, ouvindo isto, enfiou. D'ahi a um instante desappareceu sem darem por elle, o que não era difficil attenta a somenos importancia da sua pessoa e a preocupação geral.

Vieira hesitava entre a vergonha de render-se e aquelle secreto amor que tanto o chamava e prendia á vida. Como lhe não custaria a deixar o mundo na sua edade e com as suas esperanças?

Calou portanto, deixando aos mais experientes a decisão.

—Senhores — disse Affonso d'Albuquerque — pois que aos projectos e desenhos do capitão mór, que todos são para bem desta terra, importa o demorarmos aqui os hollandezes, quanto mais tempo o fizermos tanto melhor cumpriremos o nosso dever e serviremos a patria.

Ficaram alguns em silencio. O maior numero bradou:

—Sepultemo-nos até ao ultimo debaixo destas ruinas!

Parecêra incrivel e insensato a quem não lêsse

*

no coração daquelles homens o pensamento que faz os Curcios.

E não era isto pompear um enthusiasmo facil em roncarias vãs. Era uma resolução firme e heroica. Todos tinham provado como seriam capazes de a desempenhar á letra.

— Ou abra-se caminho por entre o inimigo — ousou dizer Vieira, emittindo a unica opinião que podia conciliar todos os seus sentimentos... se não fôra impossivel.

Quem ha de porém apresentar impossiveis a essa loucura sublime que se chama paixão? E ás vezes dá-lhe razão o exito.

Como já se terá imaginado, mestre Marçal, sumido e esquecido ali, onde não podia explicar muito bem o phenomeno da sua existencia, assistia incognito ao conselho. Escusado é dizer que nem uma palavra lhe havia escapado, visto o interesse que tinha na solução.

Peço venia para interromper n'este passo tão solemnes colloquios. Ficaria incompleto o quadro se o não pintasse com a variedade dos seus incidentes e a diversa feição dos seus personagens.

Ouvindo da bocca de Antonio de Lima as propostas dos hollandezes, admirou o mestre a magnanimidade destes. Sendo pouco sensivel á honra de sair a brecha com armas e insignias, a maxima utilidade que via na capitulação era a clausula de o deixarem, a elle Marçal, com a pelle intacta. O illustre opi-

fice jurava a si mesmo occultar cuidadosamente os seus meritos aos hollandezes, receiando não se lembrasse algum delles de lhe agradecer, por qualquer maneira, os mimos para que, bem a seu pesar, concorrêra.

Acolhêra mestre Marçal cedo de mais estas loucas esperanças. O parecer exposto pelo governador, e apoiado pela maioria, como se diria hoje, fêl-o dar a todos os diabos aquella gente insensata, que se lembrava de tudo, menos da agonia em que o deixava, commettendo a flagrante injustiça de o não consultar.

XVII

De como micer Arnau cortou o nó às difficuldades.

Em quanto as opiniões se apuravam, de um modo que deixava antever claramente o resultado, passava-se uma scena imprevista nos terraplenos desmantellados.

Micer Arnau era um soldado velho e aguerrido. Micer Arnau procurava ganhar conscienciosamente o seu soldo. Mas para micer Arnau a palavra patria não tinha significação, e estas coisas não lhe tocavam tão de perto como aos outros. As propostas dos hollandezes pareceram-lhe muito superiores ao que razoavelmente se podia esperar em taes apuros, e lá de si para si ficou reputando Vanderburgo um rematado sandeu. Tinha feito em consciencia quanto devia fazer, entendia elle; por consequencia não se julgava obrigado a mais.

Conhecendo Antonio de Lima por experiencia, adivinhou a sequencia do conselho, e não menos o o que se lhe seguiria. Reputava-se, como o honrado mestre, mas com mais resolução do que este, individualmente interessado no caso. Assentou portanto que lhe devia ser permittido exprimir o seu voto.

Guardou unicamente comsigo o modo de exprimil-o. Parecia-lhe pouco uma declaração verbal: queria empregar mais efficaz e concludente oratoria.

O modo engenhoso porque micer Arnau intendeu em manifestar aquelle voto foi o seguinte.

Estavam suspensas as hostilidades. Micer Arnau, deixando em meio o congresso, subiu sem dizer palavra, foi-se direito ao bastião, e começou a desatar a adrissa da bandeira.

Em quanto os cabos deliberavam, o condestavel, sem cuidar de mais formalidades, acceitava por sua conta a offerta dos seus camaradas do norte. Era esta, no seu conceito, a mais expedita maneira de cortar as objecções e fazer prevalecer a sua opinião.

O acto de micer Arnau causou extranheza grande á guarnição. Viu-o n'aquella diligencia Ayres Gil, e indicou-o a uns voluntarios que estavam ali: correram todos a elle com a sentinella.

—Que é isso que estaes fazendo?—perguntou Ayres.

—Offerecem capitulação os hollandezes e dão-nos

as honras da guerra — acudiu laconicamente o allemão, suppondo prudente não acrescentar o seu juizo particular ácerca do exito provavel da conferencia.

Pois que á vista de todos o condestavel fôra admittido ao conselho, e vinha d'elle, a evasiva foi acceita como explicação e interpretada como cumprimento de uma ordem superior.

Nada d'isto se conciliava muito com o rigor das praxes; mas, em similhantes apuros, as praxes perdem consideravelmenie a força, e a situação do forte não era tal que se olhasse já a miudezas. Demais quem havia de crer ali que se não acceitariam as condições de honra e vida salva. Tão natural era, que naturalissima pareceu a apparente incumbencia de micer Arnau.

Continuou este pois sem mais opposição.

Ayres Gil só se admirou por julgar conhecer o governador, conhecimento em virtude do qual já tinha feito o seu proposito

Desceu magestosamente a bandeira ao correr da haste. Verdade, verdade, não viu isto sem abalo a gente do forte. Se tanto havia feito por aquelle honrado brazão!

O arcabuzeiro principalmente dava-se a perros; mas, por fim de contas, reduzia-se tudo a um incidente nada extranho no seu modo de vida. Não era já a primeira vez que lhe succedia: em Flandres fôra uma coisa vulgar.

Vendo arriada a bandeira, e julgando ser o signal de estar acceita a capitulação, os hollandezes não perderam um instante. Accorreram em continente duas companhias de cossolletes, e coroaram a brecha, formando diante da guarnição contristada.

Foi tudo isto um momento, tão proximos estavam todos.

Desfizera-se n'este intervallo o conselho, e cada um dos cabos voltava ao seu posto na perfeita disposição de vender cara a vida, que definitivamente sacrificava.

Antonio de Lima, assomando com Vieira e Affonso de Albuquerque ao terrapleno, ficou attonito de não ver a bandeira

A bandeira jazia aos pés de micer Arnau.

Rugiram os tres um grito unisono. Vieira, arremessando-se com o impeto costumado, arrancou a tella das mãos ao condestavel, que a segurava ainda por uma das extremidades, e bradou-lhe:

—Não lhe toqueis, que a infamaes!

Os hollandezes, como dito fica, estavam a poucos passos. O governador comprehendeu o que se passara.

Tirou da espada, mudo, livido, pavoroso, e com terrivel tranquillidade endireitou para o alemão. Aquelle seria provavelmente o ultimo dia do entremettido condestavel, se a lamina do governador não encontrára a de Affonso do Albuquerque.

—Este homem não é da nossa terra! —ponderou singelamente o capitão da nobreza.

Reflectiu Antonio de Lima que, estando a brecha coroada pelo inimigo, o esforço mais desesperado só daria victimas, sem possibilidade de prolongar a resistencia.

Olhou tambem para os restos da guarnição e entrou-lhe n'alma a piedade.

Embainhou a espada murmurando:

—Assim o quer Deus!

Tinha o commandante dos hollandezes recebido de Vanderburgo poderes para a capitulação. Vinha com elle, na qualidade de interprete, um judeu de Olinda, que, havendo commerciado em Lisboa e Amsterdam, fallava egualmente os dois idiomas.

Não foram longas as formalidades. Sabiam todos como aquelle facto era irremediavelmente consummado, e o forte de S. Jorge não se reputava praça de guerra de tal ordem, que a sua entrega se regulasse pelas clausulas de um tractado.

Reduziu-se tudo a perguntar o governador ao commandante hollandez se o seu general mantinha as condições offerecidas. Respondeu o commandante que sim. Seria indecente recusarem-nas depois de as terem proposto.

Escreveu-se á pressa a estipulação e ficou rematado o pacto.

Menos era Antonio de Lima para despachar estas coisas do que para aviar expedientes de guerra.

Entendia elle que a palavra de um homem valia a melhor assignatura.

Tinham tambem por sua parte os hollandezes ganho tal respeito ao forte e ao seu governador, que tudo facilitavam para ver desamparado o posto.

Conhecia além d'isso Vanderburgo que esta generosidade — pouco custosa, attento o limitado nume da guarnição e o mais que adiante se observará —horas que lhe abreviasse a entrega já lhe proporcionaria bastante, pois que Mathias de Albuquerque ia engrossando cada vez mais consideravelmente as suas forças.

O mesmo suspeitára tambem o capitão da nobreza, desconfiando de taes larguezas em tanto apuro, e por isso dera o seu voto como se viu, esperando servir com o proprio sacrificio os projectos de seu irmão.

Como o governador dissera: Deus havia disposto o contrario.

XVIII

Fé punica.

Era por formoso dia, explendido e calmoso. As forças sitiantes formavam em batalha á raiz do forte prolongando-se pelo isthmo.

Pela volta das quatro horas, Antonio de Lima dispoz em boa ordem os vinte e tantos homens validos que ainda tinha em estado de marchar, e saiu com elles pela brecha, guiando-os, sereno e tranquillo, como n'um dia de victoria.

Lia-se no rosto do soldado o pesar inseparavel de tal situação; mas, ao mesmo tempo a ufania natural a quem tanto havia feito.

Rufava o tambor na frente da pequena companhia. Brilhavam ao sol os piques, os espontões, as

espadas, mosquetes, e arcabuzes. Ia arvorada a bandeira da nobreza.

Via-se é verdade no bastião, triste e erma, a haste viuva do seu glorioso pendão; mas em seu logar nenhum outro ainda.

Debalde o inimigo procurou aquelle tropheu tão ambicionado. Vieira fizera delle um cinto. Unindo-a ao coração, tornára aquella reliquia em arma invencivel contra o despeito de rendido.

Com admiração contemplaram as longas e profundas filas dos hollandezes os poucos homens, que sobre destroços, por tres dias consecutivos, haviam detido as suas experimentadas coronelias.

Entre verdadeiros homens de guerra o odio de inimigos cessa com a lucta, e fica só a homenagem ao valor infeliz.

Ayres Gil, aprumando o arcabuz, acertando o passo com marcial desplante e maior garbo do que nunca, vibrava olhares furibundos a um e outro lado, como quem dizia aos hollandezes:

—Vae aqui um homem costumado a ver-vos as barbas sem temor nem vergonha!

O honrado arcabuzeiro acompanhava este soliloquio mental de um diluvio de pragas resmungadas entre dentes.

Na retaguarda de todos apparecia mestre Marçal, o comico intermedio deste drama heroico.

Mestre Marçal vinha amavel, risonho, prasenteiro, umas paschoas. Cortejava á direita, cortejava á es-

querda, com tal satisfação, que lhe teria ella valido girandolas de pontapés do seu amigo Ayres, se este o podesse ver.

Não podia o mestre acreditar ainda na boa fortuna de sair são e salvo, depois do que ouvira a Antonio de Lima. Pensava com toda a humildade que Deus fizera expressamente um milagre por sua causa.

Poucos passos adiante do aspero talude, Vanderburgo esperava certezmente o governador.

Tanto que a diminuta guarnição chegou ao centro das columnas hollandezas, o mestre-de-campo deu-lhe ordem de fazer alto, e o general com o interprete dirigiu-se a Antonio de Lima.

—Agora, senhores,—disse, ou antes fez-lhe dizer—deporeis as vossas armas!

Antonio de Lima obrigou o interprete a repetir duas vezes a intimação insolita.

—Depôr as armas!—respondeu elle.—Pois não estipulámos sair com armas e insignias?

—Sair a brecha,—tornou civilmente o hollandez—sair a brecha, sim; os nossos arraiaes, não.

Antonio de Lima viu que havia perfidia no modo de cumprir a capitulação. Deitou um olhar de leão aos seus soldados, immoveis a poucos passos; mediu depois a turba immensa, que o rodeava curiosamente.

Esteve elle tentado a dar voz de arremetter, e vingar ali o odioso ardil com um protesto de sangue!

Reflectiu porém que, para satisfação do seu orgulho, não tinha direito de sacrificar sem utilidade tantos corações generosos.

A capitulação, feita improvisamente, em consequencia de um inesperado accidente, dava aos hollandezes occasião de fazerem jogo de palavras, em vez de cumprirem a palavra.

Podia-se ter como remota revelação e prenuncio de certas finuras, muito apreciadas por alguns politicos dos nossos dias.

Não era o governador homem, que em casos d'estes, descesse a discussões. Vendo a impossbilidade absoluta de abrir caminho á força, e a loucura de dar os seus em holocausto; que era talvez o que os hollandezes queriam, encolheu os hombros em signal do seu profundo desprezo por taes subtilezas, entregou a espada ao general inimigo, e ordenou á guarnição que depozesse as armas.

Os soldados de Antonio de Lima, pasmados da ordem e do gesto do governador, fitaram n'elle os olhos assombrados.

Antonio de Lima, como quem tem a consciencia de cumprir um dever, custoso sim, mas dever, repetiu o commando em tom claro e resoluto.

Singular pareceu a todos este desenlace, mais ainda depois do promettido. Tal era entretanto a auctoridade do governador, e tão aceito e radicado o costume de lhe obedecerem, que as hesitações acabaram n'um momento.

Affonso de Albuquerque, entendendo-o, foi o primeiro que lhe seguiu o exemplo. Vieira, lembrado das advertencias do capitão, imitou-o vencendo a repugnancia.

N'este lance mais de uma lagrima deslisou silenciosa e envergonhada por aquelles rostos tostados, caindo sobre as armas, ao entregarem-n'as as mãos que tão bem se haviam d'ellas servido.

Soltando imprecações furiosas, os voluntarios, arremessavam os mosquetes pelo areal, onde não podiam espedaçal-os. Ayres tal geito deu que, ao pousar em terra o arcabuz, foi para um lado o cano e a coronha para outro. O alferes da bandeira da nobreza arrojou o espontão ao rio, de modo que um hollandez, fronteiro a elle, se não abaixasse tão rapidamente a cabeça, ficava ahi varado.

—Perros vis!—murmurou o arcabuzeiro retorcendo os bigodes.

—Falta uma pequena formalidade,—continuou com a fleugma do seu paiz o general hollandez a Antonio de Lima, que mostrava pressa de se esquivar a estas inesperadas humilhações.

—Uma formalidade! Que formalidade?—tornou o governador.

— Quasi nada,—retorquiu Vanderburgo pela bocca do officioso interprete.—E' dar juramento de não pegardes mais em armas contra nós n'esta guerra.

—Dizeis?

Repetiu o judeu a nova intimação de Vander-

burgo, retirando prudentemente um ou dois passos, tam vivo relampago viu fuzilar nos olhos de Antonio de Lima.

—Cuidei que tratava com um fidalgo e leal cabo de guerra, — atalhou o governador sorrindo com supremo desdem.

—Que é o que elle diz?—perguntou Affonso de Albuquerque a Antonio de Lima.

—Quer algum de vós prestar juramento de não pegar mais em armas em defensão da sua terra?

Um grito de indignação rebentou unanime nas fileiras dos rendidos. Muitos delles levaram machinalmente a mão ao lado desarmado.

Vieira adiantou-se e bradou:

—Porque não nos fizeram tal proposta antes de nos tirarem as armas?

Antonio de Lima sorriu: já tinha pensado o mesmo.

Por descargo de consciencia tentou ainda uma ponderação—a derradeira.

—Tinham promettido deixar-nos livres de nossas pessoas!

Traduziu o interprete litteralmente a replica a Vanderburgo:

—Mas não livres as vossas armas,—tornou este com perfeita paz de espirito.

Ali se via a razão porque o general fôra tão prompto e concessivo nas clausulas: premeditava já estes trocadilhos.

Era effectivamente mais facil concluir o negocio por astucias e ardilezas, do que em assaltos contra homens, que haviam de infallivelmente succumbir, mas cercados de victimas. Já no seculo XVII havia quem exordiasse a politica ladina do seculo XIX.

Sabia o hollandez de quantos lhe fôra sepulchro e mortalha aquelle monte de pedras arrebentadas chamado forte de S. Jorge, e ainda pelos modos se temia do que podia produzir a desesperação.

Assim era coisa aviada e summaria.

Antonio de Lima, como vimos, timbrava pouco em apuros de dicção e ainda menos em agudezas desta ordem. Tornou a encolher os hombros.

Vanderburgo proseguiu:

—Se não prestaes o juramento, sereis considerados prisioneiros de guerra.

—Considerae—respondeu friamente o governador.

—Ficareis sujeitos a todas as consequencias da vossa obstinação.

Antonio de Lima voltou as costas ao interprete, e, com a sua usual serenidade, disse para Affonso de Albuquerque:

—É um hollandez traidor!

Proferia elle isto no tom desdenhoso em que diria: «é um cavallo esparavonado.»

—Não admira!—acrescentou philosophicamente o capitão da nobreza, completando a idéa de seu chefe.

—Eu sempre disse que estes hereges não tinham alma!—gritou Ayres do seu logar.

Podia Antonio de Lima, seguindo o exemplo de Vanderburgo, jurar e não cumprir. É de crer que não faltassem casuistas para o absolver e até para o louvar, allegando a compressão e força maior. Similhante lembrança nem sequer lhe passou pela cabeça.

Ha homens assim. O peior é que não n'os entendem!

—Acabemos, e de vez—continuou Vanderburgo —Recusaes?

—Vieira—acudiu Antonio de Lima—dizei a esse homem que está perdendo tempo.

—Se deitassemos o interprete ao rio com a resposta?—Propoz a serio o ardente mancebo.

—Era baptisal-o, e não o merece, o Barrabás, —tornou Affonso de Albuquerque, n'estas occasiões propenso a facecias.

—Como quizerdes,—concluiu Vanderburgo vendo que nada obtinha.—Só vos advirto uma coisa: os carceres de Olinda são estreitos, e pois que os Estados não pódem agora esperdiçar mantimentos.... considerae bem!

Era horrivel a ameaça, indigna d'um cabo de guerra, indigna de uma nação policiada!

Antonio de Lima poz-se a assobiar um refrão de cantiga, manifestação que, em homem tão grave, era indicio da maxima ironia.

A discussão tornava-se evidentemente inutil.

Sob a apparente placidez, Vanderburgo estava furioso.

Por sua determinação foram divididos em pequenos pelotões, e separados uns dos outros, os desgraçados remanescentes da guarnição tão ignominiosamente tratada contra toda a fé.

N'esta ordem enviou o maior numero para as prisões de Olinda, como annunciara.

Quanto a Antonio de Lima e Affonso d'Albuquerque, tomou-os para maior cautela, sob sua guarda especial.

Viram os dois partir n'este estado os seus infelizes companheiros d'armas; e angustiados, e martyrisados de tal vista, ficaram esperando, guardados por boa escolta, que Vanderburgo tomasse posse das ruinas que tinham sido o forte, e houvesse por bem decidir a seu respeito.

Em tal extremidade só mestre Marçal folgava, feliz como todos os egoistas.

Mestre Marçal, francamente jubiloso no meio da desesperação dos seus camaradas, havia com isto para logo captado a benevolencia dos vencedores. Examinaram-n'o, e o resultado do exame foi um mediocre apreço e estima pelas suas aptidões bellicas.

Não podendo os hollandezes como declarara Vanderburgo, gastar profusamente viveres que lhes escasseavam; e por outro lado reputando o mestre

pouco perigoso, humilhação de que este se não mostrou agastado; feito o calculo da utilidade da sua reclusão e dos inconvenientes da sua liberdade; resolveram privilegial-o com o beneficio exclusivo da capitulação, mandando-o tratar da sua vida com uma indifferença cheia de sarcasmos.

Mestre Marçal perdoou christãmente a injuria; e na sinceridade da sua alma julgou-se predestinado da Providencia!

XIX

Em que Ayres Gil medita.

Caminhavam os prisioneiros a dois e dois, como se disse. Ia cada pelotão vigiado por quatro piqueiros, levando na frente e rectaguarda um troço de mosquetes. Seguiam todos assim pelo estreito pontal de areia que levava á cidade.

Alem do Biberibe, parallela á restinga, corre a orla vicejante da chamada varzea, que então parecia aos pobres captivos uma terra de promissão, tão inaccessivel quanto desejada.

A varzea, ou veiga, do Biberibe era neste tempo uma extensa lesiria, em parte coberta de matto bravo e florestas virgens, em parte cortada de engenhos e *sitios*, como n'aquella provincia ainda hoje denominam as chacaras, nas quaes os moços do forte deixavam muitos affectos e muitas saudades.

Estendia a vasta e uberosa campina o manto de eterna verdura até á beira do rio, sobre o qual se debruçava roçando as aguas com uma franja longa e sombria de chorões e cachos floridos.

Preocupados iam todos com tal vista, e mais que todos Ayres Gil. Nem era admiração pela paisagem, nem indole sentimental. O rude veterano, se pensava, não pensava certamente em taes futilidades.

Que seria? O que o faria cogitar e scismar tanto?

O acaso, ou talvez a sua boa diligencia, havia collocado o arcabuzeiro ao lado de Vieira.

Tinham ambos mutua confiança. Marchando, encontravam-se-lhes a miude os olhos e logo se fitavam unanimes na veiga fronteira.

Um incidente cortou importunamente este dialogo mudo.

A poucos passos das linhas de assedio, o commandante da escolta, vendo-se longe do grosso das forças que tinham ficado no acampamento, julgou prudente multiplicar as cautelas. N'este intuito fez alto, e deu algumas ordens em voz baixa a um dos seus subordinados. Partiu este em continente com tres piqueiros, e voltou, minutos depois, vergando todos ao pezo de um farto volume de cordas.

Era visivel a intenção do precatado hollandez.

Não se contentava com leval-os desarmados, queria-os manietados. Dava-lhe serios cuidados a visinhança da varzea, e a proximidade do rio.

Provocou esta operação altos murmurios, violen-

tas queixas, sentidos clamores e pragas terriveis; mas um duplo renque de mosquetes de um e outro lado, Olinda na frente, e Vanderburgo na retaguarda, forçavam á sujeição os mais insoffridos.

Deixou Ayres atar solidamente as mãos atrás das costas, pouco mais ou menos como um jaguar, colhido no laço, deixaria vestir um espartilho.

Só Vieira foi exempto desta humilhação. Consideraram provavelmente os seus poucos annos, e talvez a deferencia que lhe mostravam os seus camaradas, particularidade que indicava ser pessoa de maior porte.

Era tambem natural entender o hollandez que um homem só nada ousaria, vendo impossibilitados os seus camaradas.

Concluidos os prudentes apercebimentos, poz-se a escolta novamente em marcha a passo lento.

D'ali para cima estreitava o rio. Ayres Gil parecia cada vez mais meditativo.

Notou Vieira esta meditação aturada. Vieira tinha aprendido a conhecer sufficientemente o arcabuzeiro, e sabia que nunca meditava debalde.

Circumstancias ha em que a meditação é verdadeiramente contagiosa. O mancebo começou a reflectir tambem.

Nenhum delles porém era homem que perdesse o tempo da acção em inuteis devaneios. Resultou desta dupla cogitação encararem-se ambos, como se mutuamente se houvessem já comprehendido.

Observara Ayres nos olhos de Vieira um raio de prazer tão inadmissivel em similhante conjunctura, que se pozera a scismar mais profundamente do que nunca.

Vieira pela sua parte julgára observar no arcabuzeiro um signal, um indicio, quasi imperceptivel, de malicioso e resoluto assentimento.

Entretanto, o commandante da escolta, confiando nas precauções, havia afrouxado os rigores da vigilancia. Os seus soldados, exhaustos e encalmados, seguiam-lhe pouco a pouco o exemplo.

O interprete caminhava distante. Se os prisioneiros matassem o tempo com dois dedos de conversa, quem os poderia ouvir, ou perceber?

Ia o arcabuzeiro assobiando uma solfa extravagante, como se o espirito absorto se lhe desvairasse d'uma distracção machinal. Já sabe o leitor que este era em Ayres, não só um symptoma de preoccupação extrema, senão annuncio de uma idéa luminosa.

Reconhecia Vieira no seu consocio de infortunio uma certa dose de philosophia pratica, mas não lhe acreditava tanta que justificasse desassombro similhante, nem lh'a julgava tal que o tornasse capaz de medir com este desprendimento situação tão pouco lisonjeira.

Inferia por tanto, com razão, que no espirito do arcabuzeiro se passava o que quer que fosse excessivamente interessante.

Quanto mais lhe estudava a physionomia e a attitude, mais se confirmava em taes duvidas. Resolveu-se portanto a esclarecel-as, e a tirar a limpo as suas supposições, verificando primeiro se o judeu podia ouvil-o.

— Hein, Ayres? — disse, em voz que era pouco mais que um sopro, acompanhando a palavra com um expressivo e rapido movimento de olhos. — Formoso rio é o Biberibe. Mais formoso hoje do que nunca. Não vos parece?

— Se parece! — tornou o arcabuzeiro no mesmo tom e modo. — Só me não parecera formoso, se tivera a largura do nosso Tejo lá defronte de Lisboa, ou uma corrente como a do Douro em cheia de inverno. O que n'este mais me captiva é o commedimento e a modestia de suas aguas... Agua, quanto menos melhor.

— Não é d'esses rios ambiciosos, que levam tudo adiante de si, e estendem os braços a perder de de vista, dizeis bem.

— Por um d'esses taes não dava eu um ceitil.

— E por este?

—Por este, sim. Mal sabeis como lhe quero.

— Um homem costumado a passar as ribeiras da India...

— Que são como os rios da Europa, e os rios como os mares.

— Um homem trilhado em terras d'alagoas...

— Em duas braçadas está de outro lado.

— E depois, com ser um rio meão e agora tão pacifico, sempre é um rio...

— Ou, quando menos, um fosso... que nem todos atravessam.

— Isso é.

— Praz-vos tambem, senhor Vieira?

— A mais não poder.

Parou aqui o dialogo.

Vieira tinha resolvido as suas duvidas. Estavam entendidos os dois. Havia entre elles pacto secreto, cumplicidade tacita.

Como se lhe occorrera subida reflexão, lançou o mancebo significativamente os olhos aos braços de Ayres fortemente ligados. A reflexão comprehendida n'este olhar pintou-lhe no semblante uma sensação de extrema piedade, e um como doloroso aperto de coração. Reparou Ayres n'aquella expressão angustiada, e sorriu.

Vieira, que não cessava de observar o seu companheiro, attentando melhor, notou-lhe desusado movimento. Parecia que uma legião de insectos, o que não seria para admirar em tal clima, se lhe tinha apoderado do busto, tal era a vivacidade com que apertava ao corpo a parte superior dos braços como se n'uma phrenetica fricção quizera livrar-se de um prurido tormentoso.

Estes accessos, com serem frequentes, não eram todavia tão violentos que podessem dar na vista aos hollandezes.

Se Vieira tivesse comsigo qualquer instrumento cortante, conservando as mãos livres, ser-lhe-hia facil soltar rapidamente Ayres: depois executariam juntos o plano que a ambos occorrera. Mas os hollandezes, como é de suppôr, tinham tido o cuidado de não deixar ao mancebo nem sombra d'arma.

Esta difficuldade, em que não tinha logo pensado, entristecia-o profundamente. Custava-lhe abandonar o arcabuzeiro, sem contar que o auxilio d'um homem como este singularmente lhe secundaria os designios.

Ayres Gil havia tambem, e ainda antes de Vieira, medido aquelle obstaculo; mas a sua inventiva imaginação não se rendia a quaesquer estorvos. Em quanto Vieira lhe deplorava a sorte, afigurando-se-lhe irremediavel, concertava elle comsigo um expediente tão simples como engenhoso.

A agitação, em que Vieira reparara sem a poder explicar, era uma disposição preliminar.

Tinha o cinturão de couro, que os arcabuzeiros cingiam, um gancho de ferro solidamente fixado ao lado direito. Deste gancho traziam suspensa a corda, o sacco dos pelouros, e outros municiamentos. Os municiamentos haviam desapparecido, mas o cinturão, não sendo considerado arma, havia ficado com seu dono.

As arestas puidas deste accessorio, gastas pelo atricto continuo, haviam-se com o tempo tornado como o gume de uma faca ordinaria.

Ali estava já um instrumento aproveitavel.

O gancho ficava porém distante da corda, que prendia as mãos nas costas ao arcabuzeiro.

Nova impossibilidade!

Era todavia Ayres estrategico experimentado. Servira-lhe a meditação para calcular todas as eventualidades, aproveitar todas as circumstancias, e prover a todos os lances.

Andava-lhe o cinturão conchegado, mas lasso, de modo que podia girar facilmente. Como soldado velho, o arcabuzeiro presava mais a liberdade dos movimentos do que os primores do trajar.

O geito que dava aos braços, unica acção possivel no estado em que se achava, imprimia ao cinto de couro um progressivo movimento de rotação, que lhe approximava o gancho das mãos, e por consequencia da corda.

Esta a base das suas operações.

XX

Consequencias da meditação de Ayres Gil

Nada é grande, nada é pequeno no mundo. Tudo é relativo, e tudo tira da occasião o seu grau de valor!

O destino de um homem — de dois homens talvez, e Deus sabe de quantos outros, e de quantas mais coisas attinentes a elles! — achava-se n'esta suspensiva conjunctura exclusivamente subordinado a um objecto insignificante, a uma circumstancia das mais somenos, a uma acção trivial, n'outro caso ridicula.

Á força de paciencia, estava Ayres a ponto de lograr a collocação ardentemente desejada. Mas era o trajecto curto, e o arcabuzeiro sentia crescer-lhe a anciedade ao passo que se adiantavam na restinga, porque o tempo lhe escasseava.

Limitavam-se todas as probabilidades de exito ao lanço de caminho, que orlava o rio, onde este era mais estreito, e mais densas as mattas fronteiras. Sabia-o Vieira, e fitava o companheiro com inquietação cada vez maior, medindo o espaço, como quem vê a cada passada fugir-lhe a opportunidade e a esperança.

Ayres suava em bagas. Um observador attento ler-lhe-hia no rosto a fadiga immensa, que provêm de movimentos contrafeitos, e de tensão violenta do espirito.

— Se fosse possivel ganhar minutos! — murmurou por fim.

— Talvez seja — acudiu Vieira cautelosamente.

— Qual! Se estes desalmados destes herejes nem um credo nos deixam!

— Dizeis que vos bastariam minutos, Ayres?

— Bastavam — respondeu o arcabuzeiro continuando os esforços.

Vieira não replicou.

A poucos passos queixou-se da fadiga; d'ahi a um momento nem se podia arrastar; mais adiante caiu redondo no areal pedindo confissão.

O commandante da escolta accorreu com o judeu interprete para averiguar o que havia.

A voz sumida e exanime de Vieira era de moribundo. Só o fuzilar dos olhos desmentia um pouco esta apparencia de catastrophe.

O pedido do mancebo pareceu ao official hollan-

dez tão disparatado e fóra de todo o proposito, que lançou em roda de si um olhar inquieto e inquiridor.

O rio estava deserto, as mattas silenciosas, os prisioneiros amarrados, a escolta armada e prestes. Que havia de receiar?

O hollandez, moço ainda, envergonhou-se de si, e julgou pueril este excesso de desconfiança.

A suspeitosa investigação achou Ayres com um ar tão penalisado, uma immobilidade tão consternada e uma cara tão contricta, que o official volveu para Vieira toda a attenção.

Vieira parecia em pontos de dar a alma a Deus, tal se tornara o seu desfallecimento e assim eram doloridos os seus queixumes!

Tinha o hollandez um natural humano, e sinceramente se compadecia do enfermo; mas um sacerdote não era coisa que se achasse á mão.

Outros soccorros só na cidade. Julgando, na sua qualidade de protestante, que estes seriam preferiveis á confissão, voltou-se para o sargento, e disse-lhe em tom breve e peremptorio:

— Vêde lá se pode andar. Se de todo não poder, fazei-o conduzir. E a caminho promptamente.

Dada esta ordem, afastou-se para vigiar a frente da columna que seguia em marcha, encarregando ao mesmo sargento assim o cuidado de executar o prescripto, como o de vigiar a rectaguarda.

Communicou o judeu a Vieira a ordem referida,

e perguntou-lhe se, fazendo a diligencia, poderia aturar até á cidade.

Vieira soltou um gemido que dava ares de ser o ultimo da sua vida.

Ordenou o sargento a dois mosqueteiros que pegasse cada um em seu braço ao mancebo, e por força ou por vontade o conduzissem. Percebeu Vieira a intenção pelo movimento que se operou nos soldados, e fitou anciosamente os olhos em Ayres.

Ayres correspondeu-lhe com um leve movimento de cabeça, que se podia muito bem tomar por uma affirmativa.

Sentia a corda por um fio. O gume do gancho mordera já profundamente o nó que lhe arrochava os pulsos, tão profundamente que de envolta com o linho rasgava a epiderme e golpeava os dedos ao arcabuzeiro. Este porém era indifferente a similhantes arranhaduras, e nem por isso deixava de continuar com maior impeto.

Cumpre agora explicar a posição relativa dos nossos personagens. Vieira estava á esquerda do arcabuzeiro, na orla da restinga, á beira do rio. Á sua direita, na mesma linha, Ayres manobrando para insensivelmente se lhe approximar. Junto de Ayres o interprete judeu, que o commandante hollandez forçara a ficar ali para se entender com o supposto moribundo. Mais acima, para a banda de Olinda, o sargento. A poucos passos d'este os dois soldados, que tinham largado os mosquetes a fim

de obedecerem á ordem recebida. Áquem e álem uma secção da escolta em filas irregulares.

Conversavam os hollandezes distrahidos e negligentes, como quem via proximo o descanço depois de muitos dias de pesadissimo serviço.

Levantou-se o agonisante a custo e gemendo. Como que mal podia comsigo. Cobrando porém subitamente as forças, de um inopinado e simultaneo movimento dos braços derribou os dois hollandezes que lhe interceptavam a communicação, e com um pulo de jaguar arremessou-se ao rio, bradando em ar de provocação e desafio á escolta inteira:

—S. Jorge pelos Brazis!

No mesmo ponto uma voz lastimosa clamou:

—Deus de Isaac e de Abraham, valei-me!

Ayres, vendo aberto o caminho, tinha rebentado n'um possante esforço os derradeiros fios da corda, quasi de todo gasta.

Feito isto deitara logo a mão ao interprete.

Correram os hollandezes; mas o robusto arcabuzeiro, convertendo o judeu em broquel para oppôr ás armas apontadas, recuou rapidamente até á borda do restinga.

Ahi, sem largar o infeliz israelita, gritou-lhe:

—Dá graças a Deus, que morres baptisado!

E atirou-se á agua como Vieira!

Ayres mergulhava com as suas armas, como os heroes de Homero. N'estes apertos era unica arma

de Ayres o judeu tornado escudo. O judeu portanto mergulhou tambem.

As filas dos hollandezes guarneceram n'um relance a margem do pontal.

Decorreram segundos. Aguardavam os mosqueteiros de Vanderburgo que os dois fugitivos surgissem, como um bando de caçadores espreita avidamente a preza.

Appareceram com effeito á flor d'agua as cabeças de Vieira e do arcabuzeiro, já proximos um do outro, a coisa de vinte braças de distancia. Vinham á superficie para respirar.

—Fogo!—bradou instantaneamente o commandante da escolta desesperado.

Uma descarga regular acompanhou a bem dizer a voz.

Mas já os dois haviam mergulhado de novo, cortando a corrente.

Recochetaram os pelouros ao lume d'agua, saltando muito além dos prófugos.

—Qual de vós outros sabe nadar?—perguntou o hollandez aos seus soldados.

Sairam á frente quatro mosqueteiros de Flessinga, que tinham mareado nas frotas.

O commandante continuou:

—Um mez de soldo, se os trazeis aqui vivos ou mortos. Um anno de carcere, se voltaes sem elles.

Percebera que de pouco lhe serviria fazer fogo sobre homens, que se esquivavam com tamanha

facilidade e tam admiravel presença de espirito, sem contar que as armas de percussão naquella época não permittiam descargas tão certeiras nem tão rapidas como as de hoje.

Entretanto os que ficaram em terra carregaram logo os mosquetes para estarem promptos sempre, ou a atirar sobre os fugitivos quando apparecessem, ou a varejar a margem opposta, se estes conseguissem abordal-a.

Tremenda era pois a situação para os dois!

Traçaram os quatro hollandezes os mosquetes nos hombros, e atiraram-se á agua, mostrando desde logo que em vigor e pericia nada eram inferiores aos perseguidos.

Vinha ao de cima, meio morto, o desgraçado interprete, quando o primeiro dos antigos maritimos de Flessinga se deitou ao rio.

Com o instincto de conservação, que nunca abandona o homem, o hebreu na ancia de naufrago afferrou-se áquelle inesperado soccorro.

Paralysava este peso inerte os movimentos do nadador, e ambos corriam perigo de se afundarem.

Vendo o soldado que os seus camaradas lhe tomavam a dianteira, murmurou uma praga horrenda, e procurou no cinto a adaga para se livrar do estorvo incommodo.

—Trazei-o a terra! —bradou o official condoido percebendo-lhe o movimento.

O soldado obedeceu, posto que não muito por sua vontade.

Voltando a si, o interprete desatou n'uma torrente de acções de graças a todos os prophetas.

O soldado arremessou-se de novo, bracejando com tal furia e exito que bem justificavam as suas esperanças de primazia.

Tudo isto se passara n'um relance.

XXI

Em que Vieira e Ayres Gil se illustram por novos feitos

Começou então um novo genero de perseguição, perseguição tam medonha, tam formidavel, tam dramatica, tam cheia de perplexidades e terrores, que á beira do areal todos os olhos estavam fitos, todas as respirações suspensas, e todos os peitos anhelantes.

Tinham os hollandezes levado comsigo os mosquetes, porque bem podiam não alcançar os fugitivos no rio, e logo que aportassem á outra margem lhes seriam preciosas estas armas. O peso d'ellas demorava-os porém um tanto. Em compensação, Ayres e Vieira, sendo obrigados a mergulhar com frequencia, demoravam-se tambem.

O hollandez que estivera em risco de ser victima do judeu, apesar de ter perdido um avanço consideravel, avantajava-se visivelmente.

Era um d'aquelles destemidos mareantes dos Estados, que então principiavam a rivalisar com os ousados navegadores com tanto esmero creados pelo infante D. Henrique. Podia-se dizer que nascera no oceano. Só passara ao exercito de terra, porque, tendo-se casado por amores, ao revez de mestre Estouro, julgara mais sedentaria aquella vida.

O destino e a companhia das Indias haviam decidido outra coisa.

Achando-se no seu elemento, resurgiam-lhe com vigor novo os costumes e instinctos de marinheiro.

Estimulava a todos a recompensa promettida, o temor do castigo, principalmente a emulação. Os camaradas assistiam reunidos á temerosa e improvisa luta. Timbrava cada qual em mostrar a sua superioridade, assim sobre os que haviam ficado em terra, como sobre os que entravam na porfia que d'esta arte fixava a attenção geral.

Podia considerar-se um repto, como os da epopea antiga, com as hostes dos guerreiros por testemunhas, e mais as ondas por campo de pugna.

Os nossos heroes sabe-se já que homens eram. Tinham atrás de si o opprobrio e o captiveiro; adiante a liberdade e a esperança.

Os outros prisioneiros, bem que mais estreitamente vigiados, depois do inesperado lance dos dois, tiveram tentações de applaudir o rasgo heroico, e muitas mais de o seguir.

Faltavam-lhes as invenções e a pratica do vete-

rano das Indias e Flandres, faltavam-lhes as prendas e a energia do moço caçador, e os hollandezes estavam prevenidos.

Era Vieira o mais adiantado. Ayres Gil seguia-o de perto. Empregando ambos a mesma tactica, obliquavam a cada mergulho em differentes direcções, já para illudirem a mira dos mosquetes, já para desorientarem os nadadores hollandezes.

Estes desvios, com serem indispensaveis e salutares, atrazavam, como se disse, a arribada á margem salvadora.

O marinheiro hollandez, particularmente mencionado, acercava-se a olhos visto de Ayres, que lhe ficava mais á mão, e, animado pelos gritos dos camaradas no pontal, redrobava o esforço para se apoderar da presa fiando-se em si.

Os outros tres acossavam não menos empenhadamente Vieira, como a pessoa mais qualificada.

Estavam os fugitivos a pequena distancia da beira opposta. Todavia ambos pareciam irremediavelmente perdidos.

Ayres sentia já a respiração violenta do seu adversario. Voltando o rosto viu-o alongando o braço para colhel-o.

Como se terá já colhido dos varios lances d'esta historia, as resoluções do arcabuzeiro são, em taes extremidades, tam rapidas como bem concertadas. Mergulha de repente em quanto o hollandez involuntariamente avança no impulso que leva, com

maravilhosa presteza surge atraz delle, e impelle-o para a margem com impeto irresistivel. A inesperada e atrevida manobra turba o hollandez, preado quando julgava prear. Tenta margulhar tambem; Ayres sustem-n'o pelo cinto, não o deixa resfolegar, e leva-o d'um arrancada até a beira que ali se inclina em facil acclive.

Tomaram ambos pé simultaneamente com agua pelos peitos.

O hollandez levava, além do mosquete traçado, a adaga nua no cinto. Davam-lhe as armas vantagem incontestavel, e em terreno firme decisiva.

Assim pelo menos se devia crer; mas com Ayres não havia que fiar.

Tanto que abordaram, o arcabuzeiro deitou as mãos ao mosquete do hollandez, e deu dois passos para o lado. Depois, puxando o mosquete para si com o vigor que já se lhe conhece, derribou o inimigo, e arrastou-o galgando a ladeira.

O hollandez, atordoado e meio estrangulado pela bandoleira de corda, aferrou-se convulsamente ao solo fazendo firmeza para resistir.

Quando Ayres chegava ao alto da rampa despedido na carreira, o mosquete fugiu-lhe das mãos.

O hollandez, respirando emfim, quiz levantar-se em continente, apoiando a mão esquerda no chão, e mettendo a direita á adaga.

O arcabuzeiro não lhe deu tempo. Mal o antagonista se arqueava para erguer-se, caiu sobre

elle, enlaçou-o pelo meio do corpo tomando-lhe os braços e alçou-o ao ar voltando-o para os tiros dos seus camaradas pouco mais ou menos como o famoso Milon de Crotona suspendia na arena os athletas rivaes, ou como Hercules venceu a luta contra Antheo.

Dera-se Ayres perfeitamente com o expediente do escudo humano: repetia-o sem se affligir do plagiato.

Via tudo o commandante da escolta, e espumava de ira. Os mosqueteiros hollandezes não ousavam fazer fogo, temendo sacrificar o camarada juntamente com o fugitivo.

O broquel de Ayres era por tanto efficaz; mas d'esta vez muito menos passivo do que o fôra o judeu.

Forcejava o hollandez com desesperada furia por se desempecer do arcabuzeiro, ou tolhel-o; mas os musculos d'este eram como temperados de ferro. Apesar de todos os esforços do adversario, Ayres ia lentamente recuando e medindo o caminho sem vacillar.

D'ahi a pouco, triumphalmente abraçado ao seu perseguidor, tornado involuntaria defesa e aprisionado tropheu, sumiu-se no matto espesso, cujo conhecido abrigo não cessara de procurar com os olhos.

Ao tempo em que se passava esta scena, tinha logar, a pequena distancia, outra não menos interessante.

Havia tambem Vieira traçado o seu plano. Expressamente escolhera para abordar o ponto que parecia mais inaccessivel. Era uma quebrada profunda. Levantava-se ali a margem alta e aprumada. Em vez do suave esconso que mais abaixo fazia o terreno alcantilado, comido das correntes refluidas, figurava no corte perpendicular uma aspera muralha.

Caía n'aquelle sitio, graciosamente debruçada na agua como para lhe beber a frescura, a extremidade grossa e flexivel de um cipó verde, que a poucos passos engrinaldava o tronco de um vinhatico enorme, e, coleando pela terra, descia á ribeira. Era uma especie de sarmentosa, de rija fibra, e tam longa, tam longa, que enleiando fortemente a arvore, vinha quasi beijar o rio.

Vieira conhecia bem a gigantesca planta, e contava-a por auxiliar.

Cortou direito a esta paragem. Os que o viram julgaram-n'o tresvariado.

Tem a caça humana a sua attracção inebriante. Os tres hollandezes perseguiam-n'o ardentes no alcance. Vinham, como os Curiacios, reciprocamente distanciados, segundo a diversa medida de suas forças.

Chegando ao termo desejado, Vieira lançou mão ao cipó, pendente como um braço valedor, e respirou largamente para recolher as forças. Julgou-o extenuado o hollandez mais proximo, e avançou com

ardor maior. Deixou-o Vieira approximar, como se o não sentira; e, largando a ponto o cipó, voltou-se para elle subitamente, nadando ao seu encontro.

O hollandez pensava em atacar, mas nem julgava possivel ser atacado. Stupefacto e colhido de improviso, sem curar de si, sem bem saber o que fazia, quiz cingir nos braços o mancebo, que vinha, porque assim digamos, lançar-se n'elles.

Mas já a mão rapida e experta de Vieira lhe arrancara a adaga do cinto, e lh'a embebera na garganta por cima da gorgeira. N'um relance, e quasi do mesmo golpe, o temerario moço cortou-lhe velozmente o bandoleira do mosquete, e por ella suspendeu a arma antes que esta se afundisse.

O hollandez gargarejou um gemido, açoitou a agua na convulsão de agonia, e submergiu-se.

Os outros dois, sem poderem ainda avaliar completamente o que succedêra, puxavam quanto podiam; Vieira segurou nos dentes a bandoleira com o mosquete appenso, e mettendo no cinto a adaga conquistada, entestou de novo para a margem.

Chegando ali, colheu de novo o cipó, alou-o a si até o estirar e subiu por elle á força de braços, como por um cabo o podéra fazer o mais consummado maritimo.

Em quanto subia, uma saraivada de peloiros veio estrellar-se-lhe aos lados nos seixos da riba, com a rara felicidade de só um lhe roçar o hombro.

O movimento oscillatorio d'esta ascenção gloriosa contribuira provavelmente para salval-o.

Vieira, pendente ainda sobre o rio, attingia quasi a orla superior quando os hollandezes restantes nadavam litteralmente no sangue do seu companheiro, que tingia a superficie das aguas.

Rugindo de furia, e vendo a disposição do terreno, os perseguidores separaram-se, e foram tomar pé, um abaixo outro acima do ponto a que o mancebo se içara.

Na margem fronteira, o commandante da escolta blasphemou um desatino. Em torno d'elle, os prisioneiros saudaram a audacia feliz dos fugitivos, sorrindo com o sorriso tranquillo, que teem os heroes e os martyres.

Já no cimo da empinada riba, Vieira, em vez de se deitar por terra e acoitar-se entre os carçaes, como pedia a prudencia, ergueu-se em pé, e floreando no ar o mosquete como um tropheu, levantou o conhecido e já immortal grito, desafio aos inimigos apinhados, consolação aos amigos captivos:

— S. Jorge pelos Brazis!

— Fogo, fogo! — bradou impetuosamente o official hollandez aos seus mosqueteiros, que tinham activamente carregado de novo.

Á acclamação heroica respondeu segunda descarga!

Quando a fumarada se dissipou, o mancebo, que os hollandezes julgavam crivado, entranhava-se como Ayres pelo mato, de mosquete ao hombro, no seu passo ordinario.

XXII

O fim da luta

Muito haviam feito os nossos dois amigos pela sua salvação. Não pouco porém lhes faltava ainda.

Dos quatro perseguidores, um só ficara absolutamente impossibilitado de prejudicar-lhes. Havia pois ainda tres completamente armados.

O que Ayres convertera de offensor em defensor, se bem que momentaneamente paralysado, não parecia homem de ficar em ocio dês que tivesse os braços livres e tocasse o chão com os pés.

Em verdade não podia áquelle o mosquete servir já de muito como arma de fogo; mas podia prestar-lhe grande serviço como clava ou massa de guerra, e a adaga, que não largara, funccionaria provavelmente á custa do arcabuzeiro se este lhe désse largas.

Ayres desarmado não havia de ficar eternamente abraçado ao hollandez. Era de dar brado a carga; mas o veterano, que em certas occasiões sabia ser superior ás tentações da gloria, meditava seriamente no modo de se alliviar do peso com o menor inconveniente seu.

Os dois ultimos hollandezes haviam manobrado na intenção visivel de cortar o passo a Vieira. Além d'isso, Vanderburgo, ouvido o tiroteio, quereria provavelmente saber o occorrido, e sabendo-o, poderia acaso enviar novos nadadores.

Cumpria portanto aviar.

Vieira conhecia admiravelmente os trilhos do mato, e podia promptamente evitar os riscos mettendo-se pela floresta dentro.

Mas o camarada? A situação em que se achava Ayres, sem armas, carregado com um hollandez, na perspectiva de encontrar outro, e talvez dois, era para dar cuidado.

Ainda que o arcabuzeiro possuisse na carreira a velocidade de Atlanta, ou as artes da princeza Crimhilda, não poderia brilhar pela prenda. Em vez de pomos de oiro, ou punhados de pedrarias, para espalhar na liça, tinha nos braços um marinheiro robusto, que perneava soffrivelmente, sacudindo o seu antagonista, pouco mais ou menos como um quadrumano sacudiria um ramo de coqueiro. Corria por tanto graves contingencias.

Calculou tudo isto o mancebo. Vira elle a reti-

rada brilhante do arcabuzeiro, e a direcção que levava; observara tambem o movimento dos dois hollandezes e facilmente lhes percebera o intuito.

Isto bastou para o orientar e decidir.

Endireitou para o lado onde presumia encontrar o arcabuzeiro, que não podia andar muito afastado.

A altura e espessura do mato não o deixavam descobrir longe. Parou para interrogar os sons. Estava tudo em silencio. Este silencio inquietou-o.

De repente uma praga formidavel, cuja intonação lhe era familiar, soou-lhe a pouca distancia, attrahindo-o e estimulando-lhe o ardor.

Deixámos Ayres com a sua presa, que o fatigava consideravelmente. Explorava elle a um e outro lado com os olhos o terreno, tanto quanto lh'o permittiam os meneios furibundos do hollandez e a corpulencia delle. Esperava que a sua boa fortuna lhe proporcionasse alguma ribanceira, caverna ou charco, onde o estatelasse e estoirasse. Com este cuidado ia desattento aos pequenos obstaculos do piso.

O arcabuzeiro imitava, sem o saber, o philosopho, que, investigando os astros, não viu o poço.

Não um poço, mas uma raiz de cacto silvestre causou o fracasso do arcabuzeiro, que, além de comparavel ao philosopho, o podéra ser tambem aos dois heroes de Troya e Grecia — Eneas por ajoujado como seu Anchises de contrabando — Achilles por colhido no calcanhar.

Ayres, tropeçando, perdeu o equilibrio como o fizera perder ao hollandez. O hollandez com o estremecimento da queda conseguiu voltar-se, e lograria soltar-se de todo, se o arcabuseiro, na ancia do perigo, não o apertara de novo a si com furia sobrenatural.

Por uma inversão, frequente na vida, o volumoso marinheiro dos Estados, face a face com o inimigo, ficou por cima deste, desastrosamente estendido n'um leito de que bem podia dizer como o imperador Guatimozin: « que não era de rosas. »

Inutil será mencionar que o hollandez sentiu um grande allivio e satisfação interior com este reviramento de fortuna, cuja primeira consequencia era não esperdiçar o nosso Ayres nem um escrópulo das sete ou oito arrobas que podia pesar o maritimo de Flessinga, engordado a batata, circumstancia de que naquelle momento dava graças a Luthero e a Calvino.

A posição de Ayres, além de excessivamente incommoda, tornava-se cada vez mais arriscada. Caindo, tivera o arcabuzeiro, como se viu, o accordo de não deixar livre o inimigo, concentrando todas as suas forças em apertal-o mais e mais contra si, sem o que estava irremediavelmente perdido.

Seguiu-se nova luta, uma luta horrenda e temerosa.

O hollandez, achando ponto de apoio, entalou sob os joelhos os joelhos de Ayres, para evitar que este, arqueando se, o lançasse de lado; e, tomando elle

uma curvatura potente, fincando a cabeça na cabeça do antagonista como lhe cravava os joelhos nos joelhos, fazia esforços obstinados para romper a cadêa dos braços tremendos, que lhe paralysavam completamente o movimento aos seus.

Era difficil resistir á força combinada desta especie de alavanca humana. Só uma prodigiosa tensão dos musculos, impossivel de continuar por muito tempo, fazia com que Ayres não tivesse já succumbido.

Mettia medo olhar para aquelles dois homens, em que á natural robustez se juntava o impeto das paixões e a angustia da morte imminente. Horrorisava observal-os assim, a fronte contra a fronte, os olhos fitos nos olhos, inflammadas as pupillas, os labios arregaçados, e cada tendão incrustado no corpo do contrario!

Se não fôra a postura, crêra-se um abraço fraterno. Era um abraço mortal.

D'aquelle esforço potente, herculeo, supremo, resultava uma immobilidade terrivel de ver.

Neutralisavam-se reciprocamante as forças, porque a vantagem da posição cabia ao hollandez; mas era facil prever o desenlace.

Conhecia-o Ayres, e por isso desatara a imprecação, que servira a Vieira como a estrella aos reis magos.

Meio suffocado pelo peso do hollandez, e não podendo já resistir ao impulso tenaz do adver-

sario, dava o arcabuzeiro a todos os diabos a executação infeliz de um plano tão bem traçado e começado, quando, ramalhando o matto, appareceu abrindo passagem o moço commandante dos voluntarios.

Mas ao mesmo tempo, da banda da margem, accorria o segundo hollandez, attrahido tambem pelo som da praga furiosa de Ayres.

Ayres continuava pois nas mesmas contingencias. A intervenção de Vieira seria decisiva, se não fôra a apparição inopportuna do outro hollandez.

Proseguia portanto o combate nas mesmas condições: havia só mais dois combatentes.

Ouvindo a voz conhecida de Vieira, julgou-se o arcabuzeiro salvo, e, fortalecido com esta esperança, querendo acaso decidir por si a victoria, tal empuchão deu, que esteve a ponto de arremessar effectivamente de lado o contendor, o que talvez lhe offerecesse probabilidades de triumpho.

Foi porém momentanea esta melhoria. A presença do segundo hollandez, produzindo no animo do competidor de Ayres o mesmo effeito que n'este fizera a de Vieira, em breve restabeleceu o equilibrio.

Quanto ao mancebo, o mesmo foi dar com os olhos n'aquelle novo inimigo, que arremetter para elle com o seu impeto costumado.

Dependia tudo da rapidez e exito do segundo combate: este resolveria o primeiro.

Comprehendeu-o Vieira. Sentiam-n'o egualmente os dois athletas, que a poucos passos empenhavam todas as suas forças n'um enlace mortifero.

O hollandez opposto a Vieira mediu prudentemente o espaço, e, achando-se mais perto dos dois lutadores, pensou que teria tempo de esmagar a cabeça ao arcabuzeiro antes de se achar ao alcance do moço voluntario. Ganhava assim um auxiliar contra este.

Dito e feito. Corre para os dois, grita ao camarada que afaste a cabeça, levanta o mosquete ás mãos ambas pelo cano, e Ayres, sem poder largar o inimigo, sem poder guardar-se, vê sobre o rosto a coronha calçada de ferro, julgando inevitavel a ultima hora.

Desafogou em segunda praga, mais energica do que a outra.

Como que as pragas de Ayres possuiam certa virtude preservativa.

A pesada arma, descendo, encontrou já o mosquete de Vieira, que, mais veloz e não menos vigoroso que o hollandez, estava com este.

Foi terrivel o embate. As coronhas voaram em pedaços, como as lanças dos justadores antigos topando-se em cheio na arena.

Recuaram os dois n'um movimento unanime, e, fitando-se, metteram simultaneamente mão ás adagas.

Os dois hollandezes animavam-se com palavras

furiosos. A vergonha e o desar de tão prolongada luta contra fugitivos inermes haviam tornado n'aquelles homens os primeiros estimulos em paroxismo de raiva.

Ayres, entretanto, extenuado do longo esforço, cedia pouco a pouco ao impulso do seu inimigo, que ia cada vez ganhando maior curvatura, e por consequencia maior impulso.

Eram dois duellos horrorosos, um ao pé do outro, um ao lado do outro — duas agonias mutuamente dependentes.

Percebeu o arcabuzeiro que dentro em minutos, em segundos talvez, estaria a sua vida nas mãos do hollandez, e lançou os olhos a Vieira.

Vieira não o perdia de vista: ainda bem não arremessara o mosquete partido, caiu logo de adaga feita sobre o hollandez que se lhe oppunha.

Teve este apenas tempo de aparar com o braço esquerdo: o ferro furioso atravessou-lh'o de lado a lado. No mesmo instante Vieira recuou de um salto: sentira contra o peito o frio contacto da lamina do hollandez.

O sangue corria de ambos até ao chão. O hollandez estava livido. Vieira, que nunca perdia a serenidade, sorria de um sorriso nervoso e medonho.

Aquelle combate de arma branca, o braço ao alcance do braço, o peito sob o gume de ferro, tão proximos, a sentir cada qual os anhelitos furibun-

dos do inimigo, não era menos temeroso do que o abraço convulsivo dos outros dois.

Julgáreis ver os lutadores e dimacharios dos sangrentos circos romanos, disputando a taça de oiro e os applausos barbaros do povo rei!

Vieira e o segundo hollandez separaram-se de novo, fuzilando raios dos olhos injectados. Separavam-se para se assaltarem mais terrivelmente ainda!

Desta vez, cada um delles calculava o golpe e a astucia para tornar decisivo o encontro.

Nunca fôra tam temerosa a situação. Concentravam-se as faculdades dos contendores, multiplicando-se por todos os graus da sua anciedade.

N'isto conseguiu o primeiro hollandez desempecer-se dos braços de Ayres Gil, desligando as mãos que lentamente haviam cedido á dilatação successiva e irresistivel

Soltou aquelle um grito de triumpho; Ayres nenhuma imprecação já. Media a sua sorte n'um silencio de agonia.

D'ali por diante, mais do que a sua vida, a vida de Vieira, estava á mercê d'este inimigo, que se levantava armado e vingativo.

Tanto que se viu solto, o hollandez apoiou-se na mão direita; e, curvo ainda como estava, com o arcabuzeiro subjugado debaixo do seu peso, levou a esquerda á adaga que tinha no cinto para acabar sem mais demora o adversario.

Deitou-o a perder esta precipitação. Ayres, per-

cebendo-lhe n'um relance a imprudencia, acudiu rapidamente. Com uma das mãos fixou a mão do hollandez contra o punho de ferro da adaga, esmagando-lh'a na compressão, e impedindo-o de fazer uso da arma.

Ao mesmo tempo, retrahia com a outra o braço, em que o hollandez firmava o corpo. Perdido aquelle apoio, recaía este, e ficava em peior posição do que antes.

Para melhor se comprehender o lance, cumpre não esquecer que o arcabuzeiro, deitado de costas, tinha livres os braços ambos, ao passo que o hollandez, sujeitando-lhe meio corpo com os joelhos, carecia de apoiar na terra uma das mãos, já para sair da posição horisontal que lhe inutilisava as armas, já para conservar a vantagem que depois de tantas diligencias obtivera.

Tudo estava em saber se o hollandez conseguiria tirar do cinto a adaga.

O esforço, que este era obrigado a empregar para conservar o braço direito na posição referida, afrouxava o impulso necessario á mão da adaga. Ayres, pelo contrario, concentrava neste ponto todas as suas forças, porque, se o hollandez cedendo á dôr, largasse a arma, ficar-lhe-hia esta nas mãos, e na situação em que se achava era de certo a salvação.

Gemeu o hollandez com o novo genero de tortura. Aljofarava-lhe um suor frio a extremidade dos cabellos hirtos. Uma nuvem sanguinea lhe toldava

os olhos. Revelava nas contracções do rosto a dupla expressão do odio e do martyrio.

E Ayres a apertar, a apertar, a triturar com a mão rija e callosa os dedos do inimigo contra os copos da adaga!

A sede da vingança immediata cegára o hollandez. Se elle se erguera promptamente, achar-se-hia armado e fóra do terrivel alcance do arcabuzeiro antes que este podesse ser senhor de si.

—Animo, Ayres! bradou Vieira sem perder de vista o adversario.

N'este ponto o hollandez opposto ao mancebo, julgando este distraído, caíu sobre elle.

Vieira contava com o ataque, e esperava-o. Furtando-lhe agilmente o corpo, o hollandez só feriu o vacuo. No comenos a adaga do mancebo desappareceu até ás guardas no lado desarmado do infeliz, que foi ao chão sem um suspiro, salpicando o companheiro tomado de horror.

—S. Jorge pelos Brazis! gritou Vieira triumphante correndo para Ayres.

—Victoria! bradou este, mostrando a adaga arrancada ao hollandez, que finalmente cedêra caindo de lado, meio desmaiado de dôr e com gestos supplicando a vida!

Pedia a vida o hollandez, porque na patria outra deixára pendente da sua!

—Sangue inutil não, Ayres!—clamou o mancebo intercedendo. Este homem é prisioneiro.

—Prisioneiro dizeis?—replicou Ayres apontando para a extremidade da clareira onde se passava o combate.—É cedo. Olhae por vós.

Indicava elle o terceiro hollandez, que aportára acima do ponto em que Vieira subira, e que, se os leitores bem se lembram, conservava o mosquete.

Tivéra este ultimo a precaução de enxugar cuidadosamente a arma, de carregal-a, ferir lume, e accender o morrão de corda prudentemente resguardado.

Estava o novo inimigo a pouco mais de vinte passos, e mirava n'aquella direcção, hesitando só por ver a situação do camarada. Tinha procurado Vieira por entre o matto, presentira o rumor da luta e chegára a tempo de intervir ainda.

Nova complicação n'esta peleja interminavel.

Ayres não tivéra ainda tempo de se melhorar de todo. O seu antagonista reanimou-se com o incidente, conseguio n'este intervallo por-se em pé de um salto, e empunhar o mosquete que tinha ainda traçado no hombro.

Ayres ergueu-se logo tambem.

A posição dos nossos dois amigos, depois de tantas alternativas e vicissitudes, podia considerar-se de todo desesperada no proprio momento do triumpho.

Os dois hollandezes deram-lhes a entender que se rendessem.

Ayres coçou a orelha e apertou a adaga nas mãos.

Vieira tornou a sorrir d'aquelle seu sorriso, pallido e agoureiro, que nas occasiões de risco supremo, como este, o fazia tão terrivel.

Um pelo menos seria victima do mosqueteiro distante, que o fuzilaria a salvo. O que ficasse teria contra si dois homens superiormente armados.

Parecia inevitavel.

Não era porém menos evidente, que nem um nem outro se mostrava disposto a ceder ao convite.

Tinham ambos passado por taes aperturas, que ainda n'esta os não abandonava a confiança. Conheceram os hollandezes a resolução dos dois, e concluiram que lhes cumpria não vacillar mais.

O adversario de Ayres avançou para este ; o outro mosqueteiro fixou a pontaria sobre Vieira.

Passava-se tudo isto sob um céo claro e limpido. Como que a natureza serena sorria indifferente ás lutas pequenas dos homens.

Era porém o dia das peripecias subitas.

No momento em que o hollandez, encostando o mosquete a um tronco, ía chegar o morrão, ouviu-se um silvo tenue e agudo no meio do silencio mortal desta scena, e em vez de despedir o tiro o mosqueteiro cambaleou e caiu para trás.

Conhecia Vieira aquelle genero de silvos e de novo bradou :

— S. Jorge pelos Brazis, Ayres !

No mesmo ponto sahiu do matto o Potyguarassu, o chefe taboyar que já se entreviu n'esta narrativa.

A frecha do gentio pregara no hombro do hollandez o braço levantado no acto de fazer fogo.

O Potyguarassu, sobrevindo tanto a tempo no derradeiro lance, prestara o auxilio decisivo.

O hollandez ferido e o seu camarada prisioneiro, sob a guarda de Ayres Gil e Vieira, serviram de tropheus á victoria, e de attestados ao miraculoso livramento.

XXIII

O incendio

A armada hollandeza, esperando que as tropas desimpedidas lhe facilitassem o accesso da barra, vigiava estreitamente a costa.

No porto ancoravam trinta navios portuguezes carregados de mercadorias, que não tinham podido, nem podiam, ser removidas em tão pouco tempo quando tinham tão diversa occupação os braços resolutos.

Estes despojos opimos iam ser presa do vencedor, pagar-lhe os esforços, avivar-lhe a cobiça, e contribuir para estabelecer longamente o seu dominio.

Pertenciam em grande parte os seus carregamentos aos opulentos fazendeiros, que se haviam congregado em torno do capitão mór, em geral pessoas

da nobreza, e todos homens dos principaes da capitania. Muitos d'aquelles valores, e não dos somenos, eram propriedade particular de Mathias d'Albuquerque e de seus irmãos, que tinham bens na Bahia, em Pernambuco, e Parahiba.

Mathias d'Albuquerque, rendido o forte de S. Jorge, mandou evacuar o Recife, que já não tinha defesa. Apenas deixou na chamada praça alguns arcabuzeiros, camaradas de Ayres, veteranos das companhias de soldo. Eram seus conhecidos antigos; podia contar com elles para tudo.

Estavam aquelles homens costumados a nem raciocinar as ordens recebidas. Cumpria que assim fosse para o que Mathias d'Albuquerque d'elles queria.

Ficavam-lhes em guarda tentações capazes de fazer vacillar as mais solidas virtudes.

O Capitão-mór andou pessoalmente pelos armazens e pelos navios dispondo fachinas cobertas de alcatrão, resina, e outras materias facilmente inflammaveis que não faltavam ali, os artificios de fogo que lhe tinham sobrado na praça, e uma rede de estopins, tudo artisticamente accommodado e ordenado. Esta rede cingia os navios desde as cavernas até aos topes, e abraçava os edificios desde o piso até aos tectos.

Em nenhuma das disposições preliminares d'esta guerra mostrara ainda tanto desvelo o previdente chefe.

Terminava elle estes preparativos quando se lhe apresentaram Vieira e Ayres.

Contou o moço em breves palavras as derradeiras aventuras e redempção de ambos.

O capitão-mór, que os não esperava, para mostrar quanto folgara em vel-os, e em ouvir o narrador, disse para este:

— Fallaremos depois, e muito hemos de fallar. Agora quero dar-vos os agradecimentos e as boas vindas.

— Agradecimentos!

— Agradecimentos; e não podereis recusal-os, Vieira. A ponto nos chegaes. Precisava justamente de um homem como vós, e não tinha certeza de encontral-o. Requeiro-vos novo serviço.

— Mandae.

— E a Ayres tambem. Deus foi certamente, foi Deus que vos salvou e vos envia.

— Oh! senhor meu!

— Digo o que sinto. Vinde commigo.

Levando-os na sua companhia a fazer a ultima inspecção dos armazens e navios, foi-lhes explicando o engenhoso systema de rastilhos que havia estendido e predisposto.

— Que vos parece? — continuou para o moço Vieira, voltando ao Recife.

— Parece-me que algumas horas bastariam para...

— Parece-vos bem.

Depois, inclinando-se-lhe ao ouvido, deu-lhe uma

ordem breve, que o mancebo recebeu sem o menor signal de espanto nem o mais leve indicio de recusa.

—Tudo? — perguntou apenas, como para bem comprehender.

—Tudo—affirmou o capitão-mór em tom absoluto.

—Será cumprido.

Despediu-se Mathias d'Albuquerque recommendando particularmente a Ayres que obedecesse a Vieira. N'este ponto o arcabuzeiro já não carecia de estimulos.

O forte de S. Francisco da Barra fôra investido do lado da terra, logo que o de S. Jorge se rendera. A resistencia aqui, vimol-o desde o principio, era impossivel.

Ao cair do dia em que Mathias d'Albuquerque saiu definitivamente do Recife, o commandante d'esta ultima posição, prevenido por um signal do capitão-mór, pediu capitulação.

N'essa noite um silencio lugubre pesava sobre a praça e o porto. Mal se entreviam no convez dos navios, ou em frente das tercenas, os vultos immoveis dos arcabuzeiros de soldo, firme cada qual no seu posto.

Vieira, segundo o seu costume, rondou toda a noite para conservar álerta as sentinellas; Ayres imitou-o.

Ao quarto d'alva estavam ambos no Recife espe-

não tirava os olhos da fortaleza da Barra. Assoprava o arcabuzeiro a miudo a corda de um mosquete que tinha ao pé, avivando-lhe cuidadosamente o lume.

— Que vos parece o modo de agradecer que tem o nosso capitão-mór, sr. Vieira? — perguntou Ayres ao mancebo.

— O melhor, e o mais honroso. Que maior premio que tal confiança?

— Não digo que não, mas não dá tempo sequer a um homem se refazer. Ainda bem não está acabada uma, logo outra.

— Nada está acabado, Ayres, em quanto o estrangeiro pisa a terra da patria. Aqui tal encargo é o mais subido premio, e dal-o é mostrar que se merece. Digo-vos que sabe agradecer como ninguem, o nosso capitão-mór.

— Pois sim, mas sempre vos observarei, salvo o respeito, que depois da lida de hontem não me soubera mal descançar.

— Não é descanço, isto? Tempo sobrará quando não tivermos o inimigo em casa. Demais, não é de perigo o feito que nos ora incumbe o sr. capitão mór.

— De perigo não, mas de enfado. Perderem-se tantas coisas! É uma dor de coração!

— E na mão dos hollandezes não ficavam ellas mais perdidas?

— Tanta pipa de vinho generoso, sem que uma alma christã possa aproveitar-se...

—Doe-vos isso?

— E penso que não é sem razão.

—Então porque vos não aproveitastes, dizei?

—Eu!

—Vós sim, Ayres.

—Ayres Gil tocar... n'um cangirão que fosse! E depois de saber as ordens! Ainda que estivesse com a lingua de fóra! Na verdade, um homem aqui no meio de tudo isto, é como se estivera a arder em sede ao pé de um rio. Fez-me lembrar... lembrou-me, não no escondo... mas Ayres, em sendo caso de serviço, tem mão em si, e nem por todo o oiro de Minas... Se as sedes apertarem, o Biberibe está perto.

—Ahi vereis como vos reconhece essas prendas de soldado quem tanto n'ellas se fia.

—É o mesmo. Não se me abranda com isso a pena do estrago. Quer-me parecer que em quanto nós, no forte, detinhamos os hollandezes, bem podiam aqui ter despejado os armazens e os navios, que tudo viria a servir a seu tempo.

—Tirou-se o que se poude, o essencial. Mais não podia ser. Com que braços? Os homens da cidade andam quasi todos fugidos. Dos moços do porto poucos ficaram, e esses eram precisos para acudir a misteres de maior instancia, como logo vereis nos reaes. Perde-se muita riqueza. Que tem? É para se não perder outra maior, a nossa terra.

—Se esse é o vosso parecer...

— E o vosso tambem, Ayres.

— Eu, a bem dizer, nem já sei qual é a minha terra. Tenho visto tantas!

— Sabeis. É onde está a nossa bandeira.

— Oh! isso é!

— É pois tambem o vosso parecer e o vosso sentir, que não menos vos conheço.

— A respeito de bandeira olhae, sr. Vieira... Se me não engana o lusco fusco da madrugada, não é a de Hollanda a que lá em baixo içam no forte da Barra?

— Dizeis bem, é.

— Já?

— Com isso deviamos contar.

— Embora: sempre custa!

— E em breve não tardará a frota. É occasião, Ayres.

— Venham, venham. Pois que ainda não vem bem clareado o dia, alumiemos-lhe o caminho.

Dizendo, o arcabuzeiro assentou negligentemente o mosquete no parapeito da estacada, e chegou fogo.

A detonação foi longamente repetida pelos eccos.

No mesmo instante, por entre a nebrina de manhã, brilhou subitamente a bordo de cada navio extensa rede de fogo. Das tercenas alevantou-se uma fumarada espessa. Alguns negros, forçando a voga aos bateis, foram percorrendo as embarcações fun-

deadas, e recolhendo os arcabuzeiros, dispersos n'ellas, que em breve se reuniram a Vieira e Ayres, tomando todos juntos o caminho da ilha.

Além da ribeira dos Afogados, que se podia considerar um braço de Capibaribe, estendia-se a planicie. N'essa planicie, entre o Recife e Olinda, a distancia quasi egual de ambos os pontos, elevava-se um monticulo, d'onde era facil descobrir o porto.

Em torno d'aquelle centro principiavam com grande diligencia a levantar-se em semi-circulo algumas fortificações e trincheiras. Este recinto, base da defeza futura, era já conhecido pelo nome de *Reaes do Bom Jesus*, e por elle tinha de ficar immortal.

Ali congregava o capitão-mor as forças de capitania, e exercitava a população válida e armada.

Rompia o sol. Realçava na eminencia um ajuntamento de homens silenciosos e attentos.

Era o capitão-mór com os principaes cabos da milicia, isto é, os mais abastados e poderosos colonos, como se disse.

Observava-se d'aquelle alto uma variada scena, ao mesmo passo curiosa e terrivel.

Dissipára-se o nevoeiro. Avistavam-se aportando á ilha de Santo Antonio os bateis onde vinham os destemidos incendiarios. Divisavam-se no mar alto as naus e galeões dos hollandezes dando á vela para demandar a barra.

Mais perto, o Recife e o porto pareciam um vasto brazeiro. A intensidade do incendio era tal que o ar abrazava.

Serpeando por entre os rolos de fumo avermelhado, as enormes linguas de fogo arremessavam-se como que a lamber o firmamento. Sentia-se quasi a crepitação das chammas, e de tempos em tempos a brisa do mar trazia aos capitães da milicia o acre perfume das proprias riquezas, queimadas em immenso holocausto ao genio da patria. Debalde as lanchas hollandezas, vergando os remos na arrancada, tentaram atalhar o fogo e salvar uma parte ao menos do appetecido espolio. Era temerario, era impossivel permanecer no circulo traçado pelo clarão das chammas. Ardiam os navios até á linha de fluctuação. Amiudavam-se no Recife as explosões das vasilhas de espiritos, que ainda ali tinham ficado com tanto dissabor de Ayres.

As naus nem podiam prestar soccorro, nem approximar-se aos pontos incendiados. Estorvava-as o perigo de tomarem fogo tambem, acrescia o não poderem chegar navios de maior porte ao Pontal e Varadouro onde ancoravam as embarcações mercantes.

De um lado, os hollandezes assistiam desesperados á ruina das suas esperanças, e começavam a presentir as consequencias de uma guerra caracterisada por taes rasgos de constancia e abnegação.

De outro lado, os proprietarios d'estas riquezas

perdidas contemplavam a sua destruição entre consternados e orgulhosos.

Expressamente convocára o capitão-mór os cabos para lhes mostrar o terrivel espectaculo.

Queria de um golpe aguerril-os contra a má ventura, affeiçoal-os ao sacrificio pela mesma grandeza d'elle, exaltar-lhes os espiritos para lhes attenuar a magoa, e imprimir n'um só lance o desprendimento do soldado a uma população de commerciantes.

Effectivamente, passada a primeira sensação de torpor e assombro, não pensaram todos senão em encarecer as vantagens d'esta grande oblação. Calculavam os resultados que teria para os hollandezes a resolução de Mathias d'Albuquerque, admiravam a tranquilla attitude d'este no momento em que, perdendo mais do que nenhum, entregava ás chammas o melhor do seu patrimonio e do patrimonio dos seus. Ninguem queria mostrar-se-lhe inferior no animo.

Isso tem o irremediavel, que muitas vezes o acceitam conformes os proprios que nem ousariam sequer imaginal-o!

Prevaleceu emfim o enthusiasmo na secreta luta. Elevando d'este modo as almas, excitando a um tempo o amor patrio e a aversão aos invasores causa de tal perda, o habil capitão-mór fizera das suas milicias cohortes de heroes.

Precisava d'elles!

Após o silencio longo, rompeu os ares uma ac-

clamação estrepitosa e sincera á terra natal e ao chefe resoluto.

Mathias d'Albuquerque, vendo o incendio na sua força, e reconhecendo a impossibilidade de poderem já os hollandezes aproveitar a mais tenue parcella d'aquella enormidade de thesouros, voltou-se para os cabos de maior nome, e sem de longe alludir ao facto consummado, exclamou com a voz e auctoridade d'uma decisão magnanima:

— Sr. Cavalcante, sr. Berenguer, sr. Lacerda, vós todos quantos aqui sois, í-vos cada qual a vossos quarteis; apressae-lhes dia e noite as obras; exercitae sem folga as vossas companhias. D'ora avante é aqui o meu posto. O porto está perdido; mas os reaes do Bom Jesus estam assentes. A guerra da independencia começa!

Estava com effeito começada!

XXIV

Epilogo

No mesmo dia, pela tarde, aos pés de D. Maria Cezar, a gentil donzella de Berenguer, castamente abrazada de paixão e orgulho, recebia Vieira n'um sorriso a recompensa dos seus sacrificios, e ouvia n'uma pudibunda confissão de amor, promessa de inquebrantavel constancia, o penhor da felicidade futura.

Ayres Gil não tornou a topar micer Arnoldo, o que deixou nas suas mãos o sceptro bachico das Americas.

Mestre Marçal, depois de muitas vicissitudes e aventuras, cujo fio algum dia se retomará, veio a encontrar na Bahia a amavel consorte, que viera expressamente do reino em sua procura, encontro inopinado que lhe fez pena de não ter ficado prisioneiro dos hollandezes.

Antonio de Lima, enviado a Hollanda, foi encerrado no castello de Meronblik, na West-Friza. Ali jazeu 10 annos esquecido o heroe do forte de S. Jorge!

Em 1641, estando já occupado o throno de Portugal por um monarcha portuguez, Mathias d'Albuquerque lembrou-o na corte a Tristão de Mendonça, embaixador na Haya. Tristão de Mendonça, tanto que se assentaram as treguas entre a casa de Bragança e a de Nassau, pediu com instancia a restituição do prisioneiro.

Procuraram-no então: acharam um cadaver!

Feliz o auctor d'estas paginas, se ellas poderem concorrer um instante para resgatar tanto esquecimento e ingratidão!

FIM.

INDICE

O FORTE DE S. JORGE